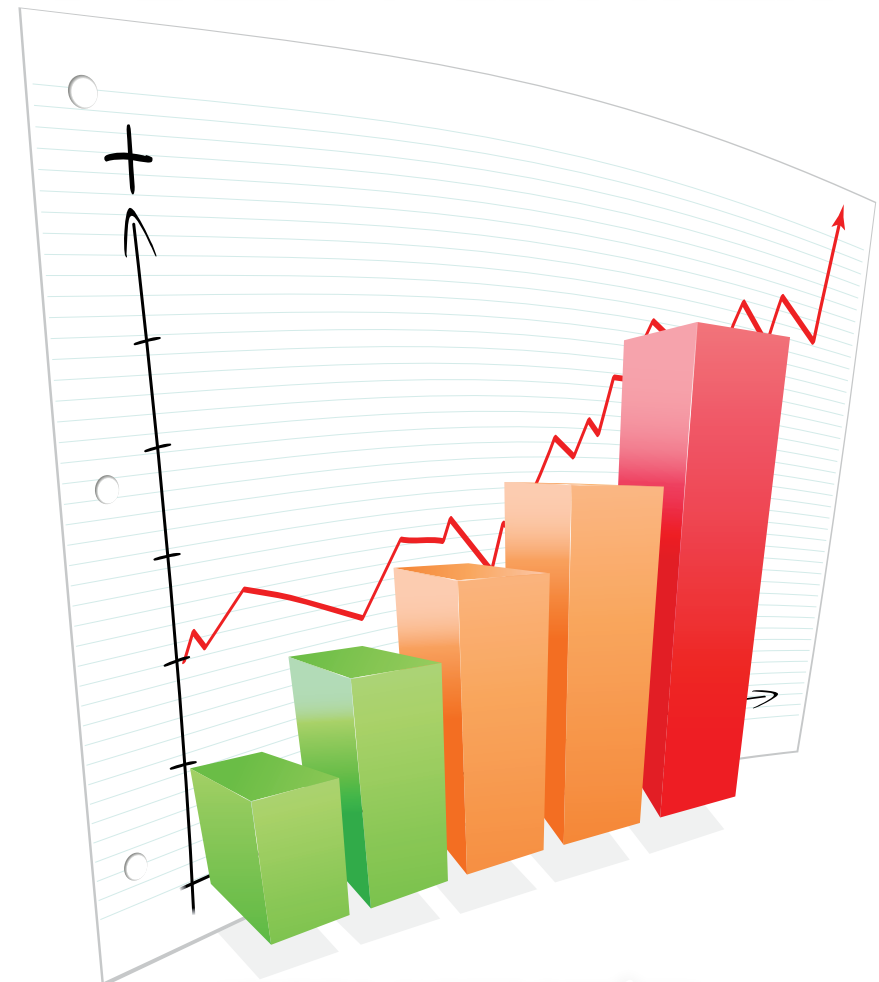


ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA PROCURA DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO E PRIVADO, EM ESPECIAL NA REGIÃO DE LISBOA



**ARLINDO ALEGRE DONÁRIO
RICARDO BORGES DOS SANTOS**

UAL
UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA

ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA PROCURA DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO E PRIVADO, EM ESPECIAL NA REGIÃO DE LISBOA

ARLINDO ALEGRE DONÁRIO
RICARDO BORGES DOS SANTOS

UAL
UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA

**EDI
UAL**
UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
EDITORA



**ANÁLISE DA
EVOLUÇÃO DA PROCURA DO
ENSINO SUPERIOR
PÚBLICO E PRIVADO,
EM ESPECIAL NA REGIÃO DE LISBOA**

**ARLINDO ALEGRE DONÁRIO
RICARDO BORGES DOS SANTOS**

Ficha Técnica:

Título: Análise da evolução da procura do ensino superior público e privado, em especial na região de Lisboa

Autor: Arlindo Alegre Donário e Ricardo Borges dos Santos

Editora: EDIUAL - Universidade Autónoma Editora, S.A.
Rua de Sta. Marta, n.º 56
1169-023 Lisboa

Design e Composição Gráfica: Samuel Ascensão

Impressão:

ISBN: 978-989-8191-08-3

Depósito Legal:

DONÁRIO, Arlindo Alegre; BORGES DOS SANTOS, Ricardo

Análise da evolução da procura do ensino superior público e privado, em especial na região de Lisboa/ Arlindo Alegre Donário, Ricardo Borges dos Santos. -Lisboa: EDIUAL, 2009. -154 p.

ISBN 978-989-8191-08-3

CDU 378.1

ÍNDICE

Introdução	5
I – Elementos para Análise	9
1.1 – Procura Total de Ensino Superior Universitário e Politécnico, Público e Privado, no Continente	10
1.2 – Procura de Ensino Superior Privado, Universitário e Politécnico, no Continente	17
1.3 – Procura de Ensino Superior Total: Universitário e Politécnico, Público e Privado, em Lisboa e Vale do Tejo.....	18
1.4 – Procura de Ensino Superior por Licenciaturas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07	21
1.4.1 – Licenciatura em Direito	21
1.4.2 – Licenciatura em Gestão.....	33
1.4.3 – Licenciatura em Arquitectura	45
1.4.4 – Licenciatura em Ciências da Comunicação.....	56
1.4.5 – Licenciatura em Ciências Informáticas	67
1.4.6 – Licenciatura em Psicologia.....	80
1.4.7 – Licenciatura em Relações Internacionais (RI)	94
II – Modelos Económétricos	105
III – Análise da Empregabilidade de Diplomados nos Subsectores Público e Privado em Portugal Continental.....	108

IV – Conclusões	111
Anexos.....	121

INTRODUÇÃO

O início do ensino superior privado e cooperativo¹ verificou-se em 1978 com a Universidade Livre, com exclusão da Universidade Católica que funcionava ao abrigo da Concordata entre Portugal e a Santa Sé, a qual foi financiada pelo Estado durante várias dezenas de anos.

O ensino superior privado veio assim, quebrar o monopólio do ensino superior que era apenas ministrado pelo sector público e pela Universidade Católica.

Portugal era (e de algum modo continua sendo) um dos países da Europa ocidental onde o número de indivíduos por habitante com graus do ensino superior era dos mais baixos, o que implicava uma formação deficiente ao nível do capital humano, com consequências negativas para o desenvolvimento económico-social do País, através de baixos níveis de produtividade. Com efeito, é sabido - com evidências de estudos científicos realizados em muitos países, sobretudo nos EUA e na Europa - que uma das condições necessárias para o desenvolvimento económico-social de qualquer sociedade é o nível do capital humano.

O grande aumento da procura do ensino superior depois de Abril de 1974, devido às alterações estruturais económico-sociais verificadas, levou a um desajustamento da oferta do ensino superior existente, pelo que o aparecimento do ensino superior privado veio colmatar o *gap* existente, o que foi reconhecido pelo Estado ao criar legislação que permitiu o aparecimento da oferta privada no ensino superior.

O ensino superior privado insere-se no sistema do ensino superior global, visando os mesmos objectivos do ensino superior ministrado pelo sector estatal, em que o interesse público é a principal finalidade, pelo que os princípios gerais que norteiam a oferta de ensino superior público se aplicam ao ensino superior privado, nomeadamente, o reconhecimento pelo Estado das instituições privadas como de interesse público e o reconhecimento dos graus académicos que por essas entidades são atribuídos, em paridade com os graus atribuídos pelas instituições públicas.

O reconhecimento de interesse público² aos estabelecimentos de ensino superior pelo Estado, através do Governo³, é condição essencial para

1 Doravante designaremos o “ensino superior privado e cooperativo” por “ensino privado”

2 Artigo 7.º Estatuto do Ensino Superior Particular e Cooperativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 16/94, de 22 de Janeiro

3 Art.ºs 27º, 33º da Lei n.º 62/2007 de 10 de Setembro

a sua integração no sistema educativo, conferindo às entidades instituidoras a capacidade de gozo dos direitos e faculdades concedidos legalmente às pessoas colectivas de utilidade pública relativamente às actividades conexas, com a criação e o funcionamento desses estabelecimentos, podendo ser atribuído às entidades instituidoras o reconhecimento de utilidade pública⁴, quando não prossigam fins lucrativos.

Assim, podendo o livre funcionamento do mercado do ensino superior privado desviar-se da eficiência óptima e, por conseguinte, do interesse público, gerando-se falhas no mesmo mercado, pelo que existem razões para a intervenção do Estado, de forma a contribuir para maior eficiência e, deste modo, realizar-se mais eficientemente o interesse público.

Contudo, uma vez reconhecido pelo Estado o interesse público das instituições de ensino superior privado, como condição necessária para o seu funcionamento e consequente integração no sistema de ensino superior, para se alcançar a eficiência social, haveria que criar condições concorrenciais em todos os níveis entre o ensino superior privado e o ensino superior público, o que de facto não acontece, designadamente ao nível dos preços (propinas), e ao nível dos processos burocrático-administrativos para a criação e alteração de cursos ministrados no subsector Privado – impondo-se procedimentos complexos com elevada dilação de resolução por parte do Estado-Administração – o que distorce profundamente a concorrência entre os subsectores Privado e Público.

Em consequência, esta situação que se vem mantendo através da regulação do Estado nos domínios referidos, afecta a prossecução da eficiência e do interesse público, não se minimizando, desta forma, os custos sociais, favorecendo-se grupos de interesse (actuando como grupos de pressão), à custa da sociedade em geral e dos indivíduos que frequentam o ensino superior privado, bem como suas famílias, não se maximizando, desta forma, o bem-estar social, logo sendo afectadas a eficiência e a equidade.

Se a elevação do nível de capital humano é uma condição necessária para o desenvolvimento humano (logo social), a criação e funcionamento do ensino superior privado permitiu a milhares de indivíduos a elevação do seu próprio capital humano, com efeitos positivos directos para os mesmos e para a sociedade, através das externalidades positivas que são geradas pela elevação da cultura e do conhecimento dos mesmos.

4 Artº 33º/3 da Lei n.º 62/2007 de 10 de Setembro

A tabela e gráfico seguintes permitem visualizar os dados referentes à evolução do número de diplomados em Portugal nos Ensino Público e Privado.

Quadro nº 1

Evolução do nº de diplomados em Portugal nos ensino público e privado

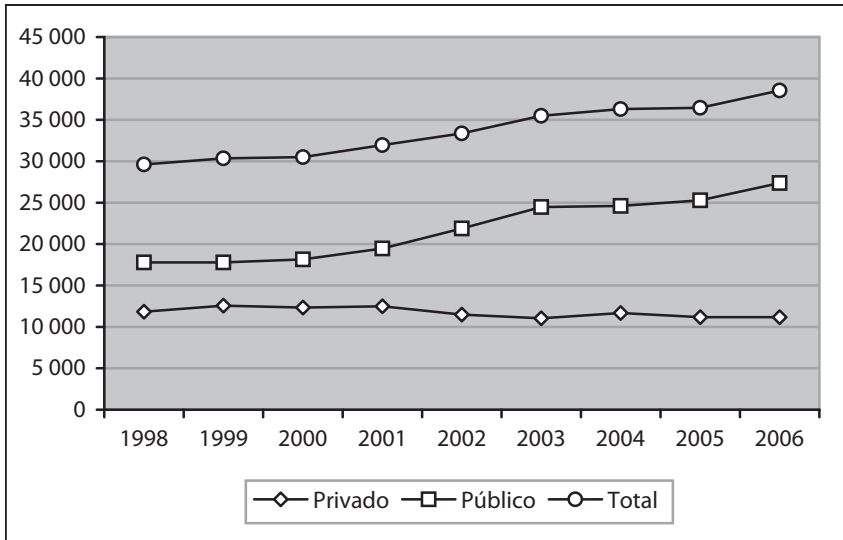
Tipo de tutela		1997-98	1998-99	1999-00	2000-01	2001-02	2002-03	2003-04	2004-05	2005-06
Privado	Polit.	6 750	8 656	9 515	10 039	10 417	10 976	10 135	9 631	10 145
	Univ.	11 825	12 571	12 339	12 484	11 481	11 036	11 679	11 172	11 165
Total - Não Público		18 575	21 227	21 854	22 523	21 898	22 012	21 814	20 803	21 310
Público	Polit.	10 116	12 324	14 242	19 151	20 310	22 037	22 240	23 901	23 142
	Univ.	17 787	17 785	18 159	19 466	21 890	24 462	24 614	25 283	27 376
Total - Público		27 903	30 109	32 401	38 617	42 200	46 499	46 854	49 184	50 518
Total Geral		46 478	51 336	54 255	61 140	64 098	68 511	68 668	69 987	71 828

Fonte: MCTES – Gpeari

O máximo absoluto de diplomados universitários pelo subsector Privado verificou-se no ano 2000/01, e o mínimo em 1997/98, verificando-se uma ligeira tendência decrescente no final do período (voltando a inverter em 2005/06). A evolução no subsector Público foi crescente, com o máximo absoluto atingido neste último ano.

Gráfico nº 1

Evolução do nº de diplomados universitários nos subsectores Público e Privado, em Portugal: Período: 1997/98-2005/06



Fonte: MCTES – Gpeari. Elaboração própria

A tendência global é positiva mas explicada apenas pelo subsector Público. O quadro evidencia que a distorção do mercado global provocada pela discriminação de preços (propinas) entre os dois subsectores desencadeia um forte efeito substituição em favor do subsector Público.

I ELEMENTOS PARA ANÁLISE⁵

São múltiplos os factores que determinam a procura do ensino superior, entre os quais se podem mencionar os de natureza económica, os relacionados com a evolução da população e a sua estrutura por faixas etárias, as expectativas de empregabilidade bem como os de natureza de realização pessoal.

O mercado do ensino superior, por visar também o interesse público, é regulado pelo Estado em várias dimensões, desde a determinação das regras de acesso até à fixação do número de vagas para cada curso por estabelecimento de ensino público e privado.

No ensino superior privado a intervenção do Estado é mais intensa, relativamente ao ensino superior público, verificando-se essas diferenças nomeadamente no respeitante às alterações dos cursos conferentes de grau académico bem como à sua criação.

Como foi referido na introdução, verifica-se no mercado do subsistema de ensino superior privado uma elevada distorção concorrencial, sobretudo consubstanciada no nível diferente das propinas pagas pelos estudantes nos dois subsistemas. As pagas pelos alunos inscritos no ensino superior privado muito superiores às que são pagas no ensino superior público (mas o custo social de formação por aluno no ensino superior público é mais elevado, em média, do que no ensino superior privado).

O preço (propinas) pago pelos alunos do ensino superior público é inferior ao custo de produção, sendo a diferença subsidiada por transferência do Estado. Dado que essa transferência é fundamentalmente financiada por impostos, leva a que os alunos do subsector Privado (ou suas famílias), contribuam também para o financiamento do subsector Público, o que gera uma grave distorção, tanto na equidade como na eficiência social.

Esta situação, que se vem mantendo, gera efeitos de substituição do ensino superior privado pelo ensino superior público, atendendo a que a procura do ensino superior terá uma procura elástica em relação ao preço (propinas). Tal faz com que, em média, a procura pelo ensino superior privado tenda a ser residual, isto é, a procura deste tende a efectivar-se só após a oferta do ensino superior público estar esgotada, com excepções de natureza geográfica ou do período do dia em que o ensino é ministrado.

5 O método utilizado neste estudo foi o do “geral para o particular”.

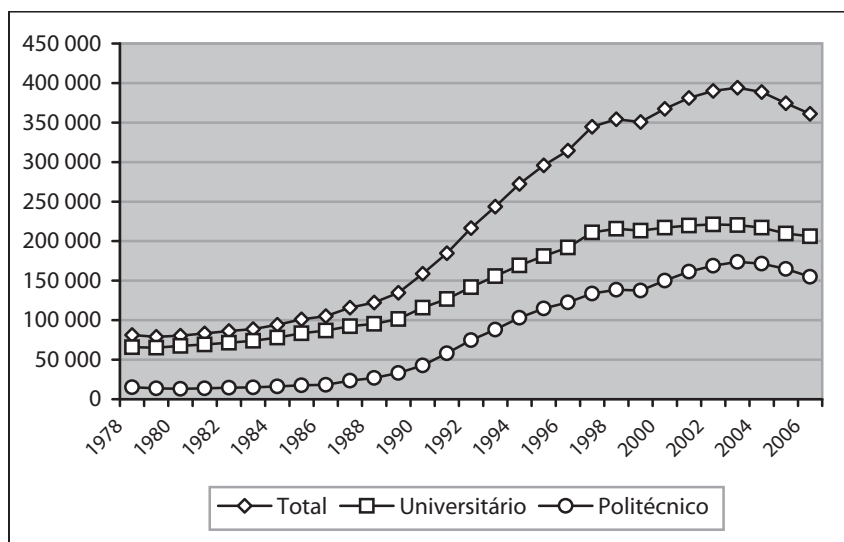
A natureza residual do ensino superior privado pode ser evidenciada pela evolução do número de vagas no ensino superior público, comparada com a evolução do número de inscritos neste subsector do ensino superior.

1.1 – PROCURA TOTAL DE ENSINO SUPERIOR UNIVERSITÁRIO E POLITÉCNICO, PÚBLICO E PRIVADO, NO CONTINENTE

Iniciámos a análise considerando a evolução do número de alunos inscritos no ensino superior (público e privado), no Continente, o que pode ser visualizado no gráfico seguinte:

Gráfico n.º 1.1.1

Evolução do nº de alunos inscritos no ensino superior (**Continente**):
Total, público e privado, universitário e politécnico. Período: 1977/78-2005/06



Fonte: Ministério da Educação. Dados agregados (Veja-se ANEXO 1)

Como se pode observar no gráfico anterior, a taxa de crescimento da procura do ensino superior total (universitário e politécnico, público e privado), foi lenta desde o início do período até ao ano lectivo de 1985/86 (data da adesão de Portugal à então Comunidade Europeia), ano a partir do qual o crescimento se intensificou até ao ano de 1997/98, desacelerando essa

procura no ano de 1998/99, voltando a crescer até 2002/2003. Attingiu neste ano o máximo absoluto do período, após o qual se verificou um decréscimo até ao final.

A procura do ensino superior universitário no período (1977/78-2005/06) atingiu o máximo absoluto em 2001/02, com 221 079 alunos inscritos, data a partir da qual se verificou uma taxa de variação negativa, atingindo então cerca de menos 6% em 2005/06.

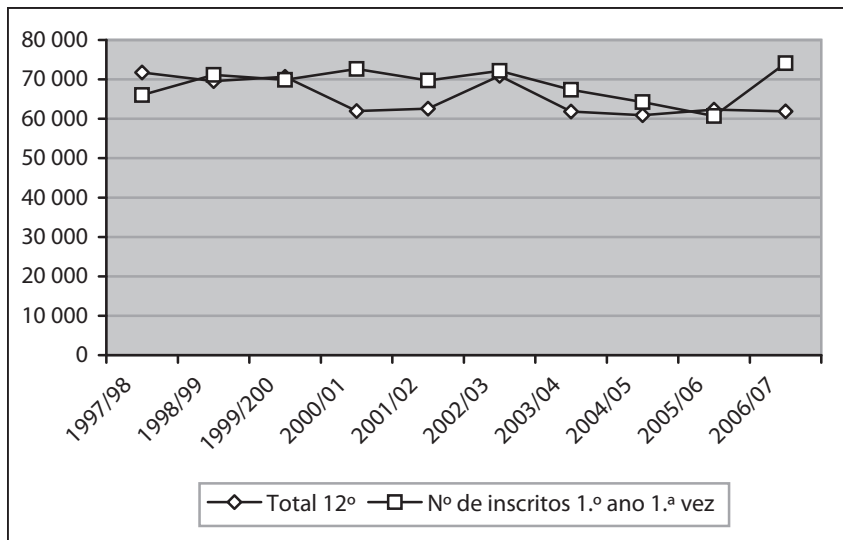
Quanto ao politécnico, a evolução foi similar. Contudo, o máximo de alunos inscritos no politécnico verificou-se no ano lectivo de 2002/2003, data a partir da qual a taxa de variação foi negativa, sendo essa taxa de decréscimo inferior à registada no ensino universitário.

Uma das eventuais causas da diminuição de alunos inscritos no ensino superior, nos últimos anos do período, terá sido o decréscimo de alunos que terminaram o 12.º ano, sem ter em consideração ainda o acesso para maiores de 23 anos. O gráfico seguinte mostra a evolução dos indivíduos que terminaram o 12.º ano e dos alunos inscritos no 1.º ano pela 1.ª vez no ensino superior, no período 1997/98- 2006/2007:

Gráfico n.º 1.1.2

Evolução do nº de alunos que concluíram o 12.º ano e inscritos no ensino superior no 1.º ano, 1.ª vez, total, público e privado, universitário e politécnico.

Período: 1997/98-2006/2007 (**Continente**).



Fonte: Ministério da Educação. Dados agregados (Veja-se ANEXO 2)

Até ao ano de 2005/2006, a entrada no ensino superior era fundamentalmente função dos indivíduos com o 12.º ano. A inscrição no ensino superior no ano de 2006/2007 já foi determinada, também, pela matrícula de alunos maiores de 23 anos, independentemente das habilitações literárias.

O diferencial entre os alunos inscritos pela 1.ª vez no ensino superior no Continente e os alunos que concluíram o 12.º ano a partir do ano 1999/2000, poderá ser explicado:

- a) pelo número de alunos estrangeiros com habilitações que lhes permitiu a inscrição no ensino superior;
- b) pelos alunos com 25 anos de idade ou mais que entraram no ensino superior através dos exames *ad hoc*;
- c) por alunos de cursos técnicos ou outros a quem foi permitida a sua matrícula no ensino superior;
- d) no ano 2006/07 já se verificou o efeito de alunos inscritos ao abrigo da legislação sobre a permissão de inscrição no ensino superior de indivíduos com idade superior a 23 anos.

O máximo absoluto de alunos inscritos pela 1.ª vez, no 1.º ano no ensino superior, para o período até 2005/06 (período sem a influência dos alunos inscritos com idade superior a 23 anos, independentemente das habilitações literárias), verificou-se em 2000/01, atingindo o número de 72 647 alunos, descendo no ano seguinte 4% em relação ao ano anterior, voltando a subir no ano seguinte, atingindo o número de 72 154 alunos para, de seguida decrescer nos três anos seguintes 16% (no somatório dos três anos). O mínimo absoluto atingiu o valor de 60 712 alunos, no ano de 2005/2006.

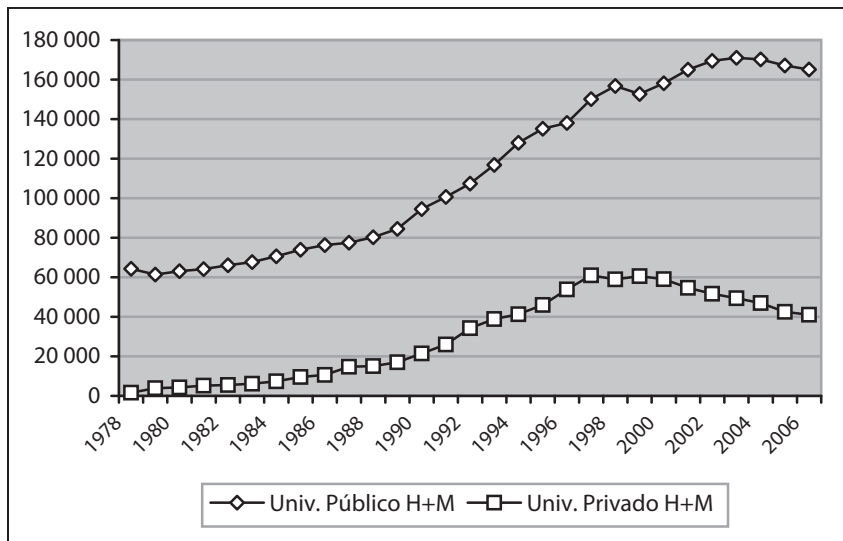
Como foi referido, as matrículas no 1.º ano, 1.ª vez, no ensino superior, no ano de 2006/07, já foram influenciadas pela inscrição de indivíduos com mais de 23 anos, independentemente das habilitações literárias, tendo a taxa de crescimento neste ano, relativamente ao ano anterior, de 22%, com a inscrição de 74 105 alunos, máximo absoluto do período considerado (1997/98- 2006/2007).

A) ENSINO PÚBLICO E PRIVADO UNIVERSITÁRIO, NO CONTINENTE

O gráfico seguinte evidencia a evolução separada no ensino universitário público e privado no Continente:

Gráfico n.º 1.1.3

Evolução do nº de alunos inscritos no ensino universitário total, público e privado.
Período: 1977/78-2005/06 (Continente).



Fonte: Ministério da Educação. Dados agregados (Veja-se ANEXO 3)

Pode verificar-se, pela visualização do gráfico, que o número de alunos inscritos no ensino universitário público foi crescente no período, mas a partir do ano 2003/04 (inclusive, com uma taxa de variação negativa de 0,49% neste ano), tendeu a decrescer, embora de forma ligeira, com uma taxa de variação negativa acumulada de 3,4%, em relação ao ano em que atingiu o valor máximo absoluto de alunos inscritos (2002/03).

Quanto ao ensino universitário privado, o decréscimo em termos absolutos iniciou-se no ano de 1998/99 até ao fim do período (com excepção do ano 1999/2000), tendo sido a taxa de variação negativa acumulada de 32,6% em relação ao ano em que atingiu o valor máximo absoluto de alunos inscritos (1996/97).

Verifica-se, assim, que o decréscimo de alunos inscritos no ensino superior universitário no Continente se deveu quase exclusivamente à diminuição no ensino universitário no subsector Privado, tal evidencia que a procura pelo ensino neste subsector é uma procura residual em relação ao ensino universitário do subsector Público, sendo uma das razões, como já foi referido, a ausência de concorrência entre os dois subsistemas de ensino

superior, sobretudo devido à distorção existente ao nível do custo explícito (propinas) suportado pelos alunos.

Eventualmente, outro factor importante para esta evolução da procura pelo ensino universitário do subsector Privado terá sido a ausência de outros factores positivos diferenciadores que funcionem como atractores para a procura neste subsector.

CAIXA 1

De notar que, segundo a teoria de perspectiva⁶, desenvolvida por Daniel Kahneman e Amos Tversky (o primeiro recebeu o prémio Nobel da Economia em 2002), as escolhas efectuadas pelos indivíduos são predominantemente determinadas pelas diferenças (positivas) existentes quanto a bens similares. Segundo a mesma teoria, os indivíduos, nas escolhas que fazem, tendem a afastar o que é comum e decidirem em função das diferenças específicas percebidas pelos indivíduos, o que poderá ser intensificado através das várias formas de comunicação disponíveis.

Ora, não há evidência que o ensino universitário privado ofereça aos potenciais alunos factores que o diferenciem positivamente do ensino universitário público, oferecendo este último uma discriminação positiva através do preço, que não é determinado pelo mercado mas sim através da regulação pública, o que permite compreender a natureza residual do ensino universitário privado.

Outros eventuais factores determinantes para a redução da procura do ensino universitário privado terão sido os de natureza económica, como a taxa de desemprego e o rendimento disponível das famílias. Com efeito, a subida da taxa de desemprego nos últimos anos terá influenciado mais intensamente de forma negativa a procura pelo ensino superior privado do que o público, atendendo a que se poderá hipotizar que esta procura de ensino é elástica em relação ao rendimento e ao preço. Por outro lado, a diminuição dos salários reais de muitas famílias das “classes” média e média baixa terá tido efeitos na redução da procura pelo ensino superior privado, nomeadamente o universitário.

Considerando que a maioria dos indivíduos é avessa ao risco e que o grau de risco varia inversamente com o nível de rendimento, uma diminuição

6 Kahneman, Daniel, Tversky, Amos. *Prospect theory: an analysis of decision under risk. Econometrica*, v.47, March 1979

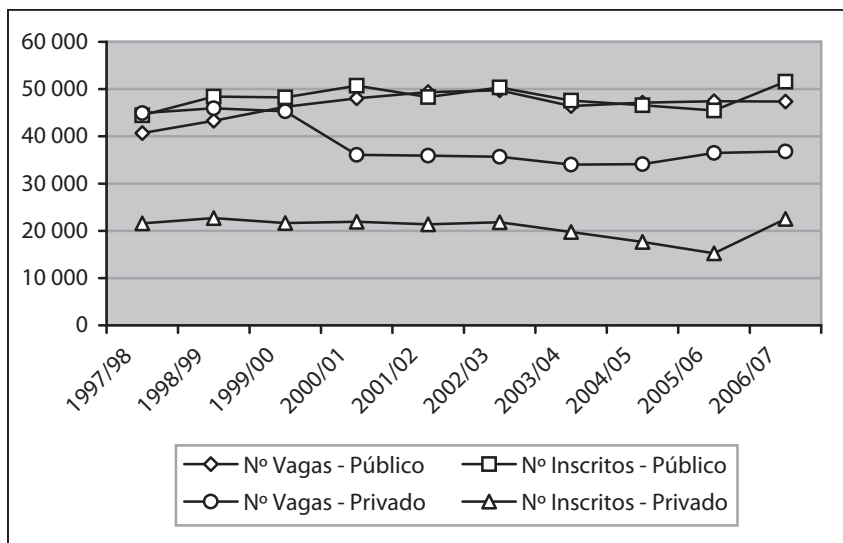
do rendimento disponível (agravado pela incerteza dos contratos de trabalho de duração temporal limitada ou de contratos de prestação de serviços), terá provocado (e continuará a produzir efeitos similares) uma diminuição ou fraco crescimento na procura do ensino superior privado.

B) EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE VAGAS E DE ALUNOS INSCRITOS PELA 1.ª VEZ NO ENSINO UNIVERSITÁRIO E POLITÉCNICO, PÚBLICO E PRIVADO. PERÍODO: 1997/98-2006/07 (PORTUGAL)

No período de 1997/98 a 2006/07, o número global de vagas para o ensino superior público teve uma evolução tendencialmente crescente, com oscilações. A evolução relativamente ao ensino privado foi tendencialmente decrescente no período considerado, conforme pode ser observado no gráfico seguinte:

Gráfico n.º 1.1.4

Evolução do nº de vagas e de alunos inscritos pela 1.ª vez no ensino universitário e politécnico, público e privado. Período: 1997/98-2006/07 (Portugal).



Fonte: MCTES. (Veja-se ANEXO 4)

As vagas no subsector estatal no início do período eram de 40 704 e no fim eram de 47 365 lugares. Como se pode verificar, essas vagas, no subsector Público, foram quase sempre preenchidas, sendo o número de inscritos 1.º

ano, 1.ª vez, superior às vagas, em sete dos dez anos considerados, com uma variação positiva acumulada (em relação às vagas do subsector estatal) no período, de 15 980 alunos inscritos pela primeira vez.

Quanto ao subsector Privado, o número de vagas (em Portugal), entre o início e o fim do período, diminuiu em 8 153, com uma taxa acumulada negativa de 17,23%, nunca tendo essas vagas sido totalmente preenchidas neste subsector.

No quadro seguinte pode observar-se a evolução do número de alunos inscritos pela 1.ª vez, 1.º ano, o número de vagas, bem como as diferenças anuais e acumuladas verificadas ao longo do período, nos subsectores estatal e Privado:

Quadro n.º 1.1.1

Evolução da variação do número de alunos inscritos pela 1.ª vez no ensino universitário e politécnico, público e privado e n.º de vagas.

Período: 1997/98-2006/07 (**Portugal**):

		1997/98	1998/99	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	
Público	Nº de vagas Público	40 704	43 293	46 243	48 042	49 355	49 740	46 408	47 138	47 433	47 365	
	Nº de inscritos 1.º ano 1.ª vez	44 444	48 419	48 235	50 712	48 327	50 332	47 582	46 596	45 473	51 581	
Privado	Nº de vagas	44 935	45 955	45 312	36 088	35 915	35 690	34 022	34 130	36 498	36 782	
	Nº de inscritos 1.º ano 1.ª vez	21 568	22 715	21 638	21 935	21 376	21 822	19 766	17 647	15 239	22 524	
TOTAL	Nº de inscritos 1.º ano 1.ª vez - Público e Privado (c/efeito 23 anos)	66 012	71 134	69 873	72 647	69 703	72 154	67 348	64 243	60 712	74 105	Dife- rença acumu- lada
Variação	Total		5 122	-1 261	2 774	-2 944	2 451	-4 806	-3 105	-3 531	13 393	8 093
	Público		3 975	-184	2 477	-2 385	2 005	-2 750	-986	-1 123	6 108	7 137
	Privado		1 147	-1 077	297	-559	446	-2 056	-2 119	-2 408	7 285	956
TOTAL	Nº de inscritos 1.º ano 1.ª vez - Público e Privado (s/efeito 23 anos)	66012	71134	69873	72647	69703	72154	67348	64243	60712		
Variação	Total		5122	-1261	2774	-2944	2451	-4806	-3105	-3531		-5300
	Público		3975	-184	2477	-2385	2005	-2750	-986	-1123		1029
	Privado		1147	-1077	297	-559	446	-2056	-2119	-2408		-6329
Secundário conclusão		75710	71735	69541	70649	61979	62560	70914	61850	60886		
Diferenças anuais			-3975	-2194	1108	-8670	581	8354	-9064	-964		-14824

Fonte: MCTES – Gpeari e Ministério da Educação – Gabinete Estatística

Os dados do quadro mostram que no período houve uma variação total acumulada líquida de mais 8 093 alunos inscritos, 1º ano, 1ª vez, embora nos anos de 1999/00 a 2001/02, e 2003/04 a 2005/06 tivesse havido variações negativas nos dois subsectores.

Excluindo o ano de 2006/07, que já tem o efeito dos alunos matriculados maiores de 23 anos de idade, independentemente das habilitações literárias, verifica-se que a variação acumulada líquida total foi de menos 5 300 alunos, mas mais 1 029 alunos no subsector Público e menos 6 329 alunos no subsector Privado.

Ao considerarmos todo o período, já com os efeitos dos alunos maiores de 23 anos de idade, independentemente das habilitações literárias (no ano de 2006/07), verifica-se que o subsector estatal teve uma variação acumulada de mais 7 137 alunos e o subsector Privado uma variação acumulada de mais 956 alunos.

Note-se que as taxas de variação no ano 2006/07 em relação ao ano anterior foram de 13,43% para o subsector Estatal e de 47,80% para o subsector Privado, o que significa que este último subsector foi o que beneficiou mais com a alteração legislativa que permitiu aos alunos, independentemente das habilitações literárias e com mais de 23 anos de idade, poderem inscrever-se no ensino superior, dado que a maioria das vagas do subsector estatal terão sido preenchidas com os alunos com o 12.º concluído.

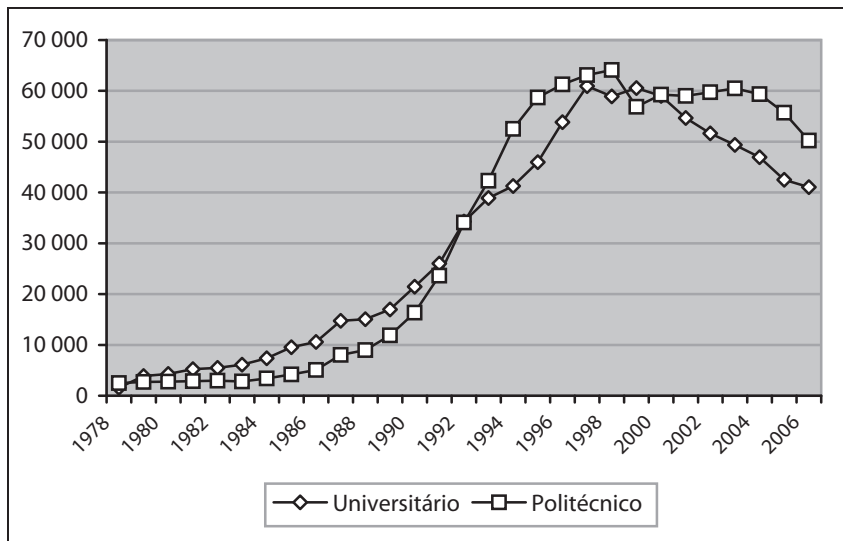
1.2 – PROCURA DE ENSINO SUPERIOR PRIVADO, UNIVERSITÁRIO E POLITÉCNICO, NO CONTINENTE

Analisa-se, de seguida, a evolução do ensino superior privado, universitário e politécnico, no Continente, aproximando o âmbito do mercado onde opera a UAL.

No gráfico n.º 1.2.1, pode observar-se a evolução do número de alunos inscritos no ensino privado no Continente, de forma desagregada em relação ao ensino universitário e politécnico.

Gráfico n.º 1.2.1

Evolução do nº de alunos inscritos no ensino privado universitário e politécnico (Continente). Período: 1977/78-2005/06.



Fonte: Ministério da Educação. Dados agregados (Veja-se ANEXO 5)

A visualização do gráfico anterior, sobre a evolução do ensino universitário e politécnico privado, indica que a partir do ano 1999/2000 a procura pelo ensino politécnico ultrapassou a procura pelo ensino universitário, tendo sido a taxa de decrescimento do ensino universitário mais intensa do que a do politécnico, excepto no último ano do período (ano em que foi de -3,36% para o universitário e de -9,83% para o politécnico).

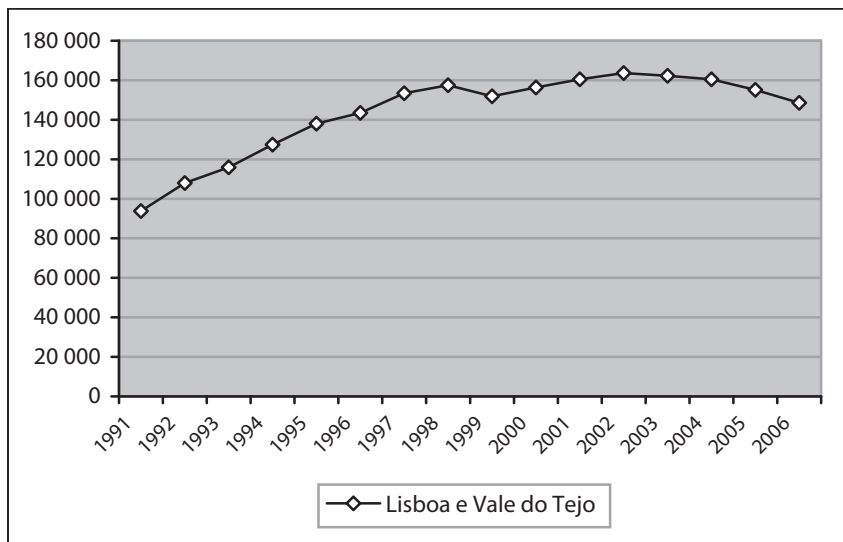
1.3 – PROCURA DE ENSINO SUPERIOR TOTAL: UNIVERSITÁRIO E POLITÉCNICO, PÚBLICO E PRIVADO, EM LISBOA E VALE DO TEJO

Considerando que a procura relativa ao ensino ministrado pela UAL se situa predominantemente na zona de Lisboa, importa analisar a procura pelo ensino superior total (público e privado, universitário e politécnico) nesta região, no período de 1990/91-2005/06⁷. Essa evolução pode ser observada no gráfico seguinte.

⁷ Apenas dispomos de dados a partir do ano de 1990/91.

Gráfico n.º1.3.1

Evolução do nº de alunos inscritos no ensino superior total, público e privado, universitário e politécnico. Período: 1990/91-2005/06
Lisboa e Vale do Tejo



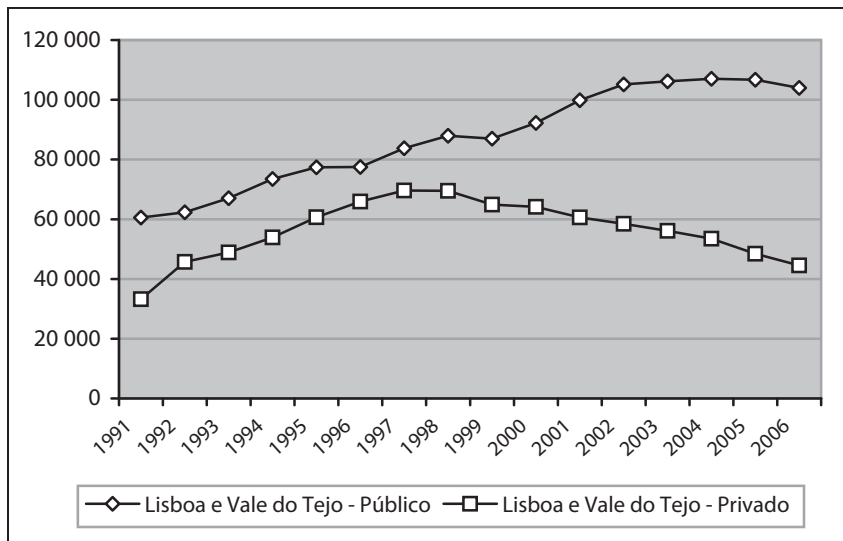
Fonte: Ministério da Educação. Dados agregados (Veja-se ANEXO 6)

A visualização do gráfico permite observar que houve um crescimento contínuo desde o início do período (1990/91) até ao ano de 1997/98, com uma taxa de crescimento acumulada de 54%, tendo-se registado um decréscimo no ano seguinte, voltando a verificar-se um crescimento nos três anos seguintes, até 2001/02, ano a partir do qual houve uma variação negativa até ao fim do período considerado (em 2005/06), com uma taxa de decréscimo acumulada de 9,5% em relação ao ano de 2001/02.

Seguidamente analisa-se a evolução do ensino superior privado em Lisboa e Vale do Tejo, o que pode ser observado no gráfico seguinte:

Gráfico n.º 1.3.2

Evolução do nº de alunos inscritos no ensino superior total, universitário e politécnico, público e privado. Período: 1990/91-2005/06 (**Lisboa e Vale do Tejo**).



Fonte: Ministério da Educação. Elaboração própria (Veja-se ANEXO 7)

A evolução do ensino superior no subsector Público, em Lisboa e Vale do Tejo, teve uma tendência crescente ao longo do período, excepto nos dois últimos anos em que se verificou um decréscimo acumulado de 2,9%, bem como no ano de 1998/99 (-1,1%). A taxa de crescimento acumulada global foi de 56%.

Quanto ao ensino superior do subsector Privado, a evolução foi positiva desde o início do período até 1996/97, com uma taxa de crescimento acumulada de 44,1%, sendo que a partir desta data a evolução foi negativa, com uma taxa de decréscimo acumulada de 43,2%, o que se traduziu num retrocesso para valores próximos aos de 1991/92.

Em conclusão, nesta região onde se situa a UAL, a diminuição da procura pelo ensino superior deveu-se quase inteiramente ao decréscimo contínuo da mesma no subsector Privado.

1.4 – PROCURA DE ENSINO SUPERIOR POR LICENCIATURAS, EM LISBOA. PERÍODO: 1998/99-2006/07

Nesta secção, analisa-se a evolução da procura das licenciaturas, nas várias Escolas de Lisboa, públicas e privadas, tendo por base as que são ministradas na UAL, analisando-se a sua evolução comparativa.

Analisa-se a evolução do número de alunos inscritos em cada curso, a sua taxa de variação, bem como a evolução da quota de mercado em relação a cada curso de cada instituição.

1.4.1 – LICENCIATURA EM DIREITO

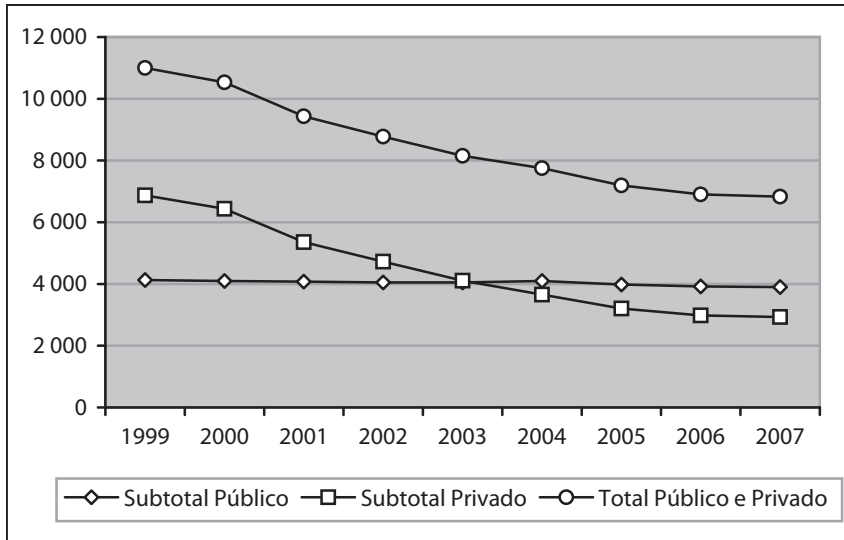
A licenciatura em Direito é um curso tradicional, dos mais relevantes, em termos numéricos, em muitas instituições, nomeadamente na UAL. No período analisado, 1998/99-2006/07, a oferta da licenciatura em Direito, em Lisboa, era constituída por nove “escolas” de nove universidades, duas públicas e sete privadas (incluindo a Universidade Católica). As faculdades de Direito públicas eram (e continuam sendo) a Faculdade de Direito de Lisboa da Universidade de Lisboa (FDL) e a Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa (UN). As escolas de Direito privadas pertenciam às universidades Católica, Autónoma, Moderna, Lusíada, Lusófona, Internacional e Independente. Os dados utilizados na análise, nesta secção, foram disponibilizados pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior (MCTES).

A) EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ALUNOS EM DIREITO

O gráfico seguinte mostra a evolução do número de alunos inscritos em Direito, em Lisboa, nos nove estabelecimentos, no período de 1998/99-2006/07:

Gráfico n.º 1.4.1.1

Evolução do número total de alunos inscritos em Direito, no ensino público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria (ver Anexo 8)

A visualização do gráfico permite concluir que o número de alunos inscritos em Direito no subsector Público (Universidade Nova e FDL) sofreu uma ligeira diminuição, com 4 129 alunos inscritos no início do período e 3 898 alunos no final do mesmo, o que se traduz numa perda de 231 alunos. Contudo, a perda acumulada da FDL no período foi de 559 alunos, tendo sido o ganho acumulado da Nova de 328 alunos.

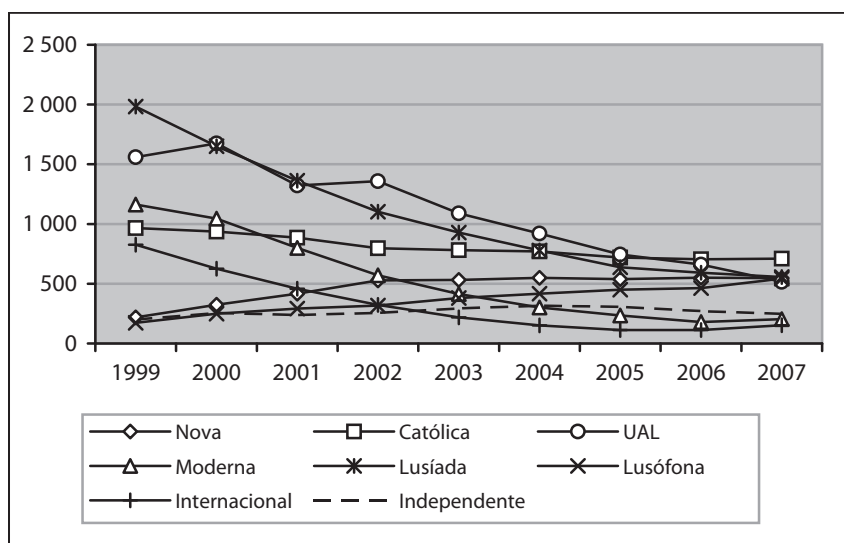
No que respeita ao subsector Privado, a evolução foi continuamente decrescente, tendo havido entre o início e o fim do período uma perda líquida de 3 940 alunos. Sem considerar a Universidade Católica, o subsector Privado teve uma perda líquida de 3 684 alunos.

A evolução total de alunos inscritos em Direito, em Lisboa, nos subsectores Público e Privado, foi decrescente, havendo uma perda bruta de 4 918 alunos em relação às universidades que perderam alunos e um ganho bruto de 747 alunos em relação às Universidades que ganharam alunos no período, o que se traduz numa perda líquida no mercado de 4 171 alunos, sendo a perda do subsector Privado de 95% em relação à perda líquida total.

B) ALUNOS INSCRITOS POR UNIVERSIDADE

Faz-se, de seguida, a análise desagregada por universidade, do número de alunos inscritos em Direito, ao longo do período 1998/99-2006/07. O gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em Direito em oito⁸ Universidades, uma pública, a Nova, e sete privadas - Católica, Independente, Internacional, Lusíada Lusófona, Moderna e UAL.

Gráfico n.º 1.4.1.2
Evolução do n.º de alunos inscritos em Direito, por Universidade
(excepto a FDL), em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria (ver Anexo 9)

Em duas delas, na Nova e na Lusófona, existiu uma evolução crescente, tendo as mesmas partido de um número relativamente baixo de alunos inscritos, respectivamente 219 e 173 no início do período, atingido respectivamente 547 e 543 alunos no final do período.

As restantes Universidades (incluindo a FDL) tiveram uma evolução negativa no período. A Lusíada foi a que decresceu mais acentuadamente, com 1 983 alunos inscritos no início do período e 556 alunos no final. Seguiu-se a UAL, com o decréscimo mais intenso, com 1 559 alunos inscritos no início do período e com 516 alunos inscritos no final do mesmo.

⁸ Não se insere a FDL no gráfico devido à escala.

A Independente, que partiu no início do período com 199 alunos inscritos em Direito, chegou ao final do período com 248 alunos. Contudo, a sua evolução foi crescente até 2003/04, atingindo neste ano o máximo absoluto com 316 alunos. A partir do qual verificou-se um decréscimo contínuo até final.

Quanto à Internacional, com 827 alunos inscritos neste curso no início do período, chegou ao final do período apenas com 153.

Na Católica, houve um decréscimo até 2004/05, verificando-se uma tendência para a estabilização a partir deste ano até ao final do período, tendo inscritos 966 alunos no início do período e 710 no final.

A Lusófona, a Católica e a Nova parecem constituir as maiores concorrentes da UAL, funcionando como atratores de alunos no mercado em detrimento desta.

C) PERDAS E GANHOS ACUMULADOS NO PERÍODO DE ALUNOS DE DIREITO, POR UNIVERSIDADE

A perda total acumulada de alunos de Direito, em Lisboa, entre o início e o final do período, em relação às Universidades onde se verificaram perdas acumuladas, foi de 4 918 alunos. O ganho total acumulado das diversas universidades onde houve aumento de alunos inscritos, entre o início e o fim do período, foi de 747 alunos.

Assim, a perda de alunos no mercado total de Direito em Lisboa foi de 4171 alunos. As perdas e ganhos foram distribuídos assimetricamente pelas várias universidades, conforme se pode verificar pelos dados do quadro seguinte, cujos valores estão ordenados decrescentemente quanto às perdas e de forma crescente no que respeita aos ganhos:

Quadro n.º 1.4.1.1

A) Perdas e ganhos totais acumulados (Público e Privado) de alunos de Direito, por universidade, entre o início e o final do período :1998/99 - 2006/07		
PERDAS		
	Valor	%
1º) Lusíada	-1427	-29,02%
2º) UAL	-1043	-21,21%
3º) Moderna	-959	-19,50%
4º) Internacional	-674	-13,70%
5º) FDL UL	-559	-11,37%
6º) Católica	-256	-5,21%
Perda Total Acumulada	-4918	-100,00%
GANHOS		
1º) Lusófona	370	49,53%
2º) Nova	328	43,91%
3º) Independente	49	6,56%
Ganho Total Acumulado	747	100,00%
Perda Líquida Mercado	-4171	

B) Perdas e ganhos acumulados de alunos de Direito, por universidade, do Subsector Privado entre o início e o final do período :1998/99 - 2006/07		
PERDAS		
	Valor	%
1º) Lusíada	-1427	-32,74%
2º) UAL	-1043	-23,93%
3º) Moderna	-959	-22,00%
4º) Internacional	-674	-15,46%
5º) Católica	-256	-5,87%
Perda Total Acumulada	-4359	-100,00%
GANHOS		
1º) Lusófona	370	88,31%
2º) Independente	49	11,69%
Ganho Total Acumulado	419	100,00%
Perda Líquida Mercado	-3940	

C) Perdas e ganhos acumulados de alunos de Direito, por universidade, do Subsector Privado sem a Católica		
PERDAS		
	Valor	%
1º) Lusíada	-1427	-34,78%
2º) UAL	-1043	-25,42%
3º) Moderna	-959	-23,37%
4º) Internacional	-674	-16,43%
Perda Total Acumulada	-4103	-100,00%
GANHOS		
1º) Lusófona	370	88,31%
2º) Independente	49	11,69%
Ganho Total Acumulado	419	100,00%
Perda Líquida Mercado	-3684	

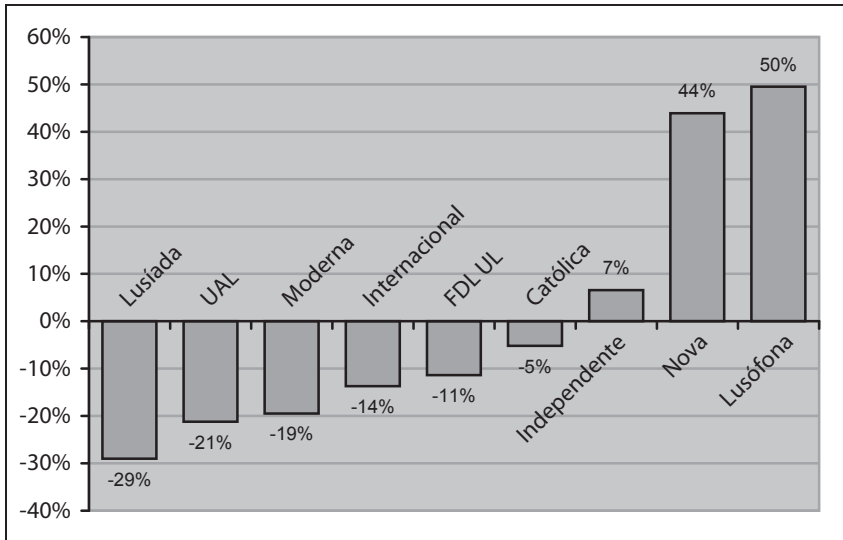
Fonte: MCTES. Elaboração própria.

As perdas de alunos em Direito (em percentagem do total de perdas acumuladas no mercado, menos 4 918) mostra que a Lusíada teve uma quebra de alunos de Direito de 29% (menos 1 427 alunos), seguindo-se a UAL com menos 21% (menos 1 043 alunos). A Moderna e a Internacional tiveram, respectivamente, menos 19,5% e 13,7%. A FDL sofreu uma perda de 559 alunos, traduzindo menos 11,3%. Das Universidades perdedoras de alunos de Direito, a Católica foi a que perdeu menos: 5,21%, ou seja, menos 256 alunos.

Para melhor visualização, inserimos o gráfico sobre as perdas e ganhos relativos de alunos inscritos em Direito, por universidade:

Gráfico n.º 1.4.1.3

Percentagem de perdas e ganhos de alunos inscritos em Direito, por Universidade, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria (Ver quadro 1.4.1.1)

Foram três as Universidades que obtiveram ganhos de alunos de Direito: uma pública, a Nova, e duas privadas, a Lusófona e a Independente. O ganho global das três Universidades foi de 747 alunos, com cerca de 50% para a Lusófona (370 alunos).

A parte B) do quadro mostra os resultados apenas do subsector Privado. Aí pode verificar-se que a Lusíada e a UAL contribuíram com cerca de 57% para o total das perdas no mercado privado de Direito, em Lisboa.

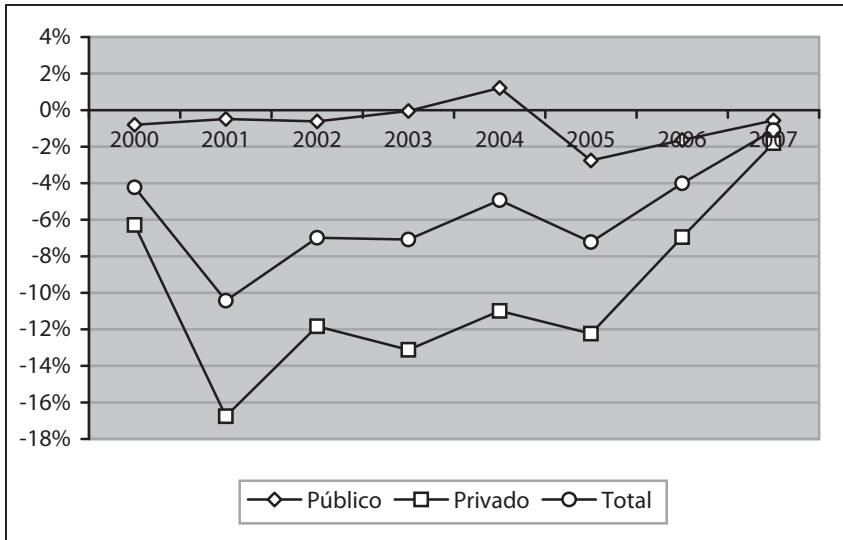
Considerando o mercado privado sem a Católica [parte C) do quadro] a Lusíada e a UAL contribuíram com 60% para a diminuição registada.

D) TAXA DE VARIAÇÃO DE ALUNOS INSCRITOS EM DIREITO, EM LISBOA

Tendo sido analisada a evolução do número absoluto de alunos inscritos em Direito, em Lisboa, bem como as perdas e ganhos, evidencia-se, de seguida, a taxa de variação ao longo do período considerado, o que nos dá informação sobre a tendência e a intensidade relativas de forma dinâmica. No gráfico observa-se a evolução das taxas de variação dos alunos inscritos em Direito, em Lisboa, nos subsectores Público e Privado:

Gráfico n.º 1.4.1.4

Taxa de variação anual de alunos inscritos em Direito, nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 10)

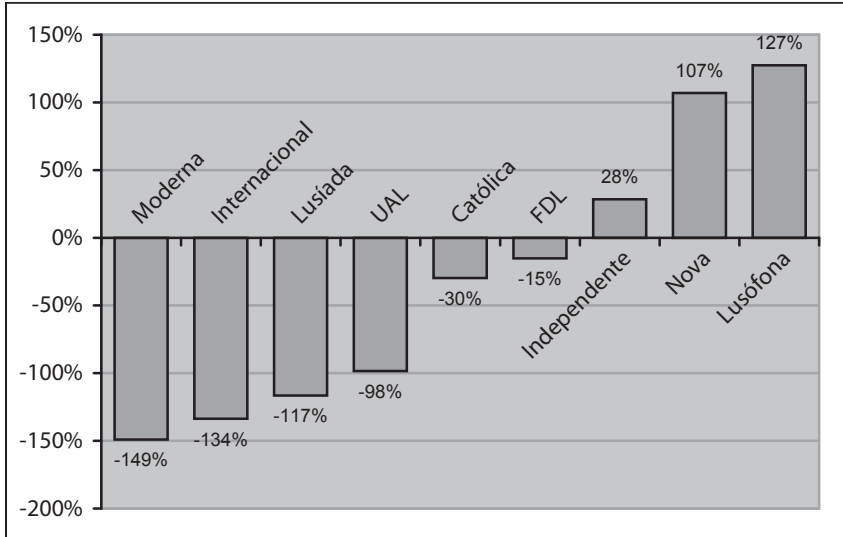
Pode verificar-se que a taxa de variação no subsector estatal foi levemente negativa no período (excepto em 2003/04), enquanto no subsector Privado essa taxa foi sempre fortemente negativa, com um máximo absoluto de cerca de menos 17% em 2000/01. Essa taxa negativa diminuiu até se aproximar da taxa de variação do subsector estatal.

No gráfico de colunas seguinte, pode observar-se a taxa de variação dos alunos de Direito inscritos no fim e no início do período, em todas as universidades de Lisboa:

Gráfico n.º 1.4.1.5

Taxa percentual de variação acumulada líquida, por Universidade, considerando os alunos de Direito inscritos no fim e no início do período, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 11)

A visualização do gráfico evidencia que apenas três universidades tiveram uma taxa de variação positiva de alunos inscritos em Direito: Independente, Nova e Lusófona, tendo tido esta última uma taxa de crescimento de 127%, partindo, contudo, de uma base inicial baixa, 173 alunos no ano de 1998/99 e tendo atingido o total de 543 alunos em 2006/07. Foi pois, a única que manteve em todos os anos uma taxa de crescimento positiva. No caso da Nova verificou-se uma taxa de variação negativa nos anos de 2004/05 (-2%) e 2006/07 (-0,55%). A Independente teve, em dois anos consecutivos, taxas de variação negativas: em 2004/05 (-2,85%) e 2005/06 (-12%).

Todas as outras suportaram uma taxa de variação acumulada negativa. A UAL figura em quarto lugar, a contar da taxa de variação mais negativa, com uma taxa de menos 98%, a seguir à Lusíada, cuja correspondente taxa foi de menos 117%.

Note-se que as mudanças no ambiente externo, nomeadamente as relacionadas com a legislação e a evolução económica e social, afectam de modo homogéneo todas as instituições que actuam numa mesma área geográfica e no mesmo mercado e, desta forma, representam oportunidades

ou ameaças iguais para todas. Deste modo, diferentes evoluções nas taxas de variação entre as várias Universidades deverão ser explicadas por factores internos.

E) QUOTA DE MERCADO TOTAL DE DIREITO, POR UNIVERSIDADE

Uma medida útil para analisar a evolução da importância de cada instituição no mercado de Direito, em Lisboa, é a quota de mercado de cada Universidade ao longo do período considerado. O quadro seguinte mostra a quota de mercado de Direito, em Lisboa, em cada instituição:

Quadro n.º 1.4.1.2

Quota de mercado de Direito em Lisboa, para cada Universidade.

Período: 1998/99-2006/07

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
FDL	35,55%	35,81%	38,78%	40,14%	43,13%	45,78%	47,93%	48,81%	49,08%
Nova	1,99%	3,08%	4,42%	6,02%	6,52%	7,08%	7,48%	7,97%	8,01%
Católica	8,78%	8,89%	9,39%	9,08%	9,58%	9,93%	10,00%	10,21%	10,40%
UAL	14,17%	15,90%	14,01%	15,47%	13,36%	11,87%	10,36%	9,56%	7,56%
Moderna	10,57%	9,92%	8,48%	6,51%	5,08%	3,90%	3,27%	2,61%	2,99%
Lusíada	18,03%	15,67%	14,45%	12,56%	11,39%	10,04%	8,87%	8,57%	8,14%
Lusófona	1,57%	2,36%	3,09%	3,62%	4,66%	5,38%	6,26%	6,72%	7,95%
Internacional	7,52%	5,94%	4,85%	3,68%	2,67%	1,95%	1,57%	1,64%	2,24%
Independente	1,81%	2,43%	2,52%	2,92%	3,61%	4,08%	4,27%	3,91%	3,63%

Fonte: MCTES. Elaboração própria

Pode verificar-se, através da análise dos dados do quadro anterior, que as universidades que subiram a sua quota no mercado total em Direito, em Lisboa, foram a Universidade de Lisboa (FDL), a Nova, a Lusófona e a Independente. Todas as outras desceram a sua quota de mercado. A Católica manteve-se relativamente estável, com pequenas oscilações.

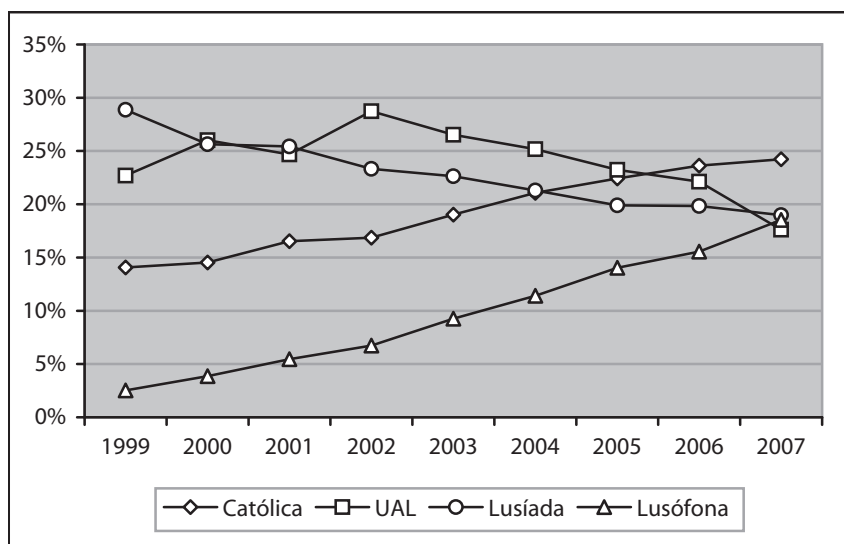
A quota de mercado da UAL desceu de 14,17% em 1998/99, para 7,56% em 2006/07, tendo essa descida de quota sido menos acentuada do que na Lusíada, a qual passou de 18% no início do período para 7,5% no final, estando apenas cerca de meio ponto percentual acima da UAL no final do período em análise.

F) QUOTA DE MERCADO EM DIREITO, NO SUBSECTOR PRIVADO

Considerando apenas o mercado do subsector Privado mostra-se, no gráfico seguinte, a evolução da quota de mercado para quatro Universidades: Católica, UAL, Lusíada e Lusófona:

Gráfico n.º 1.4.1.6

Quota de mercado em Direito, em Lisboa, da Católica, UAL, Lusíada e Lusófona face ao subsector Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 12)

Verifica-se que a UAL tinha uma quota de mercado em Direito, em Lisboa, de 22,69% no início do período, ocupando o segundo lugar (depois da Lusíada) nessa data, e descendo para uma quota de mercado do subsector Privado de 17,61%, no final do período, ficando a ocupar o quarto lugar, depois da Católica (24,23%), da Lusíada (18,98%) e da Lusófona (18,53%).

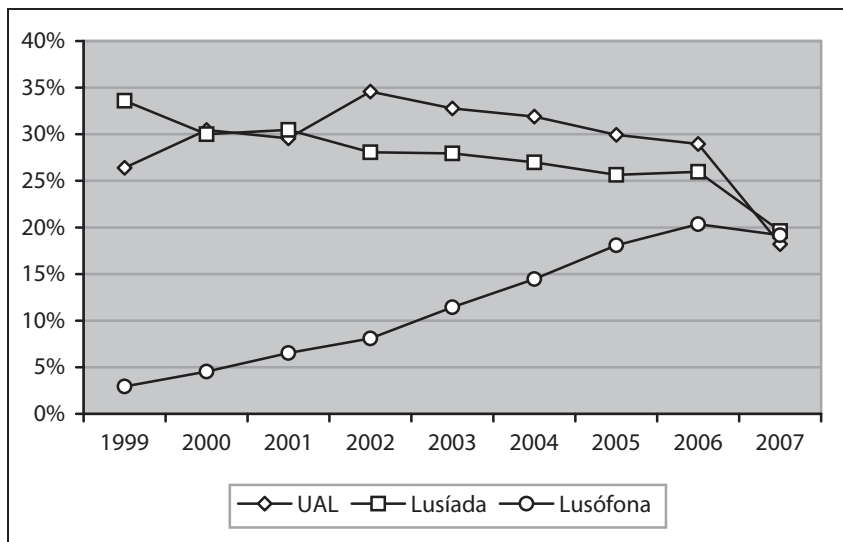
G) QUOTA DE MERCADO EM DIREITO, NO SECTOR PRIVADO EXCLUINDO A CATÓLICA

Tendo em conta apenas o mercado privado de Direito, em Lisboa, com exclusão da Católica, a quota de mercado da UAL era de 26,41% no início do período, ocupando o 2.º lugar nessa data, tendo descido para 23,24% no

final do período, tendo sido suplantada pela Lusófona (24,46%), e ficando a ocupar o terceiro lugar.

Gráfico n.º 1.4.1.7

Quota de mercado em Direito, da UAL, Lusíada e Lusófona face ao subsector Privado sem a Católica, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 12-A)

A UAL ocupou o primeiro lugar durante cinco anos, seguida da Lusíada, mas no último ano a UAL posicionou-se no terceiro lugar. No período considerado, a Lusófona teve um comportamento sempre crescente.

H) CONCLUSÕES

A análise do mercado da licenciatura em Direito, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos em Direito nos subsectores Público e Privado, era de 10 999 no ano de 1998/99 (onde atingiu o máximo absoluto), tendo tido uma evolução continuamente decrescente até ao ano de 2006/07, atingindo o mínimo absoluto com 6 828 alunos inscritos;

- No final do período existiam menos 4 171 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado) em relação ao início do período;
- O número de alunos inscritos em Direito no subsector Público sofreu uma ligeira diminuição, traduzida em menos 231 alunos entre o início e o fim do período em análise, equivalendo a cerca de menos 6%.

1.4.2 – LICENCIATURA EM GESTÃO

A licenciatura em Gestão é um curso também tradicional, dos mais relevantes em termos numéricos, em muitas instituições, nomeadamente na UAL. De facto, o curso de Gestão é um dos mais susceptíveis de substituição por cursos similares, na medida em que a miríade de alternativas é muito elevada nesta área científica.

No entanto, o curso de Gestão, em sentido estrito, representou sempre, no período considerado, valores acima dos 40% de alunos matriculados face ao total dos cursos da área das Ciências Económicas e Empresariais, tendo mesmo atingido 46% de peso relativo em 2006/07, quando concorrendo com cursos como Economia, Gestão de Recursos Humanos, Finanças, etc.

No período analisado, 1998/99-2006/07, a oferta da licenciatura em Gestão, em Lisboa, era constituída por dezanove “escolas” de dezoito universidades, cinco públicas e treze privadas (incluindo a Universidade Católica).

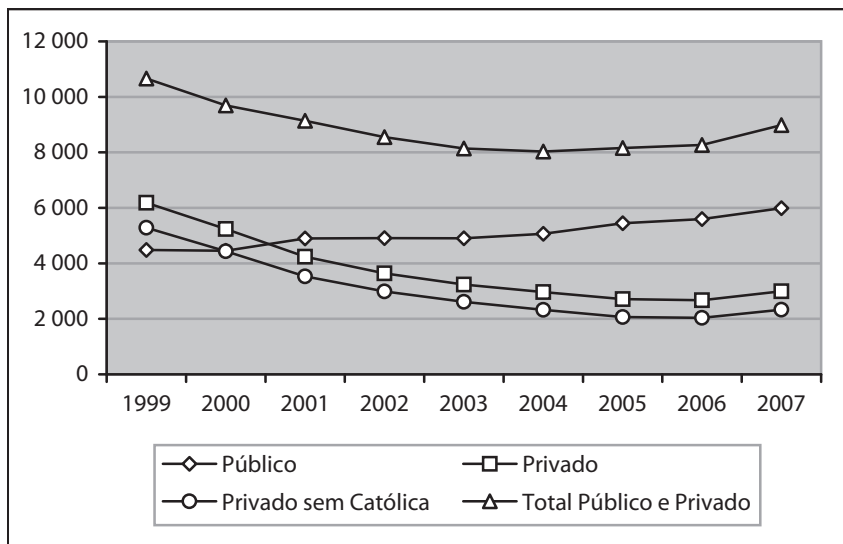
As faculdades públicas de Gestão eram (e continuam sendo) o Instituto de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa (ISEG), a Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa (FE), a Universidade Aberta, o ISCAL do Instituto Politécnico de Lisboa e o ISCTE.

As escolas privadas de Gestão pertenciam às Universidades Católica, Autónoma, Moderna, Lusíada, Lusófona, Internacional e Independente, mas também aos Institutos Superior de Novas Profissões, Superior de Gestão, Superior de Gestão Bancária, Superior de Línguas e Administração de Lisboa, o que denota o carácter mais específico que este curso possui, tendo escolas quase dedicadas exclusivamente à Gestão. De notar que o peso de alunos matriculados nestas Escolas no curso de Gestão no subsector Privado foi em 2006/07 de cerca de 33% (correspondendo a um total de 2 995 alunos).

A) EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ALUNOS EM GESTÃO, EM LISBOA

O gráfico seguinte mostra a evolução do número de alunos inscritos em Gestão, em Lisboa, segmentados nos dois subsectores de ensino:

Gráfico n.º 1.4.2.1
Evolução de alunos inscritos em Gestão,
no ensino público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 13)

A visualização do gráfico permite concluir que o número de alunos inscritos no subsector Público, em Lisboa, aumentou, traduzido num acréscimo positivo de 1 507 alunos entre o início e o fim do período (1998/99-2006/07).

No que respeita ao subsector Privado a evolução foi continuamente decrescente, tendo havido entre o início e o fim do período uma perda de 3 188 alunos. Sem considerar a Universidade Católica, o subsector Privado teve uma perda de 2 955 alunos.

A evolução total de alunos inscritos em Gestão, em Lisboa, nos subsectores Público e Privado, foi decrescente, havendo uma perda de 1 681 alunos no período, sendo, deste modo, a perda devida apenas ao subsector Privado!

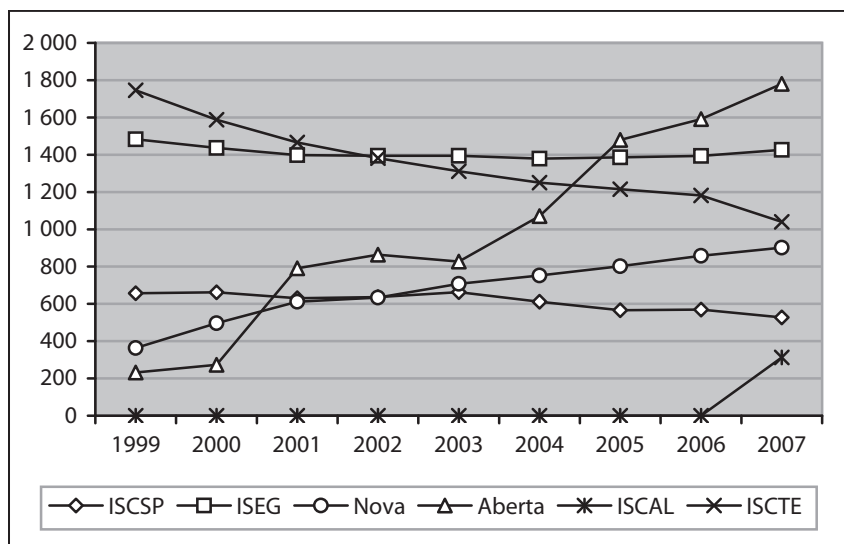
Assim, verificou-se o efeito substituição devido, sobretudo, à diferença de preço pago (propinas) nos dois subsectores, Público e Privado, favorável ao primeiro, considerando os outros factores determinantes da procura constantes, o que evidencia que o ensino do subsector Privado, nesta área do conhecimento científico, é uma procura residual, por ausência de concorrência entre os dois sectores no que respeita ao preço (propinas) pago pelos alunos.

B) ALUNOS INSCRITOS EM GESTÃO, POR UNIVERSIDADE

i) O gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em Gestão, nas seis Escolas do subsector Público – ISEG e ISCSP (UTL), U. Nova, Universidade Aberta, ISCAL (IPL) e ISCTE:

Gráfico n.º 1.4.2.2

Evolução de alunos inscritos em Gestão, nas seis Escolas do subsector Público – ISEG e ISCSP (UTL), Nova, Universidade Aberta, ISCAL (IPL), e o ISCTE, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 13)

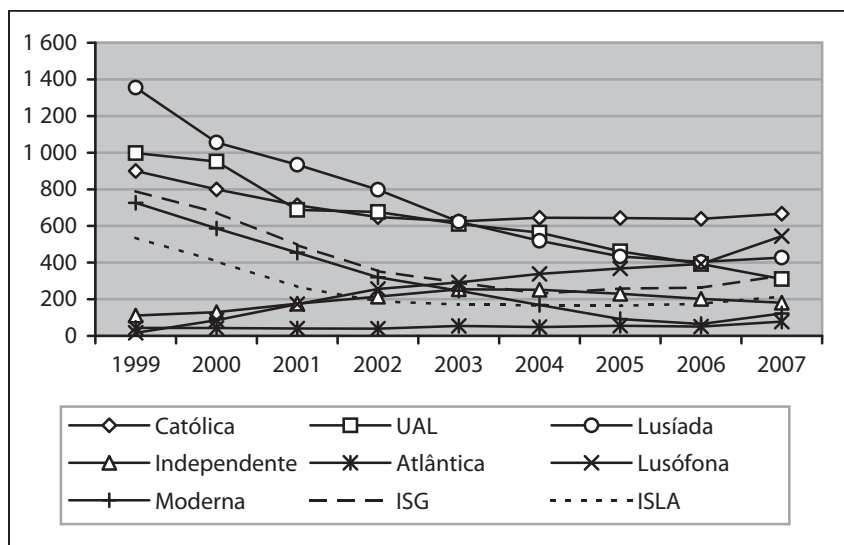
Em duas das Escolas – a Universidade Nova e Universidade Aberta – verificou-se uma evolução crescente, enquanto no ISEG e no ISCSP houve uma estabilização (com ligeiro decréscimo no final do período), tendo ocorrido uma tendência decrescente no ISCTE.

Globalmente, a evolução do número de alunos inscritos em Gestão, no total do subsector Público, foi crescente, tendo partido com 4 481 alunos inscritos no início do período e atingido 5 988 alunos no final, ou seja, mais 1 707 alunos, representando uma variação positiva de cerca de 37%.

ii) No que tange ao subsector Privado o gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em Gestão, em Lisboa, nas nove Escolas mais significativas – Católica, UAL, Lusíada, Lusófona, ISG, Independente, ISLA, Moderna e Atlântica:

Gráfico n.º 1.4.2.3

Evolução de alunos inscritos em Gestão nas 9 escolas do subsector Privado – Católica, UAL, Lusíada, Lusófona, ISG, Independente, ISLA, Moderna e Atlântica, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 13)

A única escola que teve um crescimento contínuo em Gestão, ao longo do período, foi a Lusófona, com apenas 17 alunos inscritos no início do período, atingiu o número de 544 alunos inscritos no final do período, tendo obtido assim um ganho de 527.

A Atlântica registou uma evolução positiva, mas com oscilações, mas tendo partido de uma base baixa, 44 alunos inscritos no início do período,

atingiu, no final do período, o número de 78 alunos inscritos, ou seja, apenas um ganho de 34 alunos.

A Lusófona, a Católica, a Lusíada e o ISG parecem constituir as maiores concorrentes da UAL, funcionando como atratores de alunos no mercado em detrimento desta.

C) PERDAS E GANHOS DE ALUNOS DE GESTÃO POR UNIVERSIDADE

i) SUBSECTORES PÚBLICO E PRIVADO, EM LISBOA

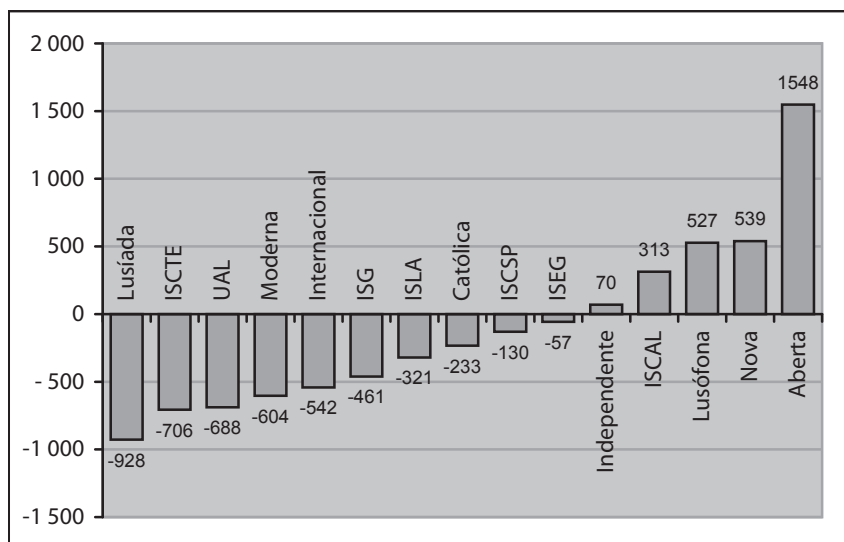
No período considerado, houve uma perda, no mercado total, público e privado, em Lisboa, de 1 681 alunos inscritos em Gestão.

Relativamente às Escolas que perderam alunos no período, as perdas brutas foram de 4 800 alunos e relativamente às Escolas que ganharam alunos, os ganhos brutos foram de 3 119 alunos. A distribuição pelas várias universidades foi assimétrica (com tendência para ter maior peso na cauda à esquerda), conforme mostra o gráfico seguinte, em termos absolutos das perdas totais brutas e dos ganhos totais brutos:

Gráfico n.º 1.4.2.4

Perdas e ganhos de alunos inscritos em Gestão, por universidade, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 14)

A Lusíada foi a universidade que sofreu maior perda, com 928 alunos, seguindo-se o ISCTE com 706 alunos e a UAL, em antepenúltimo lugar, com uma perda de 688 alunos no período considerado.

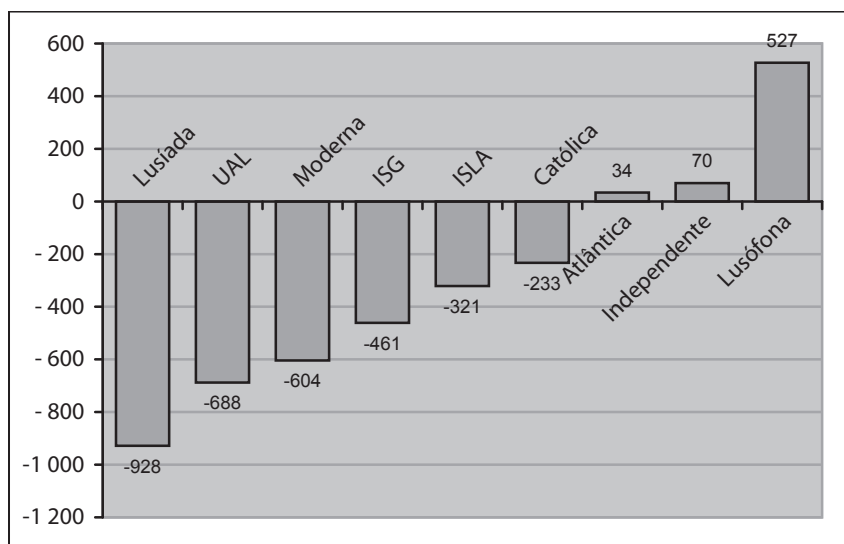
De notar que, no campo dos ganhos, o ISCAL subiu 313 alunos só em 2007, e a Lusófona e a Nova apresentaram crescimentos similares da ordem dos 527 e 539 alunos, respectivamente, sendo o grande contribuinte líquido positivo a Universidade Aberta, crescendo no período cerca de 1 548 alunos.

ii) SUBSECTOR PRIVADO

Tendo em conta apenas o subsector Privado, vejamos a distribuição relativa, por estabelecimento, das perdas e ganhos brutos, o que pode ser observado no gráfico seguinte:

Gráfico n.º 1.4.2.5

Perdas e ganhos de alunos de Gestão, em relação à perda total bruta acumulada e ao ganho total bruto acumulado no período (1998/99-2006/07), face ao subsector Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 15)

Verifica-se que das escolas consideradas no gráfico, as que acumularam ganhos no período considerado, foram a Atlântica, a Independente e

a Lusófona, tendo esta última obtido 73% dos ganhos brutos de alunos de Gestão, percentagem traduzida em 527 alunos.

De notar que o acréscimo de alunos matriculados em Gestão nestas três Escolas contribuiu para o atenuar da queda dos alunos matriculados nesta especialidade, o que se constata pela perda acumulada no total do subsector Privado, cifrada em 3 907 alunos, dos quais cerca de 41% foram devidas às perdas da UAL (688 alunos) e da Lusíada (928 alunos).

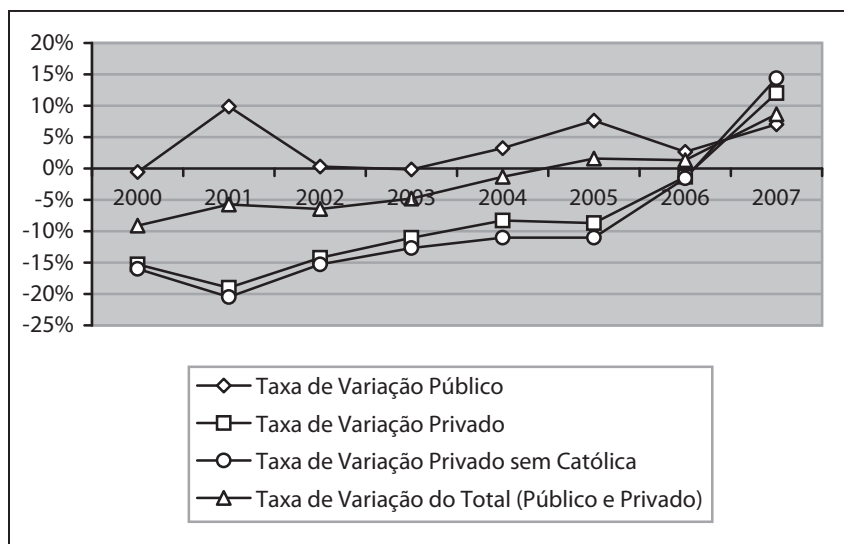
No período considerado, a perda total no subsector Privado cifrou-se em 3 188 alunos em Lisboa, o que significa que as Instituições que contribuíram positivamente, fizeram-no com um ganho de 719 alunos.

D) TAXA ANUAL DE VARIAÇÃO DE GESTÃO

Quanto à taxa anual de variação, no gráfico seguinte evidencia-se a sua evolução nos subsectores Público e Privado:

Gráfico n.º 1.4.2.6

Taxa anual de variação de alunos inscritos em Gestão, nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 16)

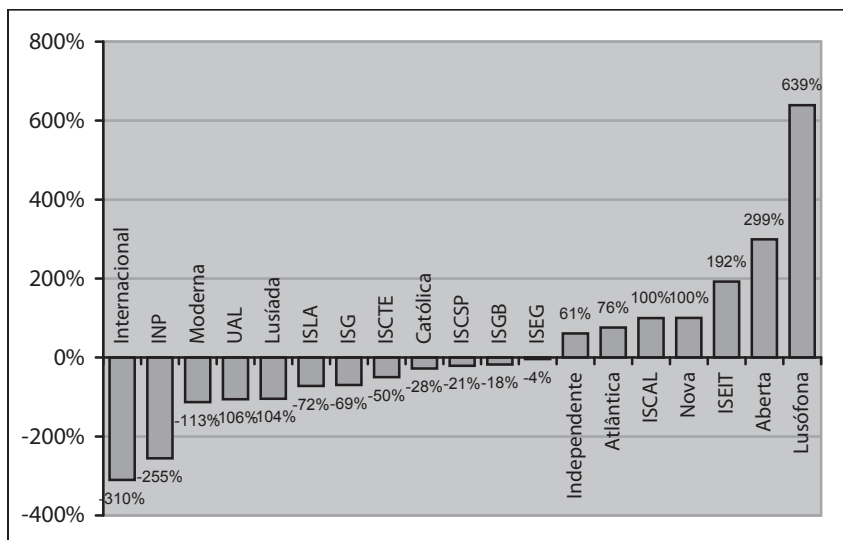
Pode verificar-se que a taxa de variação anual no subsector estatal foi crescente, com oscilações, e positiva no período (excepto em 2002 e 2006

que decresceu). No subsector Privado essa taxa foi sempre negativa, mas crescente (excepção a 2001). Em 2007 a taxa de variação anual foi positiva, atingindo o valor de 12%.

No gráfico de colunas seguinte pode observar-se a taxa de variação acumulada dos alunos inscritos em Gestão, em todas as Escolas da área, em Lisboa (entre o início e o fim do período, 1999/00-2006/07):

Gráfico n.º 1.4.2.7

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em Gestão, nas várias Escolas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 17)

A visualização do gráfico evidencia que das 19 Escolas que ministram o curso, apenas sete tiveram uma taxa acumulada positiva de alunos inscritos em Gestão: a Independente, a Atlântica, o ISCAL, a Nova, o ISEIT, a Aberta e a Lusófona, tendo esta última tido uma taxa de crescimento acumulada de 639%, partindo, contudo, de uma base inicial baixa de 17 alunos no ano de 1998/99 e atingido o número de 544 alunos em 2006/07, mantendo sempre em todos os anos uma taxa de crescimento positiva.

No caso da universidade Aberta, verificou-se uma taxa de variação negativa apenas no ano de 2003 (-4,28%). No ISEIT, o crescimento percentual foi elevado, mas em termos absolutos apenas cresceu de 6 alunos em 2005 para 23 alunos em 2007. Quanto à universidade Nova, registou-se sempre

uma taxa de variação positiva, atingindo o seu pico em 2000 (36,64%), crescendo a partir desse ano a ritmos mais lentos, passando dos 363 alunos em 1999 para 902 em 2007. No caso do ISCAL, apresenta uma taxa acumulada de 100%, pois só começou a leccionar o curso de Gestão em 2007, iniciando desde logo com 313 alunos.

A universidade Atlântica apresentou taxas de crescimento negativas ao longo do período, exceptuando nos anos de 2003 (38,46%), 2005 (14,58%) e 2007 (52,94%), passando de 44 alunos em 1999 para 78 em 2007. A Independente começou a apresentar taxas de variação negativas a partir do ano de 2004, no entanto, nunca suficientes para retroceder ao número de alunos em 1999 (111 alunos), mantendo, em 2007, 181 alunos. Todas as outras tiveram uma taxa de variação acumulada negativa. A UAL obteve o quarto registo, com uma taxa acumulada negativa de 106%, seguida da Lusíada, cuja correspondente taxa foi de menos 104%.

E) QUOTA DE MERCADO TOTAL DE GESTÃO

O quadro seguinte mostra a quota de mercado de Gestão, em cada instituição, em Lisboa:

Quadro n.º 1.4.2.1

Quota de mercado de Gestão em Lisboa, para cada escola
no período 1998/99 a 2006/07

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
ISCSP	6,16%	6,83%	6,89%	7,44%	8,14%	7,61%	6,94%	6,88%	5,87%
ISEG	13,91%	14,82%	15,30%	16,32%	17,14%	17,17%	16,99%	16,86%	15,87%
Nova	3,40%	5,12%	6,69%	7,42%	8,70%	9,36%	9,83%	10,38%	10,04%
Aberta	2,18%	2,82%	8,66%	10,11%	10,16%	13,34%	18,14%	19,24%	19,82%
ISCAL	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	3,48%
ISCTE	16,37%	16,38%	16,04%	16,17%	16,11%	15,56%	14,89%	14,30%	11,58%
Público	42,02%	45,97%	53,58%	57,45%	60,25%	63,04%	66,79%	67,66%	66,66%
Católica	8,44%	8,25%	7,80%	7,58%	7,68%	8,03%	7,88%	7,73%	7,43%
ISEIT	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,07%	0,13%	0,26%
UAL	9,36%	9,82%	7,53%	7,91%	7,51%	7,02%	5,65%	4,74%	3,45%
Internacional	5,40%	4,34%	2,87%	1,54%	0,85%	0,45%	0,00%	0,00%	0,38%
Lusíada	12,71%	10,89%	10,22%	9,33%	7,65%	6,46%	5,31%	4,89%	4,75%
Independente	1,04%	1,33%	1,93%	2,50%	3,12%	3,14%	2,82%	2,44%	2,01%
Atlântica	0,41%	0,44%	0,44%	0,46%	0,66%	0,60%	0,67%	0,62%	0,87%
Lusófona	0,16%	0,89%	1,89%	2,99%	3,59%	4,21%	4,51%	4,74%	6,06%
Moderna	6,81%	6,04%	4,97%	3,74%	3,02%	2,10%	1,13%	0,79%	1,36%
INP	1,22%	0,88%	0,43%	0,15%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
ISG	7,41%	6,94%	5,43%	4,13%	3,57%	2,88%	3,16%	3,18%	3,66%
ISGB	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,96%	0,72%
ISLA	5,03%	4,20%	2,92%	2,21%	2,10%	2,07%	2,01%	2,13%	2,39%
Privado	57,98%	54,03%	46,42%	42,55%	39,75%	36,96%	33,21%	32,34%	33,34%

Fonte: MCTES. Elaboração própria.

Pode verificar-se, através da análise dos dados do quadro exposto, que todas as escolas públicas, em Lisboa, incrementaram a sua quota no mercado total em Gestão, com excepção do ISCSP e do ISCTE.

No subsector Privado, apenas a Independente e a Lusófona conseguiram reforçar a sua posição neste mercado, enquanto todas as outras desceram. A Católica manteve-se relativamente estável, com pequenas oscilações.

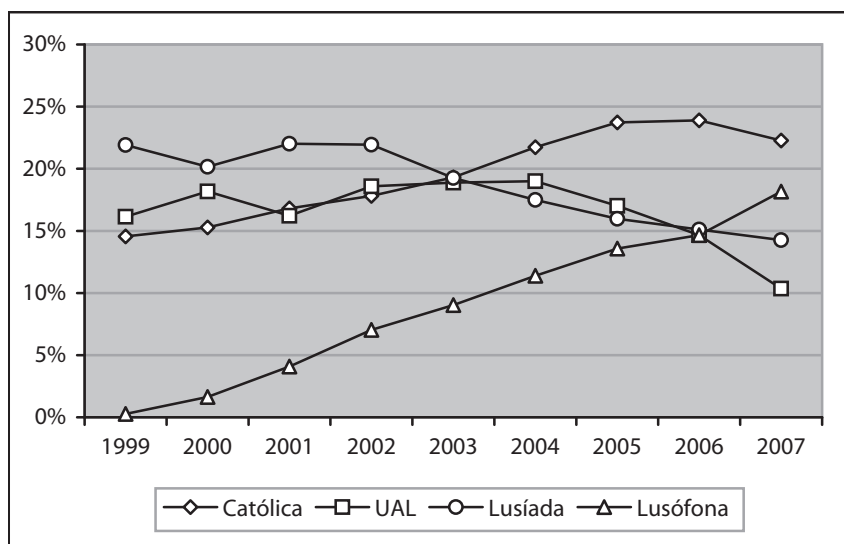
A quota de mercado da UAL desceu de 9,36% em 1998/99, para 3,45% em 2006/07, à semelhança das suas congéneres.

F) QUOTA DE MERCADO EM GESTÃO, NO SUBSECTOR PRIVADO

Considerando apenas o mercado do subsector Privado, mostra-se no gráfico seguinte a evolução da quota de mercado para quatro universidades:

Gráfico n.º 1.4.2.8

Quota de mercado em Gestão, da Católica, UAL, Lusíada e Lusófona, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 18)

Verifica-se que, em relação ao subsector Privado em Lisboa, a UAL tinha uma quota de mercado em Gestão de 16% no início do período, ocupando o segundo lugar (depois da Lusíada) nessa data, e descendo para uma quota de mercado de 10%, no final do período, ficando a ocupar o quarto lugar, depois da Católica (22%), da Lusófona (18%) e da Lusíada (14%).

G) CONCLUSÕES

A análise do mercado da licenciatura em Gestão em Lisboa (com inclusão da Atlântica e do ISEIT – Almada) permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos em Gestão, nos subsectores Público e Privado, era de 10 664 no ano de 1998/99 (onde atingiu o máximo absoluto), tendo tido uma evolução continuamente decrescente até ao ano de 2003/04, atingindo o mínimo absoluto com 8 031 alunos inscritos, invertendo a tendência nos anos seguintes, conseguindo novo máximo relativo, após esta quebra, no ano de 2006/07, com 8 983 alunos inscritos, o que poderá ter sido resultado da alteração das condições legais de acesso à matrícula no ensino superior, para os indivíduos maiores de 23 anos e eventualmente devido a uma diminuição da taxa de retenção no 12.º ano do ensino secundário;
- No final do período, existiam menos 1 681 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado) em relação ao início do período;
- O número de alunos inscritos em Gestão no subsector Público sofreu um aumento, traduzido em mais 1 507 alunos inscritos entre o início e o fim do período em análise. A grande perda ficou a dever-se ao subsector Privado com um total de menos 3 188 alunos inscritos no período considerado;
- No subsector Privado, no âmbito dos ganhos, destaca-se a Lusófona, com um ganho de 527 alunos no período, crescimento que foi contínuo, tendo a sua quota de mercado no total (público e privado) subido para 6% no final do período, posicionando-se à frente da Lusíada e da UAL, sendo a sua quota de mercado de 18,16%.
- Por seu turno, a UAL teve uma evolução continuamente decrescente quanto ao número de alunos inscritos em Gestão, passando de 998 alunos no início do período para 310 alunos no final deste, perdendo 688 alunos. Quanto à sua quota no mercado total (público e privado), passou de 9,36% no início do período para 3,45% no final do mesmo. Atendendo apenas ao mercado privado, a UAL tinha no início do período uma quota de mercado de 16% e, no final, 10%. A taxa de variação do número de alunos inscritos na UAL manteve-se negativa ao longo do período, sofrendo a maior variação negativa (menos 28%) em 2000/01, com uma perda de 264 alunos em relação ao ano anterior. A tendência continuou a ser negativa até ao final do período, com uma taxa de variação negativa de 21% no ano de 2006/07 em relação ao ano anterior.

- Outra das universidades que perderam alunos foi a Lusíada. Tinha inscritos no início do período 1 355 alunos e chegou ao fim do período com 427 alunos matriculados, perdendo 928 alunos, o que significa que a sua quota de mercado variou entre 12,71% no início do período e 4,75% no final. No mercado privado de Lisboa, esta Universidade tinha no início do período uma quota de mercado de 22% e, no final, 14,26%.

1.4.3 – LICENCIATURA EM ARQUITECTURA

A licenciatura em Arquitectura é um curso com elevada relevância, em muitas instituições, em termos de carisma e quantitativos, nomeadamente na UAL. De facto, é um dos cursos menos susceptíveis de substituição por cursos similares, dada a sua natureza e especificidade. Com efeito, o curso de Arquitectura não oscilou muito no período em análise, evidenciando entre 1999 e 2007, uma “décalage” de 129 alunos a menos no final do período.

No período analisado, 1998/99-2006/07, a oferta da licenciatura, em Lisboa, era constituída por dez escolas de oito universidades, sendo quatro públicas e seis privadas. As escolas públicas que vêm ministrando Arquitectura são a Faculdade de Arquitectura, o Instituto Superior de Agronomia (com Arquitectura Paisagística), e o Instituto Superior Técnico, todas pertencentes à Universidade Técnica de Lisboa, e o ISCTE.

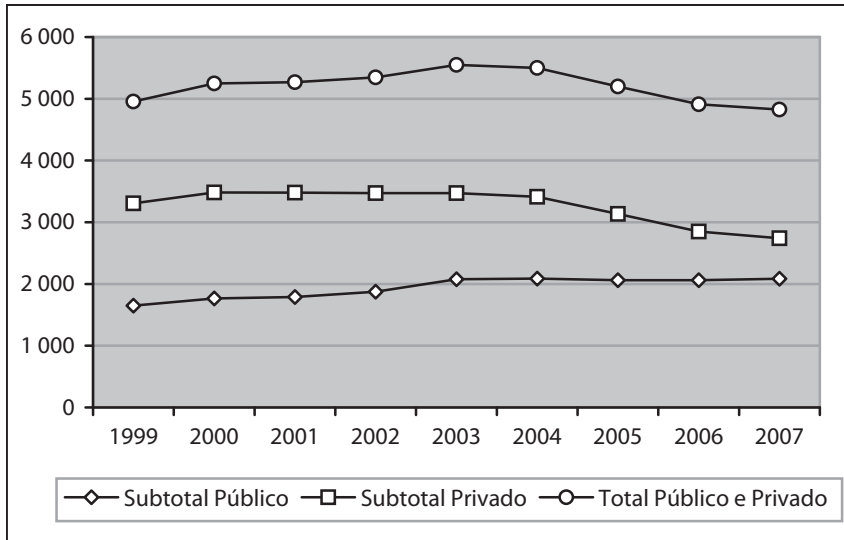
As escolas de Arquitectura privadas pertencem às universidades Autónoma, Moderna, Lusíada, Lusófona, Internacional e Independente. De notar, que o peso de alunos matriculados nestas Escolas no curso de Arquitectura no subsector Privado foi em 2007 de cerca de 57% (correspondendo a um total de 2 741 alunos), tendo a Lusíada 1 795 alunos, correspondendo a 37% do mercado global de Lisboa.

A) EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ALUNOS EM ARQUITECTURA

O gráfico seguinte mostra a evolução do número de alunos inscritos em Arquitectura, em Lisboa, segmentados nos dois subsectores de ensino:

Gráfico n.º 1.4.3.1

Evolução de alunos inscritos em Arquitectura, no ensino público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 19)

A visualização do gráfico permite concluir que o número de alunos inscritos no subsector Público aumentou, traduzido em mais 435 alunos entre o início e o fim do período (1998/99-2006/07).

No que respeita ao subsector Privado, a evolução foi continuamente decrescente a partir de 2004, tendo havido entre o início e o fim do período uma perda de 564 alunos.

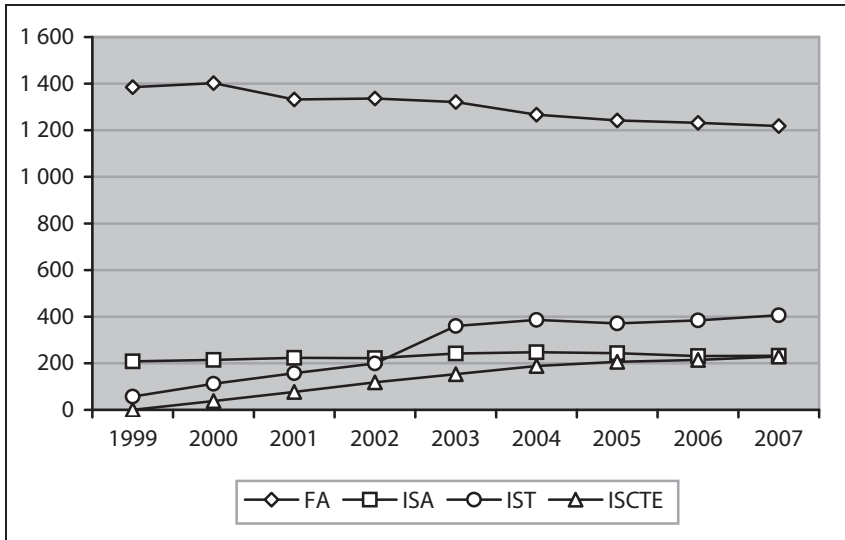
A evolução total de alunos inscritos em Arquitectura, em Lisboa, nos subsectores Público e Privado, foi decrescente, registando-se uma perda de 129 alunos no período. Deste modo, a perda deveu-se apenas ao subsector Privado!

B) ALUNOS INSCRITOS POR UNIVERSIDADE EM ARQUITECTURA

i) O gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em Arquitectura nas quatro Escolas do subsector Público – FA, ISA, IST (UTL) e ISCTE:

Gráfico n.º 1.4.3.2

Evolução de alunos inscritos em Arquitectura nas quatro Escolas do subsector Público – FA, ISA, IST (UTL) e ISCTE. Período: 1998/99-2006/07



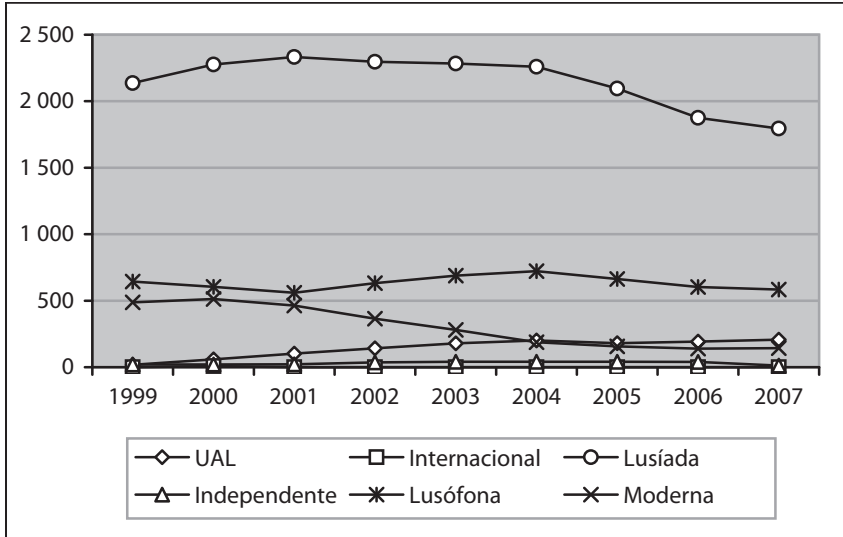
Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 20)

Em duas delas – o ISCTE e o IST - existiu uma evolução crescente. Na Faculdade de Arquitectura houve um decréscimo, e o ISA manteve, grosso modo, o número de alunos matriculados (com ligeiro acréscimo no final do período de 24 alunos, face ao início do mesmo). A evolução do número de alunos inscritos em Arquitectura, no total do subsector Público, foi crescente.

ii) O gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em Arquitectura nas seis Escolas do subsector Privado – UAL, Lusíada, Lusófona, Independente, Moderna e Internacional:

Gráfico n.º 1.4.3.3

Evolução de alunos inscritos em Arquitectura nas seis Escolas do subsector Privado – UAL, Lusíada, Lusófona, Independente, Moderna e Internacional.
Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 21)

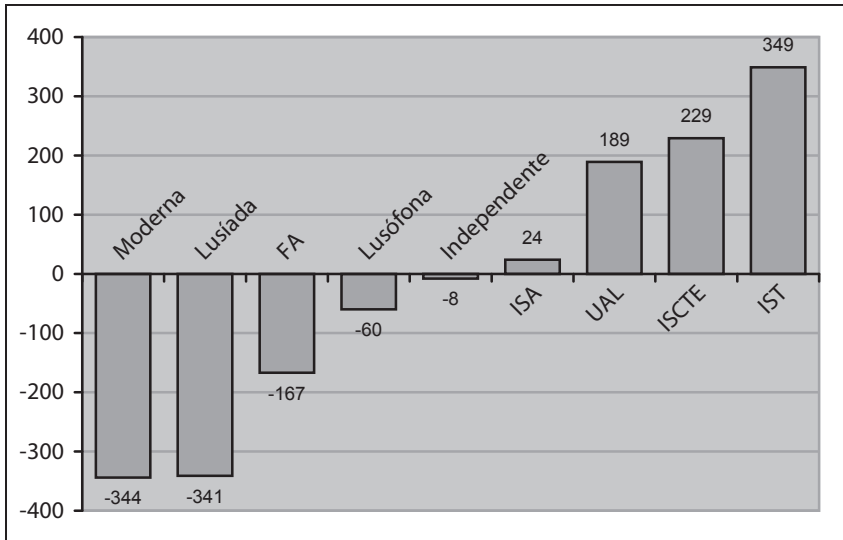
A Lusófona e a Moderna tendem a constituir-se as maiores concorrentes da UAL, funcionando como atractores de alunos no mercado em detrimento desta.

C) PERDAS E GANHOS DE ALUNOS DE ARQUITECTURA, POR UNIVERSIDADE

No período considerado, houve uma diminuição de 129 alunos inscritos em Arquitectura no mercado total, em Lisboa. Essa perda foi distribuída assimetricamente pelas várias Escolas, conforme pode ser visualizado no gráfico seguinte:

Gráfico n.º 1.4.3.4

Perdas e ganhos de alunos inscritos em Arquitectura, por universidade, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 22)

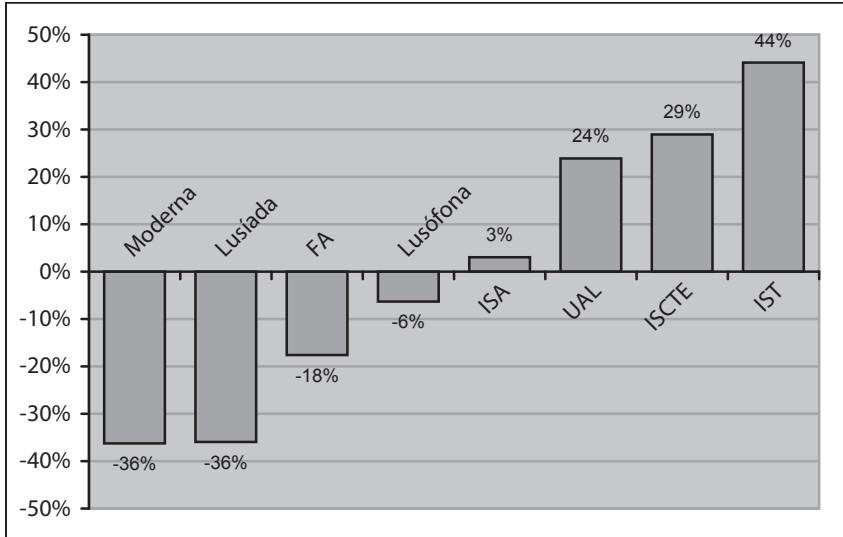
As escolas que contribuíram positivamente para o aumento do mercado total de Arquitectura, em Lisboa, foram o ISA (+24 alunos), a UAL (+189 alunos), o ISCTE (+229 alunos) e o IST (+349 alunos). As que perderam alunos foram a Independente (-8 alunos), a Lusófona (-60 alunos), a FA (-167 alunos), a Lusíada (-341 alunos) e a Moderna (-344 alunos). O desvio no mercado compreendeu 129 alunos, indicador de uma estabilização na procura por este curso.

Dado que a UAL se encontra no subsector Privado, mostra-se, de seguida, o gráfico que evidencia as perdas e ganhos relativos a este subsector.

Gráfico n.º 1.4.3.5

% de perdas e ganhos de alunos inscritos em Arquitectura, em relação às perdas e ganhos totais acumulados no período, face ao subsector Privado, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 23)

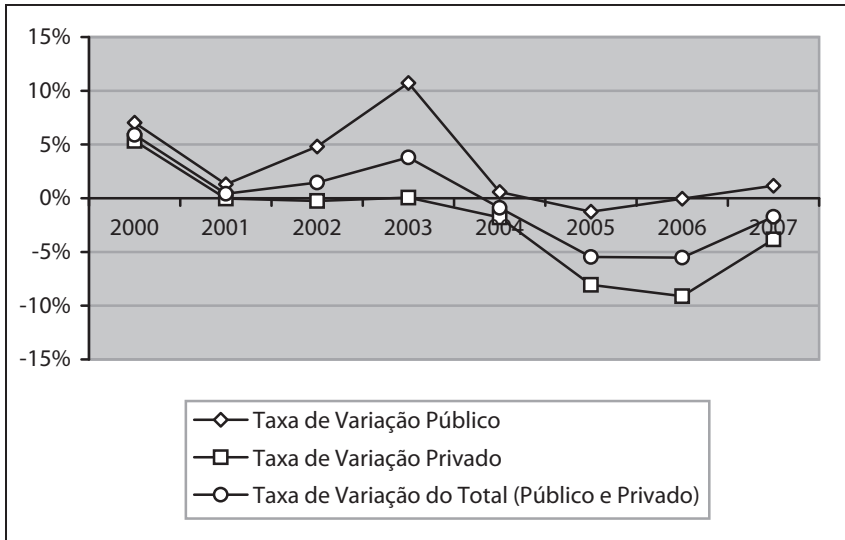
Verifica-se que as escolas que acumulam ganhos, no período considerado, foram o ISA, a UAL, o ISCTE e o IST, sendo a maior percentagem registada pelo IST com 44%. A UAL obteve um ganho acumulado de 24% neste mercado. A Moderna e Lusíada registaram as maiores perdas, ambas com 36%.

D) TAXA DE VARIAÇÃO DE ARQUITECTURA

Tendo sido analisada a evolução do número absoluto de alunos inscritos em Arquitectura, em Lisboa, mostra-se, de seguida, a taxa de variação anual ao longo do período considerado.

Gráfico n.º 1.4.3.6

Taxa de variação anual de alunos inscritos em Arquitectura, nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



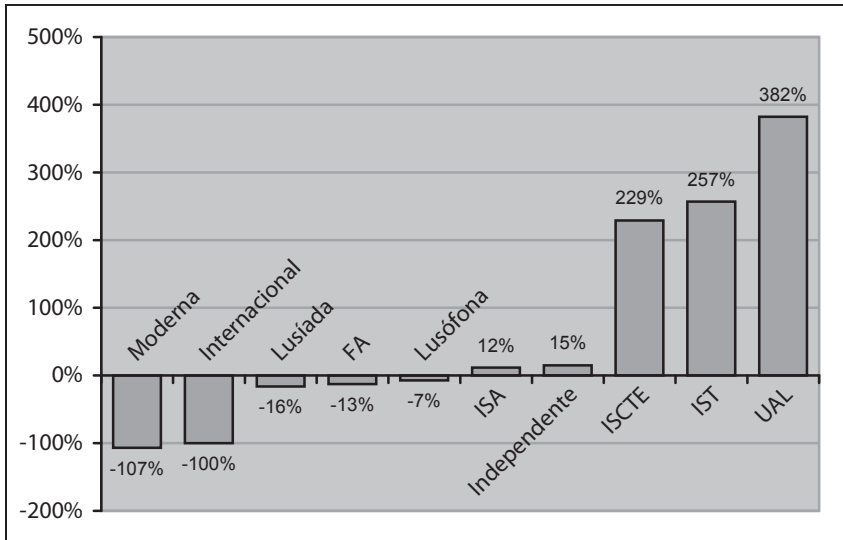
Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 24)

Pode verificar-se que a taxa de variação no subsector estatal apresentou oscilações, mas quase sempre positivas, exceptuando o ano 2005, enquanto no subsector Privado essa taxa passou a negativa a partir de 2004 até ao final do período, notando-se nova inflexão a partir de 2006.

No gráfico de colunas seguinte, pode observar-se a taxa de variação acumulada dos alunos inscritos em Arquitectura, em todas as escolas da área de Lisboa, (entre o início e o fim do período, 1998/99-2006/07).

Gráfico n.º 1.4.3.7

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em Arquitectura,
nas várias Escolas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 25)

A visualização do gráfico evidencia que, das dez escolas que ministram o curso, apenas três tiveram uma taxa acumulada positiva de alunos inscritos em Arquitectura: o ISCTE, o IST e a UAL.

A UAL assinalou uma taxa de crescimento acumulada de 382%, partindo, contudo, de uma base inicial baixa de 18 alunos no ano de 1998/99, tendo atingido o número de 207 alunos em 2006/07. Manteve em todos os anos uma taxa de crescimento positiva, excepção feita no ano de 2005 com uma taxa de decréscimo na ordem dos 10%.

O Instituto Superior Técnico apresentou uma taxa acumulada positiva de 257%, verificando-se uma taxa negativa também no ano de 2005 (-4%), passando de 57 alunos, em 1999, para 406 em 2007. O ISCTE registou uma taxa acumulada positiva de 229%, embora só começasse a ter alunos em 2000 (38 alunos), crescendo sempre, até atingir os 229 alunos em 2007.

De notar, que as duas grandes escolas de Arquitectura, em Lisboa, a Faculdade de Arquitectura e a Lusíada, apresentaram quebras acumuladas de 12 e 16%, respectivamente, sendo notória uma elevada oscilação por parte da FA, enquanto que a Lusíada, a partir de 2002, apresentou sempre taxas de variação negativas. No caso da Lusófona, verificou-se no período

em análise, tal qual na FA, uma oscilação na taxa de crescimento, ora positiva ora negativa, reflectindo-se numa perda de apenas 60 alunos dos iniciais 644 (em 1999), o que, aparentemente, aponta para um ganho da UAL face à Lusófona, mas sobretudo relativamente à Lusíada. Sublinhar ainda o caso da Moderna que apresentou sempre taxas de variação negativas entre 2000 e 2006, tendo registado um crescimento de 2% no ano 2007, valor insuficiente para contrabalançar os alunos perdidos até então. Cifrava-se em 143 alunos no final do período em análise, quando no início do período tinha 487 alunos.

Uma última nota em relação ao ISA que, ministrando um curso de Arquitectura direccionado para o Paisagístico, conseguiu manter-se acima do nível dos duzentos alunos todos os anos do período em análise, tendo mesmo ganho 24 alunos entre 1999 e 2007, apresentando todavia variações negativas em 2002 (-0,5%), 2005 (-1%) e 2006 (-5%).

Em suma, podemos afirmar que o crescimento de 24% apresentado no subsector Público ficou a dever-se ao crescimento do IST e do ISCTE. Já no subsector Privado, e mesmo com o crescimento acumulado da UAL (382%), este subsector perdeu cerca de 18% no período considerado, quadro que fixa em -2% a taxa de crescimento global de Arquitectura, em Lisboa, nos dois subsectores.

E) QUOTA DE MERCADO TOTAL DE ARQUITECTURA

De seguida, analisa-se a quota de mercado de cada escola de Arquitectura, em Lisboa.

Quadro n.º 1.4.3.1

Quota de mercado de Arquitectura em Lisboa, para cada escola
no período 1998/99 a 2006/07

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
FA	27,78%	26,57%	25,20%	24,95%	23,78%	23,02%	23,89%	25,08%	25,23%
ISA	4,17%	4,06%	4,22%	4,15%	4,36%	4,49%	4,67%	4,70%	4,81%
IST	1,14%	2,12%	2,97%	3,72%	6,48%	7,01%	7,14%	7,82%	8,41%
ISCTE	0,00%	0,72%	1,46%	2,20%	2,75%	3,42%	3,96%	4,36%	4,74%
Público	33,09%	33,47%	33,84%	35,01%	37,37%	37,93%	39,67%	41,96%	43,19%
UAL	0,36%	1,12%	1,93%	2,65%	3,22%	3,65%	3,48%	3,91%	4,29%
Lusíada	42,84%	43,13%	44,14%	42,88%	41,10%	41,04%	40,30%	38,17%	37,18%
Independente	0,40%	0,40%	0,42%	0,67%	0,74%	0,74%	0,79%	0,81%	0,25%
Lusófona	12,92%	11,45%	10,59%	11,80%	12,40%	13,12%	12,75%	12,28%	12,10%
Moderna	9,77%	9,72%	8,76%	6,82%	5,06%	3,42%	3,00%	2,85%	2,96%
Privado	66,91%	66,53%	66,16%	64,99%	62,63%	62,07%	60,33%	58,04%	56,81%

Fonte: MCTES. Elaboração própria.

Pode verificar-se, através da análise dos dados do quadro anterior, que o ISA, o IST e o ISCTE incrementaram a sua quota no mercado total em Arquitectura. A excepção foi a Faculdade de Arquitectura que passou de cerca de 28% em 1999 para 25% em 2007.

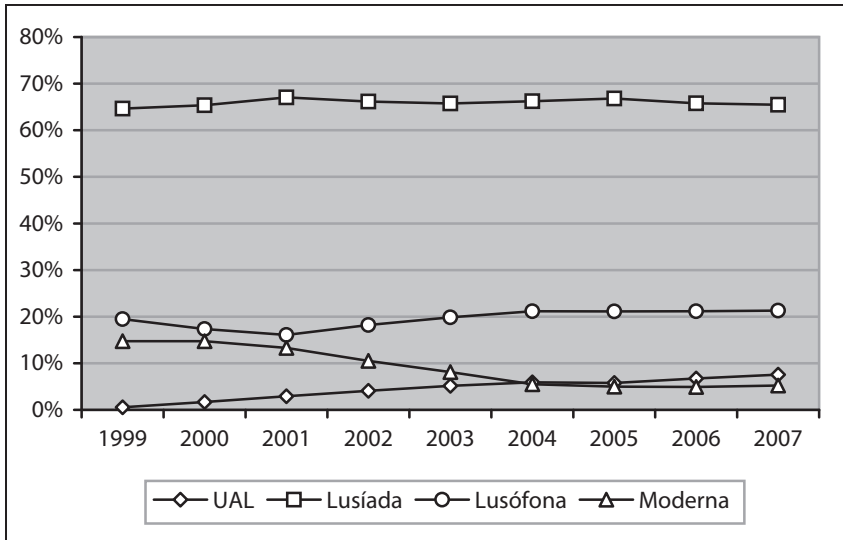
No subsector Privado, todas as escolas viram o seu peso no mercado diminuir, com excepção da UAL (ganhou quase 4 pontos no período em análise).

F) QUOTA DE MERCADO EM ARQUITECTURA, NO SUBSECTOR PRIVADO

Considerando apenas o mercado do subsector Privado, mostra-se, no gráfico seguinte, a evolução da quota de mercado para quatro universidades, excluída a Independente, dada a sua baixa quota de mercado.

Gráfico n.º 1.4.3.8

Quota de mercado em Arquitectura, na UAL, Lusíada, Lusófona e Moderna, em Lisboa. Período: 1998/99 – 2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 26)

Face ao subsector Privado, verifica-se que a UAL tinha, no início do período, uma quota de mercado em Arquitectura de 0,5%, ocupando o último lugar à data, mas foi crescendo para níveis próximos dos 7,5%, no final do período, depois da Lusófona (21%) e da Lusíada (65%).

G) CONCLUSÕES

A análise do mercado da licenciatura em Arquitectura, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos em Arquitectura, nos subsectores Público e Privado era de 4 955 no ano de 1998/99, atingindo o seu máximo absoluto em 2003 (5 549 alunos), com uma evolução continuamente crescente até ao ano de 2002/03, invertendo a tendência nos anos seguintes, e atingiu o seu mínimo absoluto em 2006/07, com 4 826 alunos inscritos. Note-se que não se verificou qualquer influência da alteração legislativa que permitiu o acesso ao ensino superior a indivíduos maiores de 23 anos, talvez devido à especificidade deste curso;

- No final do período existiam menos 129 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado) em relação ao início do período, o que espelha uma ténue tendência diminutiva da procura, pese embora esta diminuição signifique apenas 3% do total, em 2007;
- O número de alunos inscritos em Arquitectura no subsector Público sofreu um aumento, traduzido em mais 435 alunos entre o início e o fim do período em análise, tal ficando a dever-se, como já foi referido, ao crescimento do IST e do ISCTE. A grande perda recaiu sobre o subsector Privado, com um total de menos 564 alunos inscritos no período considerado.

1.4.4 – LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

A licenciatura em Ciências da Comunicação, que doravante denominaremos por Comunicação, é um curso não tradicional, mas dos mais relevantes (em termos da importância que os Media assumem na Sociedade Global e de Informação), em muitas instituições, nomeadamente na UAL.

De facto, o curso de Comunicação é um dos mais susceptíveis de substituição por cursos similares, dada a natureza e carácter generalista do mesmo. No entanto, este curso veio perdendo alunos no período em análise, evidenciando entre 1999 e 2007, uma perda de 1 407 alunos no total do mercado público e privado, com especial incidência no subsector Privado (84% das perdas).

No período analisado e em Lisboa, a oferta da licenciatura é constituída por doze escolas, sendo quatro públicas e oito privadas.

As escolas públicas que vêm ministrando Comunicação são a Faculdade de Letras da UL, o ISCSP da UTL, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UN e a Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa do IPL.

As escolas de Comunicação privadas pertencem às Escolas Autónoma, Católica, Lusófona, ISEIT (PIAGET), Independente, IPES, ISCEM, e o ISLA, o que espelha bem o leque alargado de oferta deste curso na área de Lisboa.

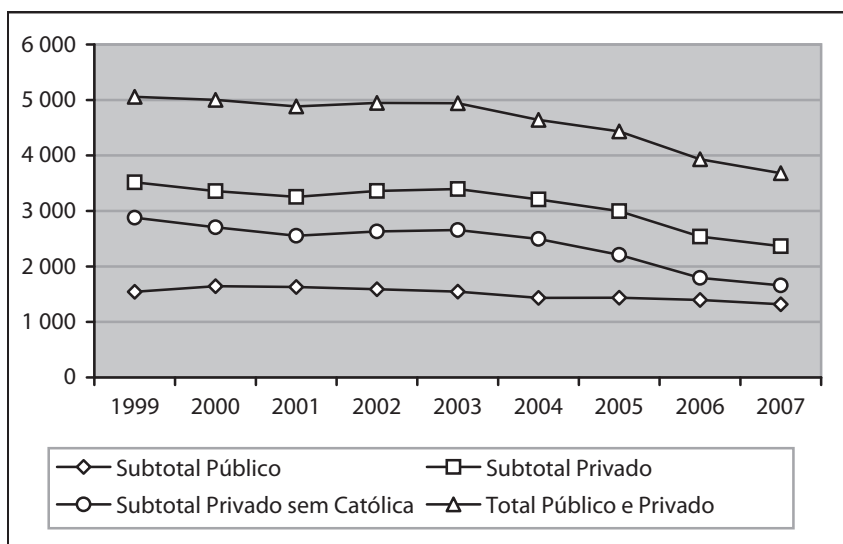
De notar, que o peso de alunos matriculados nestas escolas no curso de Comunicação no subsector Privado foi, em 2007, cerca de 64% (correspondendo a um total de 2 364 alunos), enquanto no início do período era de cerca de 70% (com total de 3 515 alunos).

A) EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ALUNOS EM COMUNICAÇÃO

O gráfico seguinte mostra a evolução do número de alunos inscritos em Comunicação, em Lisboa, segmentados nos dois subsectores de Ensino.

Gráfico n.º 1.4.4.1

Evolução de alunos inscritos em Comunicação, no ensino público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 27)

A visualização do gráfico permite concluir que o número de alunos inscritos no subsector Público manteve-se relativamente estável, mas com tendência decrescente, perdendo no período 224 alunos.

No que respeita ao subsector Privado, a evolução foi continuamente decrescente a partir de 2003, tendo havido entre o início e o fim do período uma perda de 1 151 alunos, correspondendo esta a -33% relativamente ao início do período.

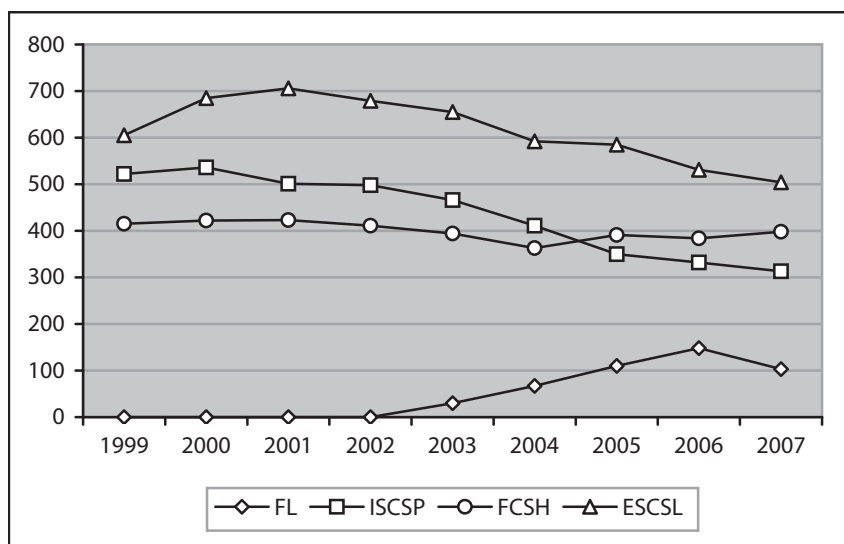
A evolução total de alunos inscritos em Comunicação, nos subsectores Público e Privado, foi decrescente, com uma redução de 1 375 alunos no período, ou seja, uma perda de 27% face ao início do período.

B) ALUNOS INSCRITOS POR UNIVERSIDADE

i) O gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em Comunicação nas quatro Escolas do subsector Público – FL, ISCSP, FCSH e o ESCSL.

Gráfico n.º 1.4.4.2

Evolução de alunos inscritos em Comunicação nas quatro Escolas do subsector Público – FL, ISCSP, FCSH e o ESCSL. Período: 1998/99-2006/07



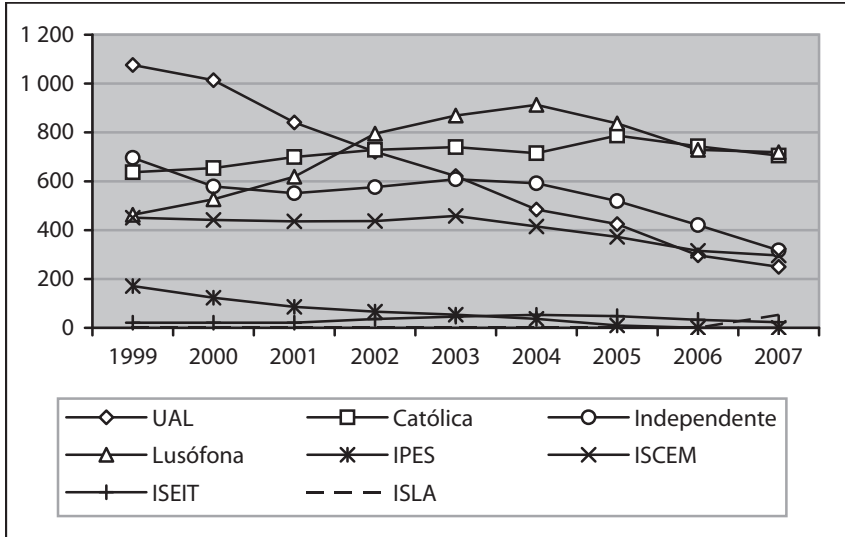
Fonte: MCTES. Elaboração própria (Vide Anexo 28)

Apenas a FL apresenta uma evolução tendencialmente crescente. A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova manteve mais ou menos o mesmo número de alunos no período em análise (-17 alunos). O ISCSP apresentou uma tendência decrescente, perdendo então 209 alunos, sendo ultrapassado pela FCSH a partir de 2005. A escola Superior de Comunicação Social de Lisboa, apesar de líder de mercado, apresentou desde 2001 uma tendência decrescente, consubstanciada na perda de 101 alunos no período.

ii) O gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em Comunicação nas oito Escolas do subsector Privado – Autónoma, Católica, Lusófona, ISEIT, Independente, IPES, ISCEM, e o ISLA:

Gráfico n.º 1.4.4.3

Evolução de alunos inscritos em Comunicação nas oito Escolas do subsector Privado – Autónoma, Católica, Lusófona, ISEIT, Independente, IPES, ISCEM, e o ISLA. Período: 1998/99-2006/07

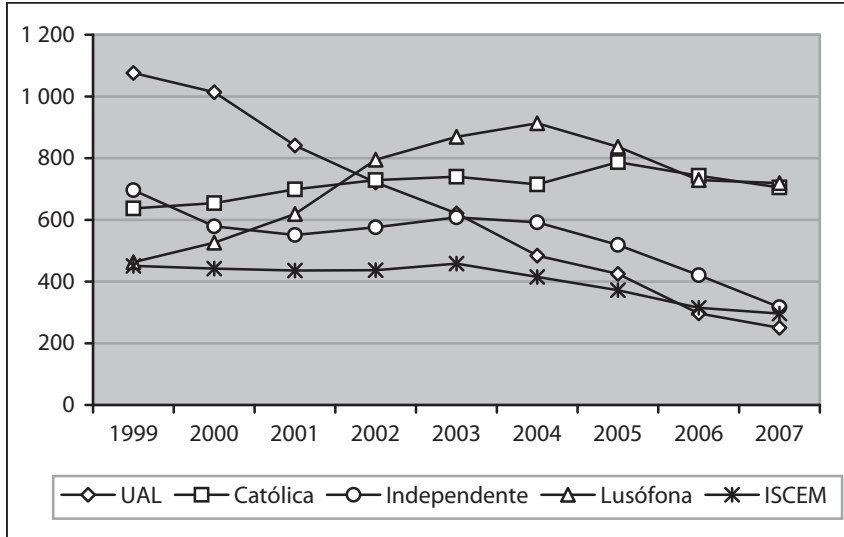


Fonte: MCTES. Elaboração própria (Vide Anexo 29)

O IPES registou zero alunos, a partir de 2005. O ISEIT apresenta valores residuais (23 alunos em 2007). O ISLA iniciou o curso em 2007 com 54 alunos. Por esta razão, apresentamos um novo gráfico eliminadas estas escolas:

Gráfico n.º 1.4.4.4

Evolução de alunos inscritos em Comunicação nas cinco escolas mais relevantes do subsector Privado – Autónoma, Católica, Lusófona, Independente e ISCEM, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria (Vide Anexo 29)

A grande perdedora nesta área foi a UAL, com uma diferença, entre o início e o final do período, de 826 alunos a menos, o que reflectiu a passagem da liderança em 1999, para o último lugar em 2007.

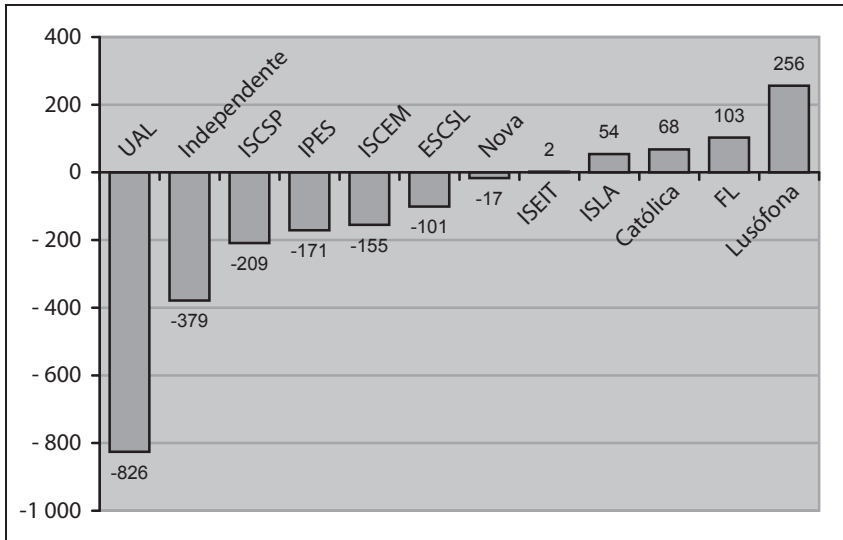
A Lusófona e a Católica foram as escolas que apresentaram melhores resultados nesta área, sendo a Lusófona a que mais cresceu em termos absolutos, no período em análise (mais 256 alunos). Neste sentido, é lícito admitir que a UAL, por força de ter sido líder em 1999, foi canibalizada pela Católica e pela Lusófona.

C) PERDAS E GANHOS DE ALUNOS DE COMUNICAÇÃO, POR UNIVERSIDADE

No período considerado e em Lisboa, houve uma diminuição no mercado total de 1 375 alunos inscritos em Comunicação. Essa perda repartiu-se assimetricamente pelas várias escolas, o que pode ser visualizado no gráfico seguinte:

Gráfico n.º 1.4.4.5

Perdas e ganhos de alunos de Comunicação, por universidade, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07

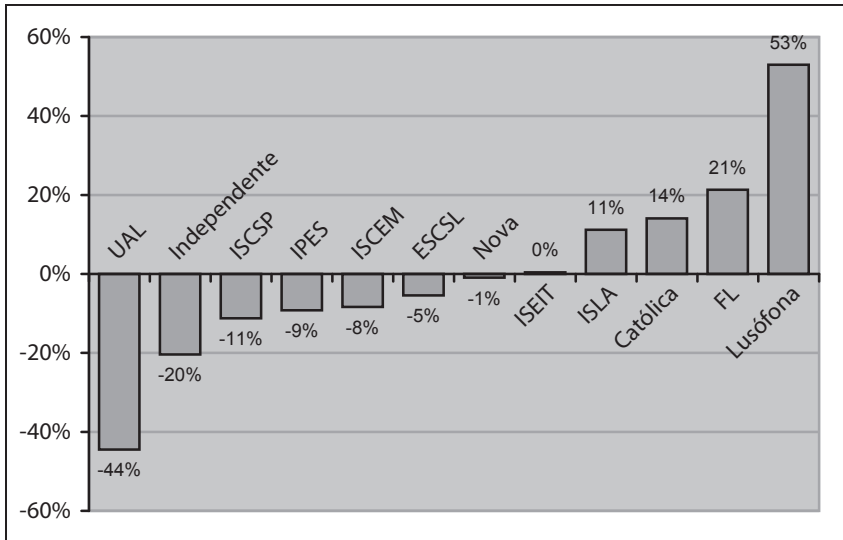


Fonte: MCTES. Elaboração própria (Vide Anexo 30)

De notar, que quase todas as Escolas, em especial a UAL, a Independente e o ISCSP apresentaram taxas de variação acumuladas negativas. O ISLA, a Católica, a Faculdade de Letras e principalmente a Lusófona contribuíram para o atenuar do decréscimo de alunos matriculados em Comunicação. Por outro lado, se tivermos em conta apenas o comportamento do subsector Privado, podemos inferir, com a ajuda do gráfico seguinte, que:

Gráfico n.º 1.4.4.6

% de perdas e ganhos de alunos de Comunicação, em relação às perdas e ganhos totais acumulados no período, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 31)

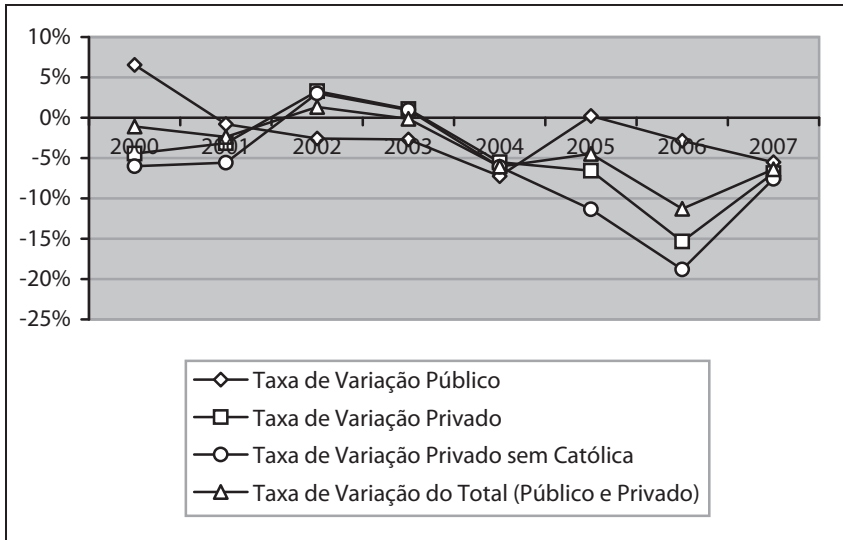
As únicas universidades que acumularam ganhos no período considerado foram a Lusófona (53%), a FL (21%), a Católica (14%) e o ISLA (11%). Todas as restantes escolas apresentaram decréscimos bastante significativos, especialmente a UAL, com menos 44%.

D) TAXA DE VARIAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

No gráfico seguinte, evidencia-se a evolução das taxas de variação anual dos alunos inscritos em Comunicação, em Lisboa, nos subsectores Público e Privado.

Gráfico n.º 1.4.4.7

Taxa de variação anual de alunos inscritos em Comunicação, nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



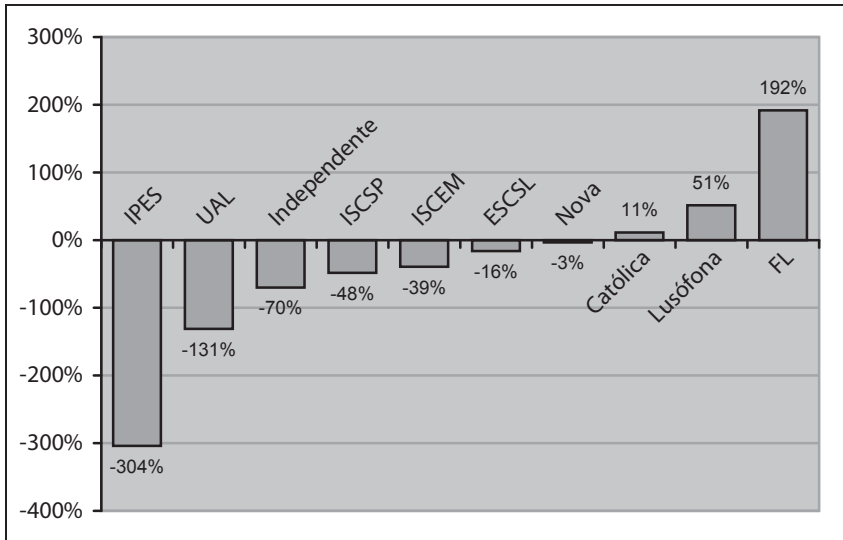
Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 32)

Pode verificar-se que as taxas de variação anuais no subsector estatal desde 2001 foram ligeiramente negativas. No subsector Privado, essa taxa foi positiva em 2002 e 2003, passando a negativa a partir de 2004, notando-se, no entanto, uma inversão a partir de 2006, devido aos efeitos da legislação que permitiu aos indivíduos maiores de 23 anos e com habilitação inferior ao 12º ano inscreverem-se no ensino superior.

No gráfico de colunas seguinte pode observar-se a taxa de variação acumulada (entre o início e o fim do período, 1998/99-2006/07), em todas as Escolas da área, de Lisboa.

Gráfico n.º 1.4.4.8

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em Comunicação, nas várias escolas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 33)

A leitura do gráfico evidencia que, das dez escolas mais relevantes que ministram o curso, apenas três tiveram uma taxa acumulada positiva de alunos inscritos em Comunicação: a FL, a Lusófona e a Católica, tendo a FL uma taxa de crescimento acumulada de 192%, partindo, contudo, de uma base inicial baixa de 30 alunos no ano de 2003 e tendo atingido o número de 103 alunos em 2007, mantendo em quase todos os anos uma taxa de crescimento positiva, excepto no ano de 2007, que apresentou uma taxa de decréscimo na ordem dos 30%.

No caso da Lusófona, os 51% de crescimento apresentados foram sustentados por taxas de variação bastante positivas até 2004. A partir desse ano e até final do período teve sempre taxas de variação negativas, embora ganhando no período global 256 alunos, mas a partir de 2004 perdeu 194.

A Católica, apesar do crescimento de 11%, não apresentou grande incremento no número de alunos matriculados no curso, pois manifestou apenas um aumento de 68 alunos, no período.

Todas as restantes sete escolas apresentaram taxas de variação negativas, com enfoque nas três últimas, o Instituto Português de Estudos Superiores, a UAL, e a Independente. No que concerne à UAL, a perda reflectiu-se

na passagem de 1076 alunos em 1999, para 250 em 2007, o que perfaz, nesse período, uma perda global absoluta de 826 alunos.

Em termos de análise global, ambos os subsectores apresentam também uma taxa de variação acumulada negativa, sendo a taxa global de menos 31%.

E) QUOTA DE MERCADO TOTAL DE COMUNICAÇÃO

O quadro seguinte mostra a quota de mercado de Comunicação, em Lisboa, em cada instituição:

Quadro n.º 1.4.4.1
Quota de mercado de Comunicação em Lisboa, para cada escola
no período 1998/99 a 2006/07

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
FL	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	1,44%	2,48%	3,76%	2,80%
ISCSP	10,26%	10,72%	10,26%	10,06%	9,43%	8,85%	7,89%	8,44%	8,50%
FCSH	8,15%	8,44%	8,66%	8,31%	7,97%	7,82%	8,82%	9,76%	10,81%
ESCSL	11,89%	13,69%	14,46%	13,72%	13,26%	12,75%	13,19%	13,50%	13,69%
Público	30,30%	32,85%	33,38%	32,09%	31,27%	30,87%	32,39%	35,47%	35,80%
UAL	21,14%	20,27%	17,22%	14,57%	12,57%	10,43%	9,59%	7,55%	6,79%
Católica	12,52%	13,07%	14,31%	14,73%	14,98%	15,40%	17,75%	18,89%	19,15%
Independente	13,68%	11,58%	11,28%	11,64%	12,31%	12,75%	11,71%	10,70%	8,61%
Lusófona	9,10%	10,52%	12,68%	16,07%	17,59%	19,67%	18,88%	18,54%	19,53%
IPES	3,36%	2,46%	1,76%	1,33%	1,09%	0,80%	0,23%	0,00%	0,00%
ISCEM	8,86%	8,84%	8,93%	8,83%	9,27%	8,94%	8,39%	8,01%	8,04%
ISEIT	0,41%	0,42%	0,43%	0,73%	0,93%	1,14%	1,08%	0,84%	0,62%
ISLA	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,47%
Privado	69,70%	67,15%	66,62%	67,91%	68,73%	69,13%	67,61%	64,53%	64,20%

Fonte: MCTES. Elaboração própria.

Pode verificar-se, através da análise dos dados do quadro anterior, que, com excepção do ISCSP, todas as escolas públicas incrementaram a sua quota no mercado total em Comunicação, em Lisboa.

No subsector Privado, a Católica, a Lusófona e o ISLA aumentaram as suas quotas, com especial relevo para a Católica e a Lusófona que subiram cerca de 7 e 10 pontos percentuais, respectivamente. O ISEIT e o ISCEM consolidaram as suas posições, com 0,62% e 8,04%, respectivamente. As escolas

que perderam neste período, foram, efectivamente, a UAL e a Independente, em cerca de 14 e 5 pontos, respectivamente.

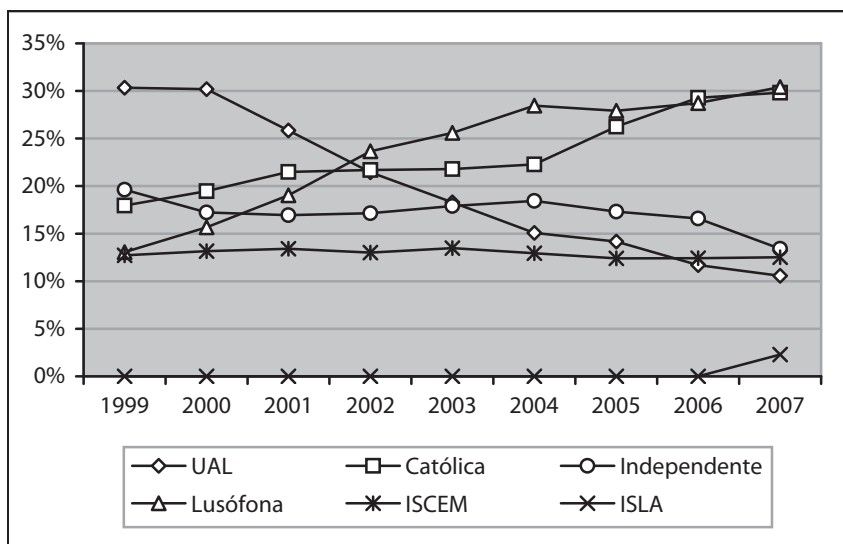
Em suma, verifica-se que o subsector Público ganhou cerca de 5 pontos ao subsector Privado no que concerne o curso de Comunicação.

F) QUOTA DE MERCADO EM COMUNICAÇÃO, NO SUBSECTOR PRIVADO

Considerando apenas o mercado do subsector Privado, mostra-se, no gráfico seguinte, a evolução da quota de mercado para seis universidades, considerando que o IPES não teve alunos desde 2006, e que a expressividade do ISEIT é negligenciável.

Gráfico n.º 1.4.4.9

Quota de mercado em Comunicação, no subsector Privado, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria (Vide Anexo 34)

Verifica-se que a UAL usufruía uma quota de mercado em Comunicação, em Lisboa, face ao subsector Privado, de cerca de 30% no início do período, ocupando o primeiro lugar à data; foi decrescendo para níveis de cerca de 10%, no final do período, ficando a ocupar o quinto lugar, depois da Lusófona (30%), da Católica (30%), da Independente (13%) e do ISCEM (13%), tendo apenas ficado à frente do ISLA que iniciou este curso em 2006,

atingindo em 2007 uma quota de cerca de 2%. A descida de posição da UAL ter-se-á devido ao crescimento da Católica, mas sobretudo ao da Lusófona (mais 256 alunos em 2007 que em 1999), aliado ao facto de o número total de alunos no subsector Privado (e no global também), ter diminuído 1 151 alunos.

G) CONCLUSÕES

A análise do mercado da licenciatura em Comunicação, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos em Comunicação nos subsectores Público e Privado, era de 5 057 no ano de 1998/99, atingindo o seu máximo absoluto nesse mesmo ano, continuando a decrescer nos anos seguintes, atingindo o seu mínimo absoluto em 2006/07, com 3 682 alunos inscritos;
- No final do período existiam menos 1 375 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado) em relação ao início do período, o que espelha o declínio e a saturação da procura neste mercado;
- O número de alunos inscritos em Comunicação no subsector Público sofreu uma retracção, apesar de não ser tão acentuada como no Privado, traduzido em menos 224 alunos entre o início e o fim do período em análise;
- A grande perda ficou a dever-se ao subsector Privado, com um total de menos 1 151 alunos inscritos, destacando-se nesta redução a UAL, com menos 826 alunos.

1.4.5 – LICENCIATURA EM CIÊNCIAS INFORMÁTICAS

A licenciatura em Ciências Informáticas, em sentido lato, abrangendo as licenciaturas em Informática, Engenharia Informática, Informática de Gestão (licenciaturas com elevado grau de substituíbilidade), que doravante denominaremos por Informática, é um curso não tradicional, mas dos mais relevantes, em termos da importância que a Sociedade de Informação assumiu na Sociedade Global, em muitas instituições, nomeadamente na UAL. De facto, o curso de Informática é um dos menos susceptíveis de substituição por outros cursos, dada a natureza e carácter específico do

mesmo. No entanto, há que ter em linha de conta o facto de esta área de especialização ser suportada por uma miríade de alternativas programáticas, espelhada no número de Escolas a leccioná-lo, bem como a diversidade de cursos existentes.

O curso de Informática tem vindo a ganhar alunos no período em análise, evidenciado por um ganho de 2 451 alunos, entre 1999 e 2007.

No período analisado, 1998/99-2006/07, a oferta da licenciatura, em Lisboa, era constituída por vinte e uma Escolas, sendo sete públicas e catorze privadas.

As escolas públicas que vêm ministrando Informática são a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, o Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, a Faculdade de Ciências e Tecnologias e o Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação da Universidade Nova de Lisboa, a Universidade Aberta, o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa, e o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

As escolas de Informática privadas pertencem às universidades Autónoma de Lisboa, à Faculdade de Engenharia da Universidade Católica, à Universidade Lusíada, à Universidade Independente, à Universidade Atlântica, à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, à Universidade Moderna, ao Instituto Superior de Informática e Gestão, ao Instituto Superior Autónomo de Estudos Politécnicos, ao Instituto Superior de Educação e Ciências, ao Instituto Superior de Gestão, ao Instituto Superior de Línguas e Administração de Lisboa, ao Instituto Superior de Tecnologias Avançadas de Lisboa, e ao Instituto Superior de Transportes e Comunicações, o que espelha bem a leque alargado de oferta deste curso na área de Lisboa.

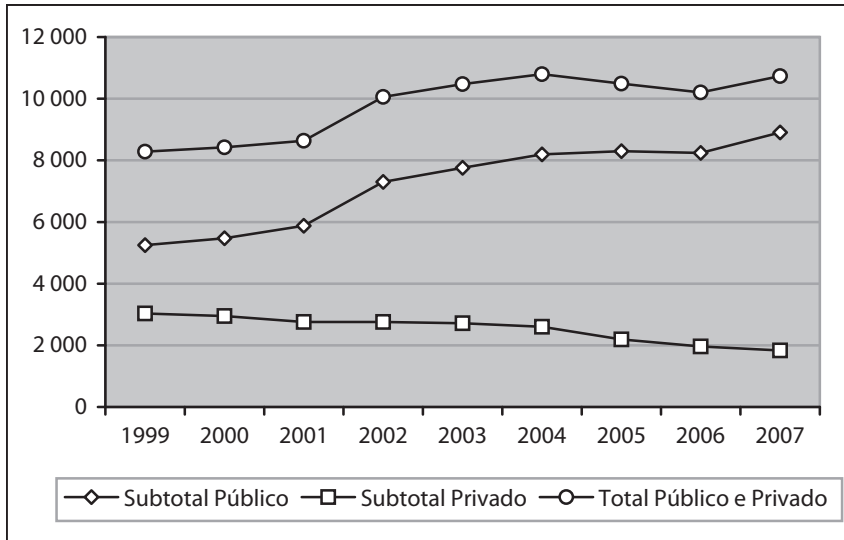
De notar, que o peso de alunos inscritos nestas Escolas no curso de Informática no subsector Privado foi, em 2007, de cerca de 17% (correspondendo a um total de 1 831 alunos), valor que ilustra inequivocamente o domínio do subsector Público nesta área de especialização, em Lisboa.

A) EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ALUNOS EM INFORMÁTICA

O gráfico seguinte mostra a evolução do número de alunos inscritos em Informática, em Lisboa, segmentados nos dois subsectores de Ensino:

Gráfico n.º 1.4.5.1

Evolução de alunos inscritos em Informática,
no ensino público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 35)

A visualização do gráfico permite concluir que o número de alunos inscritos no subsector Público apresentou-se tendencialmente crescente, atingindo o pico em 2007 com 8 903 alunos, ganhando face ao início do período 3 652 alunos.

No que respeita ao subsector Privado, a evolução foi continuamente decrescente a partir de 1999, tendo havido entre o início e o fim do período uma perda de 1 201 alunos.

A evolução total de alunos inscritos em Informática, em Lisboa, nos subsectores Público e Privado, foi crescente, havendo apenas uma quebra em 2005 e 2006, preconizando, ainda assim, um ganho de 2 451 alunos no período. Deste modo, a perda deveu-se apenas ao subsector Privado!

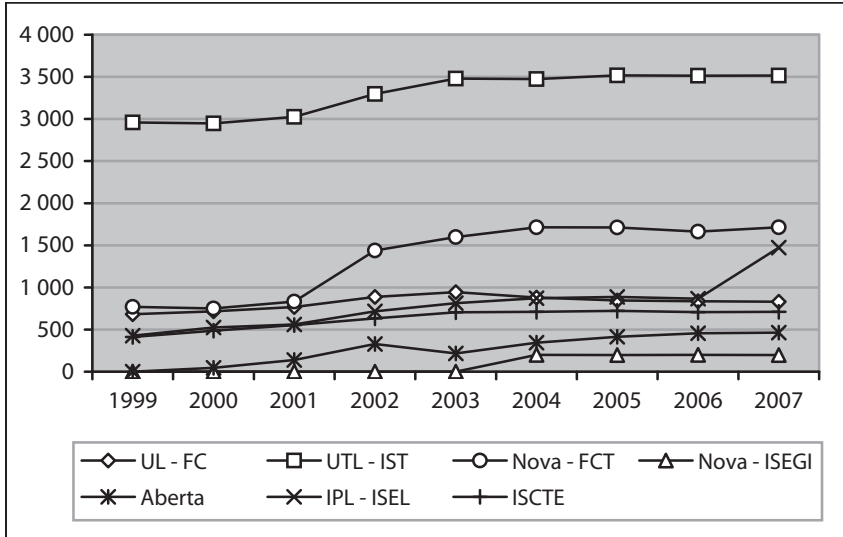
B) ALUNOS INSCRITOS POR UNIVERSIDADE

i) O gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em Informática nas sete escolas do subsector Público – FC (UL), IST (UTL), FCT (NOVA), ISEGI (NOVA), U. ABERTA, ISEL (IPL), e o ISCTE:

Gráfico n.º 1.4.5.2

Evolução de alunos inscritos em Informática nas sete escolas do subsector Público – FC (UL), IST (UTL), FCT (Nova), ISEGI (Nova), U. Aberta, ISEL (IPL), e o ISCTE.

Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 36)

A visualização do gráfico dá-nos a perspectiva do crescimento que todas as sete escolas do subsector Público apresentaram. Sobressai o crescimento que tanto o IST (crescendo para o nível dos 3 500 alunos), como a FCT -Nova (crescendo para o nível dos 1 700 alunos), apresentaram a partir de 2001. Em 2003, a NOVA lança o curso no ISEGI que, em princípio, viria retirar espaço às outras escolas, mas constata-se ter apenas canibalizado o subsector Privado.

Em 2007, notar ainda o crescimento do ISEL nesta área de especialização, sendo esta uma escola com tradição ao nível das engenharias clássicas, como a Civil, etc. De ressaltar, ainda, o crescimento da Universidade Aberta, passando de zero alunos em 1999, para, em 2007, contar com 463 alunos inscritos nesta especialidade.

As restantes escolas apresentaram níveis de crescimento assinaláveis, mas não tão rápidos como as escolas supra citadas. A Faculdade de Ciências passou de 683 alunos em 1999, para 830 alunos em 2007. O ISEGI, de zero alunos no período 1999-2003 chegou a 197 alunos em 2007. O ISCTE registou 412 alunos em 1999 e 710 alunos em 2007.

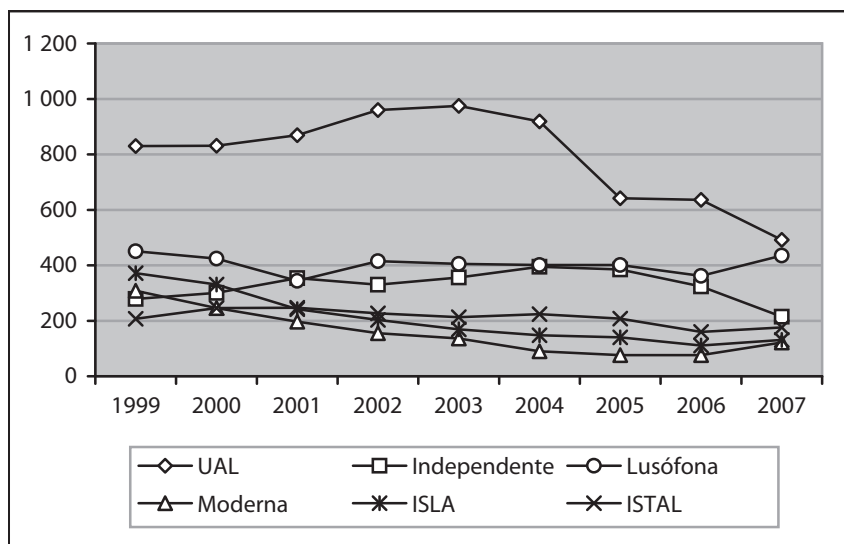
Face a este cenário de crescimento verificado em todas as escolas, o subsector Público apresentou um ganho de 3 652 alunos entre 1999 e 2007.

ii) O gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em Informática nas escolas mais relevantes do subsector Privado – a UAL, a Independente, a Lusófona, a Moderna, o ISLA e o ISTAL:

Gráfico n.º 1.4.5.3

Evolução de alunos inscritos em Informática nas escolas mais relevantes do subsector Privado – a UAL, a Independente, a Lusófona, a Moderna, o ISLA, o ISTAL.

Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 37)

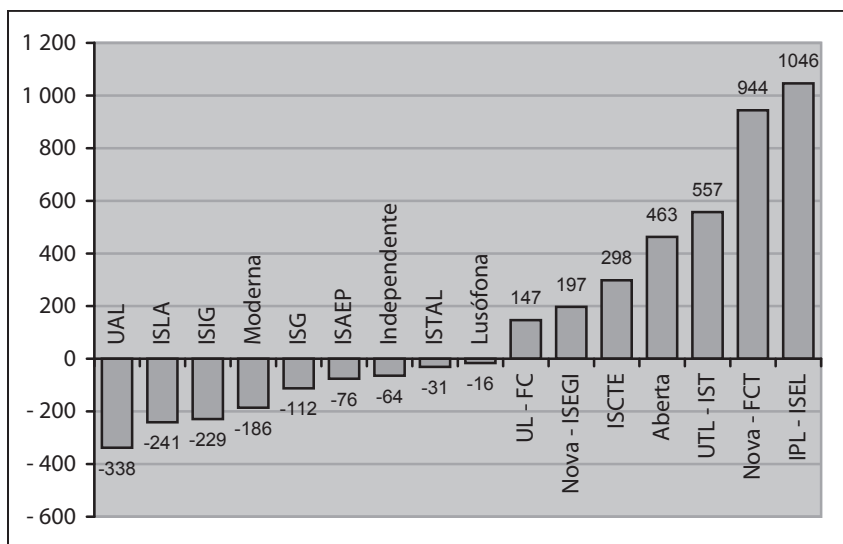
Uma das conclusões que se pode retirar é que a UAL perdeu cerca de 40% dos alunos desde 1999 (menos 338 alunos). Com excepção da Lusófona, que em 2007 recuperou os níveis de 1999, as restantes escolas apresentaram perdas nesta área de especialização. A Independente passou de 279 alunos em 1999 para 215 alunos em 2007. A Moderna de 308 alunos em 1999, inscreveu 122 alunos em 2007. O ISLA teve 372 alunos inscritos em 1999 e 131 alunos em 2007. O ISTAL passou de 207 alunos em 1999 para 176 em 2007.

C) PERDAS E GANHOS DE ALUNOS DE INFORMÁTICA, POR UNIVERSIDADE

No período considerado, houve um aumento de 2 451 alunos inscritos em Informática no mercado total em Lisboa. Esse proveito foi distribuído assimetricamente pelas várias escolas, o que pode ser visualizado no gráfico seguinte:

Gráfico n.º 1.4.5.4

Perdas e ganhos de alunos de Informática, por universidade, em Lisboa



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 38)

De notar, que as escolas do subsector Público são as únicas que incrementam o seu número de alunos inscritos nesta especialidade, contribuindo para a melhoria total global do mercado de Informática em Lisboa, em particular a NOVA (com a FCT a ganhar 944 alunos) e o IPL (com o ISEL a ganhar 1 046 alunos). O IST ficou com 3 516 alunos inscritos em 2007, mantendo-se assim na liderança deste mercado, ganhando 557 alunos.

De notar ainda que a Universidade Aberta, em 2007, contava com 463 alunos inscritos, o que não deixa de ser assinalável quando ao longo do período apresentou ganhos líquidos de 463 alunos pois em 1999 tinha zero alunos. Nesse mesmo ano, a Faculdade de Ciências tinha 830 alunos inscritos (devido ao ganho líquido de 147 alunos) e o ISCTE contava com 710 alunos (devido ao ganho de 298 alunos). O ISEGI por seu lado, inscreveu 197

alunos, correspondendo aos 197 alunos de ganhos líquidos apresentado no gráfico 1.4.5.4, o que também não deixa de ser assinalável visto ter iniciado a leccionação do curso em 2004.

Todo o subsector Privado contribuiu para o decréscimo verificado, sendo a UAL a escola que mais contribuiu para esta evolução no curso de Informática,

perdendo no total, desde 1999, 338 alunos. Em 2007 ficou com 492 alunos nas suas fileiras.

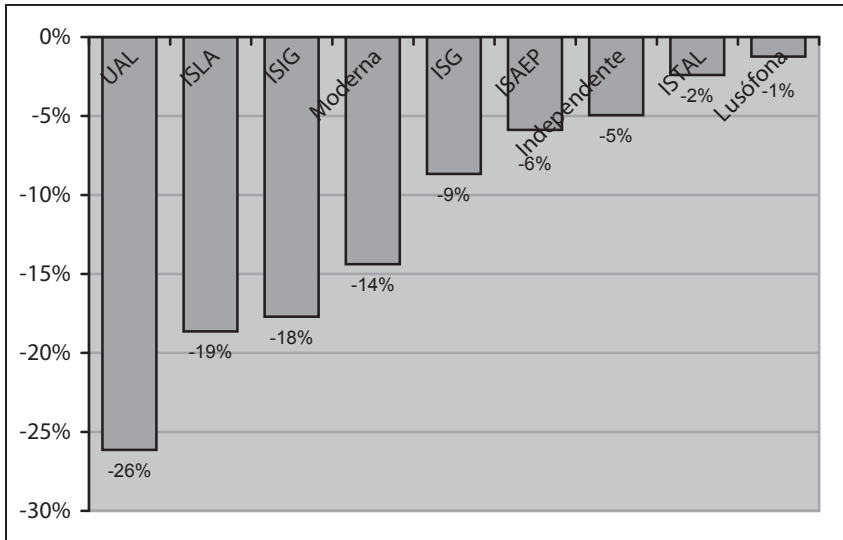
A seguir à UAL, as escolas que mais perderam foram o ISLA e a Moderna (não analisamos o ISIG, pois este quase desapareceu em 2007, contando apenas com 23 alunos inscritos), ficando em 2007 ao nível dos cento e poucos alunos (122, 131 alunos respectivamente). De notar ainda que a Lusófona perdeu apenas 16 alunos no período, ficando-se pelos 435 alunos, em 2007.

O ISIG, o ISG e o ISAEF, no período, quase perderam a totalidade dos respectivos alunos; por conseguinte, perderam expressão nesta especialidade. A Universidade Independente, apesar da perda de 64 alunos, conseguiu manter-se acima dos duzentos alunos inscritos, em 2007.

Já o ISTAL, conseguiu manter nas suas fileiras, em 2007, 176 alunos, apesar de ter perdido 32 deles no período em análise. Por outro lado, se tivermos em conta apenas o comportamento do subsector Privado, podemos observar, com a ajuda do gráfico seguinte, que:

Gráfico n.º 1.4.5.5

% de perdas e ganhos de alunos de Informática, em relação às perdas totais acumuladas no período, face ao subsector Privado, em Lisboa.



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 39)

Todas as escolas acumulam perdas no período considerado, sendo a UAL, com 26% a que mais contribui para o decréscimo, seguida do ISLA com 19% e do ISIG com 18%. A Moderna apresenta uma contribuição negativa global do subsector de 14%, seguida do ISG com 9%. O ISAEP e a Independente participaram com uma perda de 6 e 5%, respectivamente. Os que menos concorreram para situação do curso de Informática foram o ISTAL e a Lusófona, com 2% e 1% de perda, respectivamente.

De notar, que a oferta do mercado em Informática, em Lisboa, cresceu no período considerado, e com excepção do crescimento da universidade Católica e da universidade Lusíada, os directos concorrentes da UAL, e que tiveram ganhos de 56 e 57 alunos, respectivamente, mas não incluídos na análise gráfica, pois o seu número de alunos inscritos em 2007 foi exactamente igual aos ganhos líquidos que apresentaram no período em análise; todas as restantes escolas contribuíram negativamente para a evolução do mercado de Informática, em Lisboa.

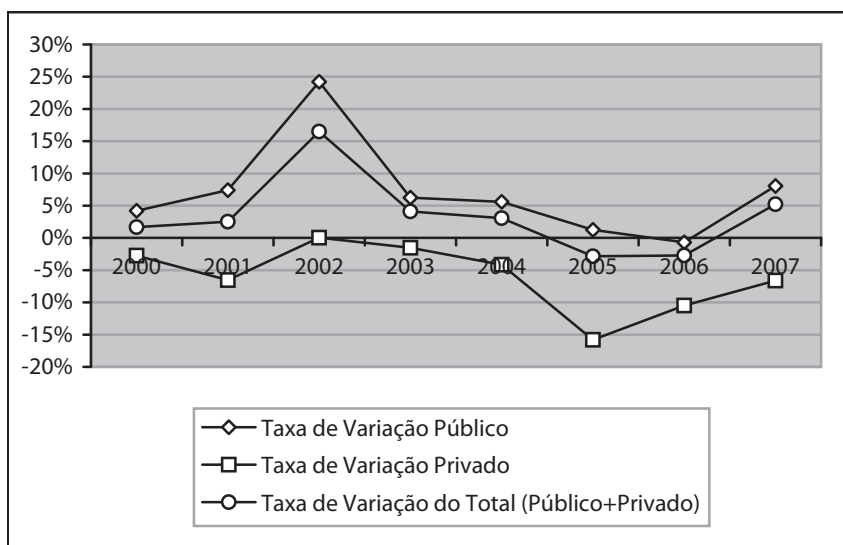
Aparentemente, o subsector Privado foi canibalizado pelo subsector Público devido a factores de distorção causados pela intervenção estatal nesta área de especialização.

D) TAXA DE VARIAÇÃO DE INFORMÁTICA

Mostra-se, de seguida, a taxa de variação ao longo do período considerado. No gráfico evidencia-se a evolução das taxas de variação dos alunos inscritos em Informática, em Lisboa, nos subsectores Público e Privado:

Gráfico n.º 1.4.5.6

Taxa de variação de alunos inscritos em Informática, nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



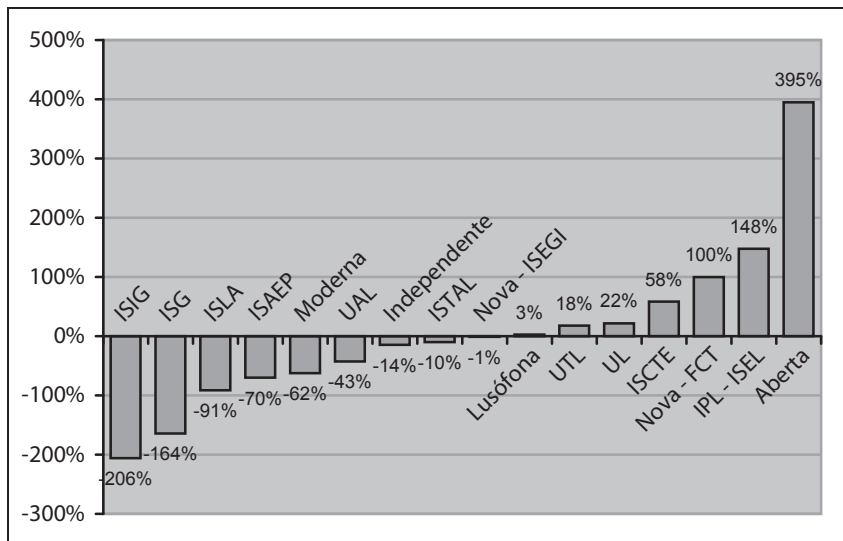
Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 40)

Pode verificar-se que, desde 2001, a taxa de variação no subsector estatal foi sempre positiva, excepção feita no ano de 2006, retomando desde logo em 2007 para valores de crescimento acima dos 5%, enquanto no subsector Privado essa taxa foi sempre negativa, com excepção de 2002, embora com tendência a recuperar desde 2005.

No gráfico de colunas pode observar-se a taxa de variação acumulada (entre o início e o fim do período, 1998/99-2006/07) dos alunos inscritos em Informática, em todas as escolas da área de Lisboa:

Gráfico n.º 1.4.5.7

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em Informática, nas várias escolas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria (Vide Anexo 41).

Da visualização do gráfico, evidencia-se que das dezasseis escolas mais importantes que ministram o curso (das vinte e uma que ministraram o curso ao longo do período em análise), apenas sete tiveram uma taxa de variação acumulada positiva de alunos inscritos em Informática: a Lusófona, o IST, a Faculdade de Ciências, o ISCTE, a Universidade Nova, o ISEL e a Universidade Aberta. Esta última reteve uma taxa de crescimento acumulada de 395%, partindo, contudo, de uma base inicial baixa de 46 alunos no ano de 2000 e atingindo 463 alunos em 2007, mantendo em todos os anos uma taxa de crescimento positiva, excepto no ano 2003, que apresentou uma taxa de decrescimento na ordem dos 34%.

No caso do ISEL, verificou-se que o crescimento de 140% ficou a dever-se ao facto de esta escola ter apresentado sempre taxas de crescimento positivas ao longo do período (com excepção do ano 2006 em que decresceu cerca de 2%), tendo mesmo crescido cerca de 70% em 2007, atingindo a cifra de 1 473 alunos.

No caso da FCT da Universidade Nova, os 100% de crescimento apresentados foram sustentados por taxas de crescimento bastante positivas entre os anos de 2001 e 2003 (em 2002 cresceu cerca de 73%), passando de

770 alunos em 1999, para 1 714 em 2007. O ISCTE cresceu 58% no período em análise, apresentando taxas de crescimento tendencialmente positivas apesar de decrescentes (em 2006 apresentou mesmo uma taxa negativa de cerca de 2%).

A Faculdade de Ciências e o IST cresceram a uma taxa de 22% e 18%, respectivamente, o que no caso de IST fez com que este Instituto consolidasse a sua liderança nesta área de especialização, com 3 516 alunos, em 2007. No que concerne à Faculdade de Ciências, permitiu-lhe atingir um nível de alunos superior às oito centenas.

Da análise do gráfico, ressalta ainda o facto de a Universidade Lusófona apresentar uma variação positiva líquida no período em análise, em contra-ciclo com as restantes Escolas do subsector Privado, passando a possuir nas suas fileiras 435 alunos inscritos, em 2007.

Todas as restantes nove Escolas apresentaram, no período em análise, taxas de variação acumuladas negativas, com enfoque nas três últimas, o ISIG, o ISG e o ISLA. O ISIG passou de 252 alunos em 1999 para 23 alunos em 2007. O ISG desceu de 132 alunos em 1999 para 20 em 2007. O ISLA contava com 372 alunos em 1999 e 131 em 2007.

O ISAER passou de 130 alunos em 1999 para 54 em 2007; a Moderna tinha 308 alunos em 1999 e 122 em 2007; a Independente contabilizou 279 alunos em 1999 e 215 em 2007. Contudo, a grande perda

pertenceu à UAL, passando de 830 alunos em 1999, para 492 em 2007. Em 1999, o ISTAL registou 207 alunos e em 2007, 176, o que não reflecte uma perda muito elevada de alunos inscritos.

Já o ISEGI, da universidade Nova, tendo aberto o curso em 2004 e apresentando uma taxa de variação acumulada negativa, conseguiu estabilizar o número de alunos inscritos, passando de 199 em 2004 para 197 alunos em 2007.

Em termos de análise global, o subsector Público foi o que dinamizou o mercado de Informática em Lisboa, com uma taxa de crescimento líquida de cerca de 56%, em contra-ciclo com o subsector Privado que apresentou uma taxa de crescimento líquida negativa de cerca de 48%.

Mesmo assim, quando tidos em conta os dois subsectores juntos, o total do mercado de Informática, em Lisboa, apresentou uma taxa de variação acumulada líquida de cerca de 28%, corroborando a tese que o motor de crescimento deste mercado se deveu ao subsector Público.

E) QUOTA DE MERCADO TOTAL DE INFORMÁTICA

O quadro seguinte mostra a quota de mercado nesta área de especialização em Lisboa, em cada escola:

Quadro n.º 1.4.5.1
Quota de mercado de Informática em Lisboa,
para cada escola no período 1998/99 a 2006/07

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
UL - FC	8,25%	8,50%	8,90%	8,83%	9,02%	8,14%	8,06%	8,20%	7,73%
UTL - IST	35,72%	35,01%	35,05%	32,78%	33,22%	32,17%	33,54%	34,45%	32,76%
Nova - FCT	9,30%	8,92%	9,64%	14,30%	15,27%	15,88%	16,33%	16,29%	15,97%
Nova - ISEGI	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,84%	1,88%	1,95%	1,84%
Aberta	0,00%	0,55%	1,60%	3,27%	2,07%	3,19%	3,95%	4,47%	4,31%
IPL - ISEL	5,16%	6,23%	6,50%	7,13%	7,76%	8,09%	8,47%	8,50%	13,72%
ISCTE	4,97%	5,77%	6,40%	6,29%	6,73%	6,59%	6,88%	6,92%	6,61%
Público	63,39%	64,98%	68,08%	72,59%	74,08%	75,90%	79,11%	80,78%	82,94%
UAL	10,02%	9,87%	10,06%	9,54%	9,31%	8,51%	6,12%	6,23%	4,58%
Católica	0,00%	0,00%	0,43%	0,49%	0,59%	0,58%	0,57%	0,56%	0,52%
Lusíada	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,11%	0,37%	0,46%	0,53%	0,53%
Independente	3,37%	3,57%	4,10%	3,28%	3,40%	3,66%	3,67%	3,18%	2,00%
Atlântica	0,86%	1,13%	1,11%	0,82%	0,78%	0,59%	0,34%	0,37%	0,47%
Lusófona	5,44%	5,04%	3,98%	4,13%	3,87%	3,71%	3,82%	3,55%	4,05%
Moderna	3,72%	2,92%	2,28%	1,54%	1,30%	0,83%	0,72%	0,75%	1,14%
ISIG	3,04%	2,30%	1,51%	0,96%	0,75%	0,55%	0,43%	0,31%	0,21%
ISAER	1,57%	1,84%	1,69%	1,41%	1,50%	1,34%	1,03%	0,81%	0,50%
ISG	1,59%	1,50%	1,09%	0,83%	0,66%	0,50%	0,40%	0,27%	0,19%
ISLA	4,49%	3,93%	2,80%	2,02%	1,61%	1,37%	1,33%	1,09%	1,22%
ISTAL	2,50%	2,92%	2,86%	2,26%	2,03%	2,08%	1,98%	1,57%	1,64%
Privado	36,61%	35,02%	31,92%	27,41%	25,92%	24,10%	20,89%	19,22%	17,06%
Privado s/ Católica	36,61%	35,02%	31,49%	26,92%	25,33%	23,52%	20,32%	18,66%	16,54%

Fonte: MCTES. Elaboração própria.

Pode verificar-se, através da análise dos dados do quadro anterior, que todas as escolas públicas, com excepção do Instituto Superior Técnico e da Faculdade de Ciências, incrementaram a sua quota no mercado total em Informática, em Lisboa. No subsector Privado, exceptuando a Católica e a Lusíada portadoras de quotas insignificantes, todas as Escolas perderam

peso no mercado da Informática. De notar que a UAL contava, em 1999, com 10% de quota, e em 2007 apresentava uma quota de menos de 5%.

No seu conjunto, todo este decréscimo reflecte-se na perda do subsector Privado, que detinha um total de 36,61% de quota em 1999, e que em 2007 apresentou uma quota global de 17,06%.

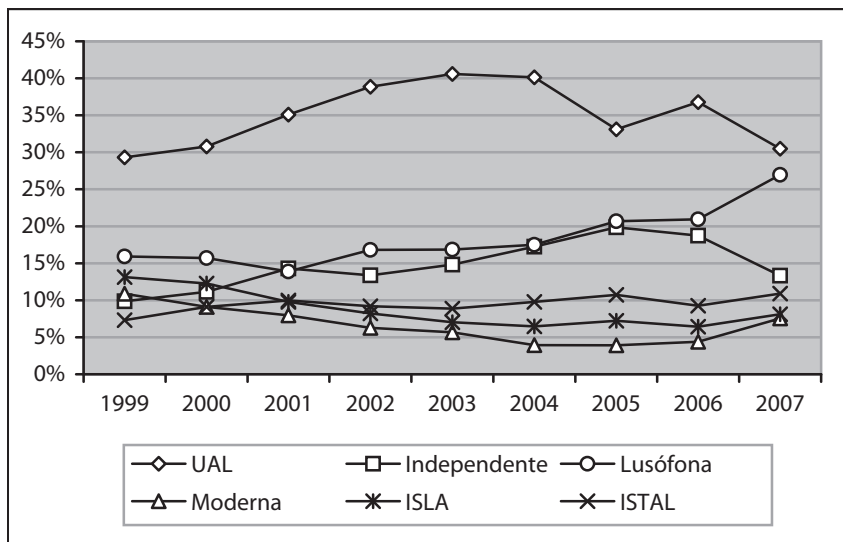
Em suma, verifica-se que o subsector Público canibalizou também o subsector Privado no que concerne o curso de Informática em Lisboa, apresentando uma quota de cerca de 83%, face aos 17% em 2007 do subsector Privado.

F) QUOTA DE MERCADO EM INFORMÁTICA, NO SUBSECTOR PRIVADO

Considerando apenas o mercado do subsector Privado mostra-se, no gráfico seguinte, a evolução da quota de mercado para as seis Escolas mais relevantes:

Gráfico n.º 1.4.5.8

Quota de mercado em Informática, no subsector Privado, em Lisboa



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 42)

Verifica-se que a UAL era líder de mercado em Informática, em Lisboa, face ao subsector Privado, com uma quota de cerca de 30% no início do período, ocupando o primeiro lugar à data, e foi crescendo até 2004 para níveis

de cerca de 40%. Entre 2005 e 2007 regressou aos níveis de 1999, mantendo-se, no entanto, na liderança deste mercado no subsector Privado.

A universidade Lusófona apresentou, por sua vez, uma evolução sempre crescente no período, conquistando a vice liderança com uma quota de cerca de 27%, em 2007.

A Universidade Independente e o ISTAL apresentaram evoluções positivas, atingindo em 2007, cerca de 13 e 11% de quota, respectivamente. Foram a Moderna e o ISLA as escolas canibalizadas, perdendo 3 e 5 pontos de quota, respectivamente.

G) CONCLUSÃO

A análise do mercado da licenciatura em Informática, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos em Informática nos subsectores Público e Privado, era de 8 283 no ano de 1998/99, atingindo o seu máximo absoluto no ano de 2003/04, com 10 795 alunos inscritos, tendo estabilizado nos 10 734 alunos em 2007. Em grande medida, tal pode ter ficado a dever-se à evolução do mercado das TIC, entre outros factores;
- No final do período, existiam mais 2 451 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado) em relação ao início do período, o que espelha o incremento da procura por esta área de especialização;
- O número de alunos inscritos em Informática no subsector Público sofreu um aumento ainda maior, com um incremento líquido de 3 652 alunos, em contraste com o subsector Privado que fez perder o mercado de Informática em Lisboa, com 1 201 alunos entre o início e o fim do período em análise.

1.4.6 – LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

A licenciatura em Psicologia é um curso específico, mas dos mais relevantes para a Sociedade. De facto, é um curso que assumiu em muitas instituições, nomeadamente na UAL, uma preponderância assaz significativa. É um dos menos susceptíveis de substituição por outros, dada a natureza e carácter específicos do mesmo. Carácter esse que espelha bem o número

relativamente reduzido de Escolas a ministrá-lo, quando comparado com outros cursos leccionados na área de Lisboa.

Este curso estabilizou o número de alunos no período em análise, evidenciado pela passagem de 5 393 alunos inscritos no ano 1998/99 para ter 5 351 alunos inscritos, em 2007, entre escolas públicas e privadas.

No período analisado, 1998/99-2006/07, a oferta da licenciatura, em Lisboa, era constituída por nove escolas, sendo duas públicas e sete privadas.

As escolas públicas que vêm ministrando Psicologia são a Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa e o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresariais.

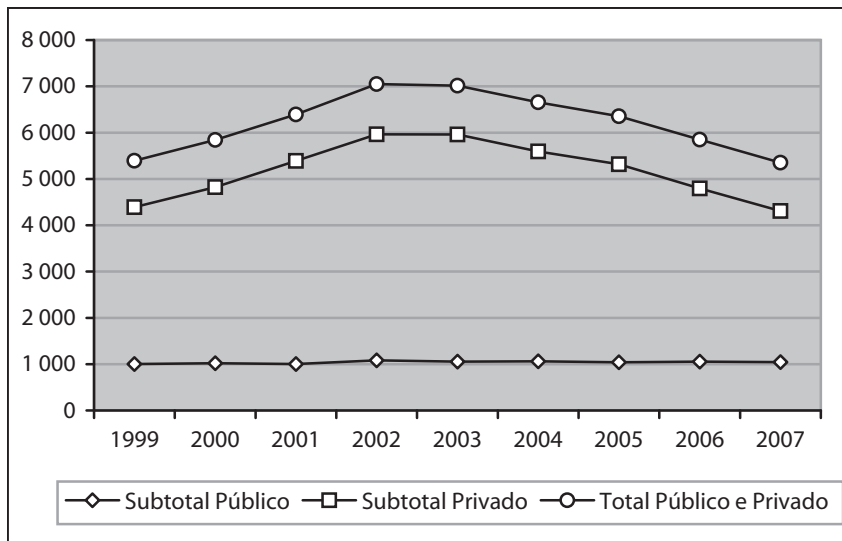
As escolas do subsector Privado que ministram o curso são a UAL, a Lusíada, a Independente, a Lusófona, o Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, o ISEIT (Piaget) e o ISPA, o que espelha bem o grupo restrito de escolas a leccionar este curso na área de Lisboa.

De notar que o peso de alunos matriculados nestas Escolas no curso de Psicologia, no subsector Privado, foi em 2007 de cerca de 81% (correspondendo a um total de 4 307 alunos), quadro revelador do peso do subsector Privado nesta área de especialização em Lisboa.

A) EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ALUNOS EM PSICOLOGIA

O gráfico seguinte mostra a evolução do número de alunos inscritos em Psicologia, em Lisboa, segmentados pelos dois subsectores de ensino:

Gráfico n.º 1.4.6.1
 Evolução de alunos inscritos em Psicologia,
 no ensino público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 43)

A leitura do gráfico permite concluir que o número de alunos inscritos no subsector Público foi constante ao longo de todo o período, atingindo o mínimo em 2001 com 1 002 alunos, alcançando o seu máximo em 2002, com 1 083 alunos.

No que respeita ao subsector Privado, a evolução foi continuamente crescente até de 2002 (com o máximo de alunos inscritos, 5 965), tendo atingido o seu mínimo em 2006/07, com 4 307 alunos.

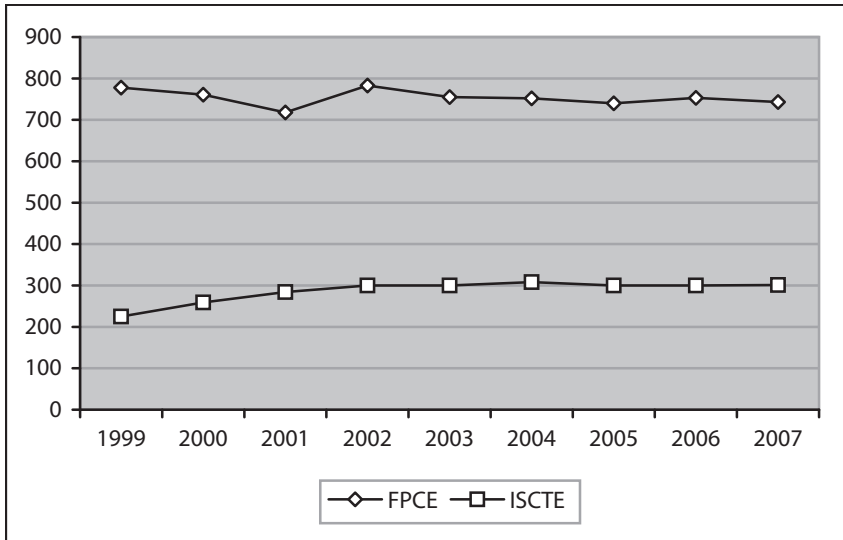
A evolução total de alunos inscritos, nos subsectores Público e Privado, seguiu a tendência do subsector Privado, com o pico em 2001/02 (7 048 alunos inscritos), e o mínimo absoluto em 2006/07 com 5 351 alunos (diferença de 1 697 alunos nesta premissa).

B) ALUNOS INSCRITOS POR SUBSECTOR E UNIVERSIDADE EM PSICOLOGIA

i) O gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em Psicologia nas duas escolas do subsector Público – Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa (FPCE) e o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresariais (ISCTE):

Gráfico n.º 1.4.6.2

Evolução de alunos inscritos em Psicologia, nas duas escolas do subsector Público – FPCE(UL) e o ISCTE, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



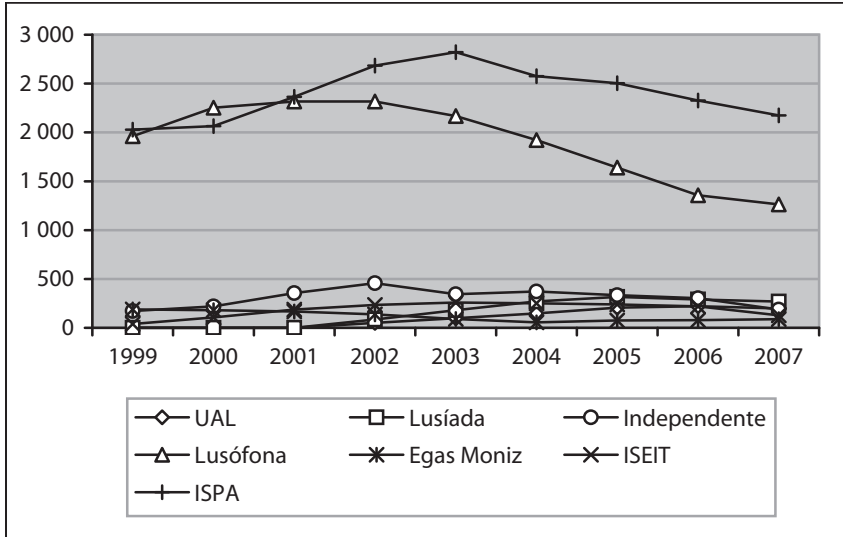
Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 44)

A visualização do gráfico dá-nos a perspectiva da estabilização que as duas escolas do subsector Público apresentaram. Verificamos que a FPCE manteve-se mais ou menos estável, apresentando uma ligeira quebra, mas conservando a liderança neste subsector. O ISCTE subiu o nível absoluto de alunos inscritos em 2001, e a partir de aí assegurou alguma estabilidade, atingindo, em 2007, 301 alunos inscritos.

ii) A evolução do número de alunos inscritos em Psicologia nas escolas do subsector Privado – UAL, Lusíada, Independente, Lusófona, Egas Moniz, ISEIT e ISPA - pode ser observada através do seguinte gráfico:

Gráfico n.º 1.4.6.3

Evolução de alunos inscritos em Psicologia, nas escolas do subsector Privado – UAL, Lusíada, Independente, Lusófono, Egas Moniz, ISEIT e ISPA, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 45)

A análise visual mostra que a liderança do mercado neste subsector é disputada pelo ISPA e pela Universidade Lusófono, tendo vindo a ganhar peso o ISPA (talvez por ser uma Escola especializada nesta área com elevada tradição e *know-how* no mercado), apenas ultrapassado pela Lusófono no ano 2000.

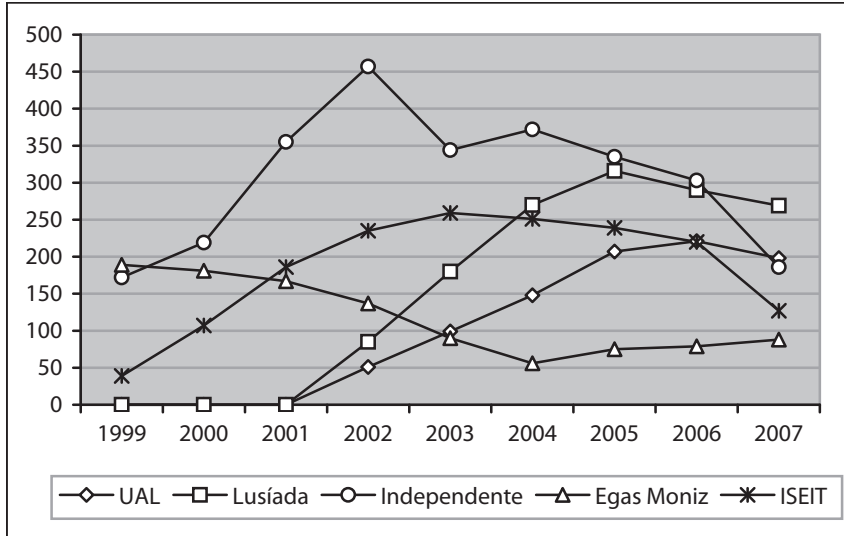
O ISPA apresentou, no período em análise, uma evolução oscilatória (no entanto ligeiramente crescente), passando de 2 029 alunos em 1999, para 2 175, em 2007. Por sua vez, a Lusófono, apresentou uma tendência decrescente, passando de 1 961 alunos no ano 1999, para 1 264 alunos em 2007.

No gráfico seguinte, mostra-se a evolução do número de alunos inscritos em Psicologia nas escolas do subsector Privado, excluídos o ISPA e a Lusófono.

Gráfico n.º 1.4.6.4

Evolução do número de alunos inscritos em Psicologia, nas escolas do subsector Privado – UAL, Lusíada, Independente, Egas Moniz e ISEIT, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 45)

O Instituto Egas Moniz apresentou uma quebra de cerca de 50% dos alunos desde 1999 até 2004, momento em que passou a gozar de ligeiro crescimento. A Independente, neste contexto, foi primeira no mercado, de 2000 até 2006. No entanto, a partir de 2004, começou a sua trajectória descendente, tendo mesmo sido ultrapassada, em 2007, pela UAL e pela Lusíada.

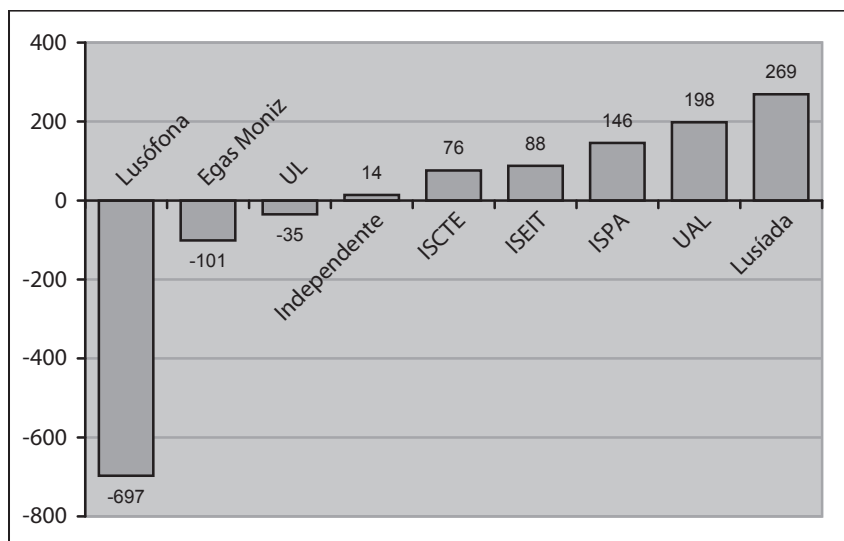
A Lusíada (tal como a UAL), iniciou o curso em 2001, e em 2007 ocupava o primeiro lugar de entre estas cinco Escolas, com 269 alunos inscritos, seguida pela UAL (neste mesmo ano), com 198 alunos inscritos. O ISEIT apresentou uma trajectória côncava, tendo atingido o seu máximo em 2003 (com 259 alunos), mas a partir desse ano começou a trajectória descendente até atingir 127 alunos inscritos, em 2007.

C) PERDAS E GANHOS DE ALUNOS INSCRITOS EM PSICOLOGIA, POR UNIVERSIDADE

No período considerado houve uma perda de 42 alunos inscritos em Psicologia, no mercado total, em Lisboa. Esta perda repartiu-se assimetricamente pelas várias escolas, o que pode ser visualizado no gráfico seguinte:

Gráfico n.º 1.4.6.5

Perdas e ganhos de alunos inscritos em Psicologia por universidade, em Lisboa.
Período:1998/99 – 2006/07.



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 46)

De notar, que a perda total do mercado ficou a dever-se, sobretudo, à Lusófona e ao Instituto Egas Moniz no subsector Privado, e à UL no subsector Público. Contudo, em termos agregados, o subsector Público contribuiu positivamente com um ganho líquido de 41 alunos no período e o subsector Privado contribuiu negativamente com uma perda líquida de 83 alunos.

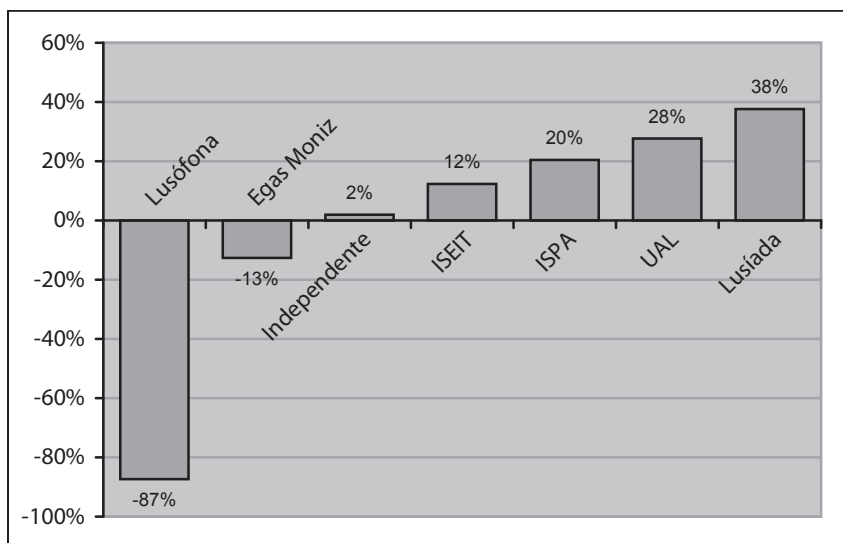
Apesar de cinco Escolas privadas terem contribuído para o aumento de alunos neste subsector, a Lusófona e o Instituto Egas Moniz perderam um número significativo de alunos, anulando assim o crescimento que as suas congéneres apresentaram, conforme pode constatar-se no gráfico junto.

No que concerne ao subsector Público, das duas Escolas que ministram o curso, apenas uma contribuiu positivamente para o incremento de alunos inscritos, o ISCTE, conforme se demonstra no gráfico anterior.

Por outro lado, se tivermos em conta apenas o comportamento do subsector Privado, podemos observar, com recurso ao gráfico seguinte, que duas Escolas contribuíram para as perdas e cinco para os ganhos, sendo o resultado líquido acumulado negativo, no montante de menos 83 alunos.

Gráfico n.º 1.4.6.6

% de perdas e ganhos de alunos inscritos em Psicologia, em relação às perdas e ganhos totais acumulados no período, no subsector Privado, em Lisboa



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 47)

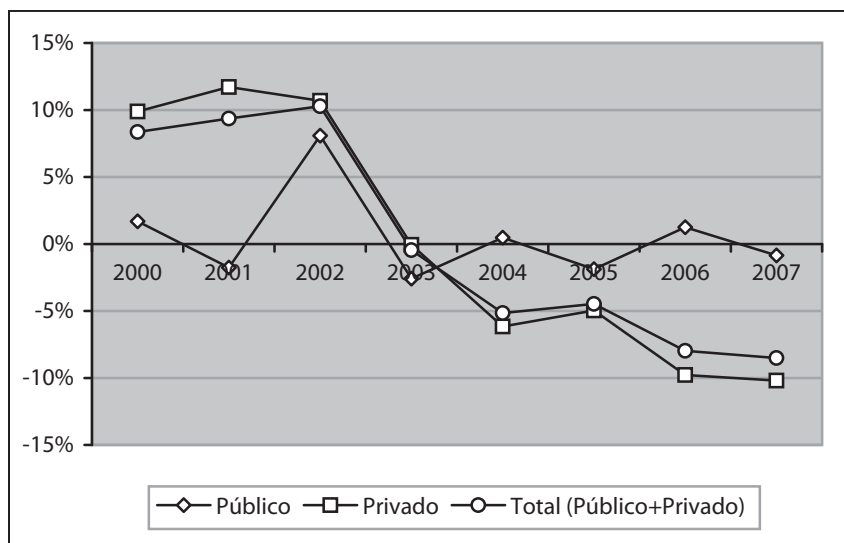
Verifica-se que a tendência foi crescente em cinco escolas, e decrescente em duas delas. As Escolas com evolução crescente foram a Independente (2%), o ISEIT (12%), o ISPA (20%), a UAL (28%), e a Lusíada (38%). Por outro lado, das escolas que contribuíram, a nível global, para este subsector perder alunos contam-se a universidade Lusófona (-87%) e o Instituto Egas Moniz (-13%).

D) TAXA DE VARIAÇÃO EM PSICOLOGIA

Tendo sido analisada a evolução do número absoluto de alunos inscritos em Psicologia, em Lisboa, mostra-se, de seguida, a taxa de variação ao longo do período considerado, informando-nos sobre a tendência e a intensidade relativas de forma dinâmica. No gráfico seguinte evidencia-se a evolução da taxa de variação anual dos alunos inscritos em Psicologia, em Lisboa, nos subsectores Público e Privado:

Gráfico n.º 1.4.6.7

Taxa de variação anual de alunos inscritos em Psicologia, nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 48)

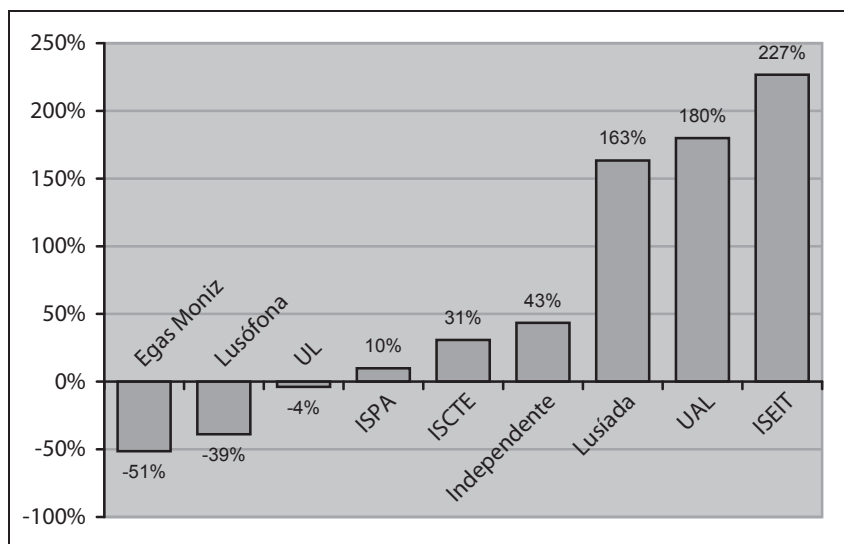
Verifica-se que a taxa de variação no subsector estatal oscilou em torno da taxa nula, ora sendo positiva, ora sendo negativa, com excepção do ano 2002, quando apresentou uma taxa de crescimento de cerca de 8%.

Ao invés, o subsector Privado experimentou taxas de crescimento positivas até 2002, na ordem dos 10%, passando a cair a partir desta data, mesmo com taxas de crescimento negativas e tendencialmente menores, a partir de 2003, tendo ocupado o nível de crescimento negativo (cerca de 10%) em 2007. Note-se que a trajectória do mercado global de Psicologia, em Lisboa, acompanhou a par e passo a caminhada do subsector Privado.

No gráfico de colunas seguinte, pode observar-se a taxa de variação acumulada dos alunos inscritos em Psicologia, em todas as escolas da área de Lisboa (entre o início e o fim do período, 1998/99-2006/07).

Gráfico n.º 1.4.6.8

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em Psicologia, por escola, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 49)

A visualização do gráfico evidencia que, das nove escolas que ministram o curso, seis tiveram uma taxa acumulada positiva de alunos inscritos em Psicologia: o ISPA, o ISCTE, a Universidade Independente, a Universidade Lusíada, a UAL e o ISEIT.

No caso do ISEIT, verificou-se que o crescimento de cerca de 226% ficou a dever-se ao facto de esta escola ter apresentado sempre taxas de crescimento exponenciais desde o início do período até 2004, quando a partir desta data, as taxas de crescimento passaram a ser menores que zero e sempre negativamente crescentes, tendo mesmo atingido um decréscimo de cerca de 42% (127 alunos inscritos), em 2007.

Tendo iniciado a leccionação do curso em 2002, a UAL apresentou uma taxa de crescimento positiva acumulada de cerca de 180%, com taxas anuais positivas mas decrescentes. Foi negativa em 2007 (cerca de -10%), quedando-se com 198 alunos inscritos. No entanto, se considerarmos o

facto de o curso na UAL não possuir o mestrado integrado (devido à não autorização ministerial), em 2007 saíram 29 alunos, pelo que, adicionados ao 23 alunos perdidos, o curso de Psicologia teria verificado um crescimento de 6 alunos, e não existiria nenhum ano com taxa de variação negativa.

No que concerne à Lusíada, tendo também iniciado o curso em 2002, a taxa de variação acumulada foi inferior à da UAL em cerca de 17 pontos percentuais. As taxas de crescimento anuais foram positivas mas decrescentes até 2005, tornando-se negativas a partir de 2006, sendo em 2007 cerca de -7%, quedando-se com 269 alunos.

A Independente apresentou uma taxa de variação positiva acumulada de cerca de 43% no período considerado, com uma tendência de variação anual irregular, sempre negativa a partir de 2005 (com 186 alunos inscritos em 2007).

O ISCTE cresceu cerca de 31%, apresentando valores positivos ao longo do período em análise, com excepção para o ano 2005, em que decresceu cerca de -2,5%, com 301 alunos inscritos em 2007.

A última das escolas com uma taxa de variação acumulada positiva de 10% foi o ISPA, mas a partir do ano 2004, a tendência foi negativa (com 2 175 alunos inscritos em 2007).

As escolas que experimentaram uma taxa de variação acumulada negativa foram: o Instituto Egas Moniz, a Lusófona e a UL. A Universidade de Lisboa apresentou uma taxa de variação acumulada negativa de cerca de 4%, com taxas anuais sempre negativas, excepto no que respeita ao ano 2002, cuja taxa foi de 9% positiva (com 743 alunos inscritos em 2007).

A Lusófona revelou uma taxa de variação acumulada negativa de cerca de 39%, com taxas de variação anuais positivas mas decrescentes apenas nos anos de 2000 e 2001 (com 1 264 alunos em 2007).

O Instituto Egas Moniz apresentou uma taxa de variação negativa acumulada de cerca de 51%, verificando-se uma tendência de crescimento negativa desde o início do período até 2004, passando a partir desta data a ter taxas de variação anuais positivas, não sendo no entanto suficientes para colmatar as perdas até então sofridas (com 88 alunos inscritos em 2007).

Em termos de análise global, pode concluir-se que quem impulsionou o crescimento acumulado de cerca de 1,5% do mercado de Psicologia em Lisboa foram: no subsector Público, o ISCTE com cerca de 31% de crescimento acumulado no período; no subsector Privado (e não olvidando os crescimentos acumulados da UAL, Lusíada, ISEIT, e Independente), o facto de o ISPA ter conseguido acumular um crescimento de cerca de 10% (num

nível de mais de 2 000 alunos), no período em análise, fez com que a perda registada pela Lusófona não invertesse a tendência de ganhos acumulados neste mercado.

E) QUOTA DE MERCADO TOTAL DE PSICOLOGIA

Para analisar a evolução da importância de cada instituição no mercado de Psicologia, em Lisboa, utilizámos a quota de mercado ao longo do período considerado. O quadro seguinte mostra a quota de mercado nesta área de especialização em Lisboa, em cada escola:

Quadro n.º 1.4.6.1
Quota de mercado de Psicologia em Lisboa, para cada escola
no período 1998/99 a 2006/07

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
UL	14,43%	13,02%	11,23%	11,11%	10,76%	11,30%	11,64%	12,87%	13,89%
ISCTE	4,17%	4,43%	4,44%	4,26%	4,28%	4,63%	4,72%	5,13%	5,63%
Total Público	18,60%	17,45%	15,68%	15,37%	15,04%	15,93%	16,36%	18,00%	19,51%
UAL	0,00%	0,00%	0,00%	0,72%	1,41%	2,22%	3,26%	3,78%	3,70%
Lusíada	0,00%	0,00%	0,00%	1,21%	2,57%	4,06%	4,97%	4,96%	5,03%
Independente	3,19%	3,75%	5,55%	6,48%	4,90%	5,59%	5,27%	5,18%	3,48%
Lusófona	36,36%	38,55%	36,25%	32,87%	30,90%	28,88%	25,80%	23,18%	23,62%
Egas Moniz	3,50%	3,10%	2,61%	1,94%	1,28%	0,84%	1,18%	1,35%	1,64%
ISEIT	0,72%	1,83%	2,91%	3,33%	3,69%	3,77%	3,76%	3,76%	2,37%
ISPA	37,62%	35,32%	36,99%	38,07%	40,21%	38,70%	39,40%	39,78%	40,65%
Total Privado	81,40%	82,55%	84,32%	84,63%	84,96%	84,07%	83,64%	82,00%	80,49%

Fonte: MCTES. Elaboração própria.

Pode verificar-se, através da análise dos dados do quadro anterior, que as Escolas públicas incrementaram a sua quota no mercado total em Psicologia, em Lisboa, com base no crescimento verificado no ISCTE. No subsector Privado, com excepção da Lusófona e do Instituto Egas Moniz, todas as escolas elevaram a sua posição no mesmo mercado.

De notar que a Lusófona dispunha, em 1999, cerca de 36% de quota, e em 2007, esta apresentava menos de 24%. O Instituto Egas Moniz perdeu cerca de 2 pontos percentuais ao longo do período analisado. No seu conjunto, toda esta perda reflecte-se na perda do subsector Privado, que detinha

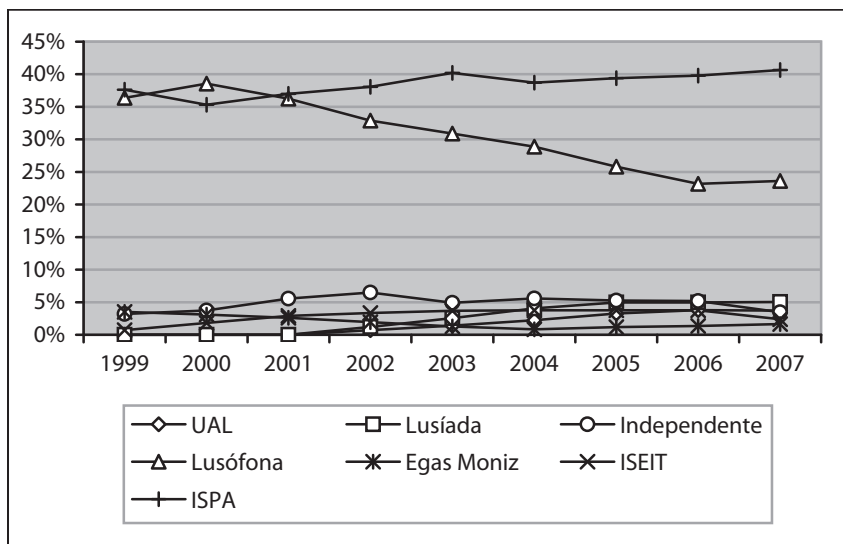
um total de 81,40% de quota em 1999, e em 2007 apresentou uma quota global de 80,49%.

Em suma, conclui-se que o subsector Público ganhou “terreno” ao subsector Privado no que concerne ao curso de Psicologia, apresentando uma quota de cerca de 19,51% em 2007, face aos 18,60% que detinha em 1999, apesar de o mercado ter apresentado uma perda líquida de 42 alunos no período em análise. Tal indicia uma ligeira diminuição na procura deste curso.

F) QUOTA DE MERCADO EM PSICOLOGIA, NO SECTOR PRIVADO

Considerando apenas o mercado do subsector Privado, mostra-se, no gráfico seguinte, a evolução da quota de mercado para as sete escolas:

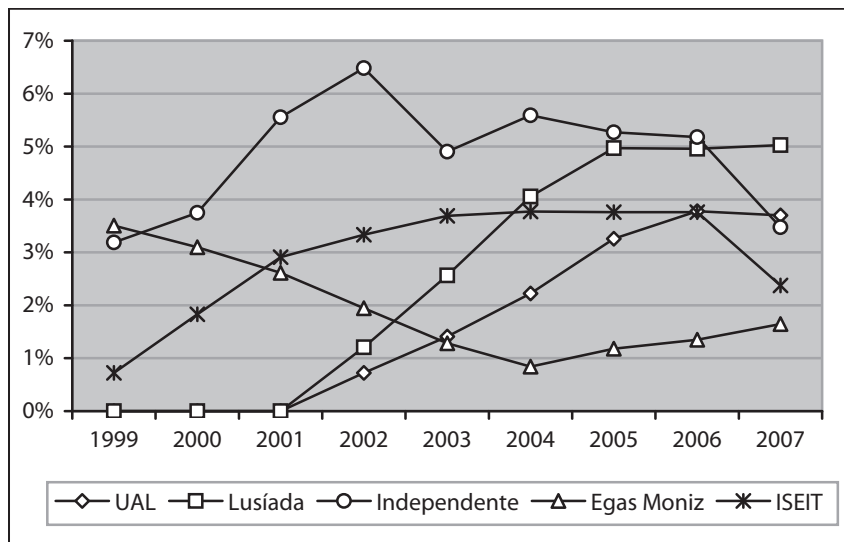
Gráfico n.º 1.4.6.9
Quota de mercado em Psicologia, no subsector Privado, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 50)

Apesar de o ISPA ter mantido a sua liderança no mercado e a Lusófona ter vindo sempre a decrescer na sua quota de mercado, verifica-se que estas duas Escolas mantêm a liderança. Por conseguinte, analisaremos separadamente as restantes escolas, num gráfico similar a este:

Gráfico n.º 1.4.6.10
 Quota de mercado em Psicologia, no subsector Privado
 em cinco escolas privadas, em Lisboa.
 Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 50)

Destas cinco escolas, a Independente (com excepção do ano de 1999), manteve o primeiro lugar em Psicologia até 2006, tendo sido ultrapassada pela Lusíada e pela UAL em 2007, duas Escolas com trajectórias ascendentes até ao final do período em análise. O ISEIT, com uma trajectória similar à da UAL e da Lusíada, perdeu dois pontos percentuais de quota no último ano, passando para os 3%. Já o Instituto Egas Moniz, veio apresentando decréscimo até ao ano 2004, invertendo essa tendência a partir desta data, regressando ao nível de 2% de quota em 2007, bastante abaixo dos níveis atingidos em 1999.

G) CONCLUSÃO

A análise do mercado da licenciatura em Psicologia, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos em Psicologia, nos subsectores Público e Privado, era de 5 393 alunos no ano 1998/99, atingindo o seu máximo absoluto no ano 2002/03, com 7 048 alunos inscritos,

tendo decrescido até ao seu mínimo absoluto de 5 351 alunos em 2006/07;

- No final do período existiam menos 42 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado) em relação ao início do período, o que espelha a estabilização da procura por esta área de especialização;
- O subsector Público apresentou um acréscimo de um ponto percentual na sua quota, quando comparados o início e o fim do período considerado;
- Este mercado parece estar estabilizado, mas com potencial de crescimento com base na decisão político-administrativa de um incremento no número de vagas, principalmente para o subsector Privado.

1.4.7 – LICENCIATURA EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS (RI)

A licenciatura em Relações Internacionais (R.I.) é um curso que tem o seu objecto de cariz generalista, como o próprio nome indicia. De facto, é um curso que assumiu em muitas instituições, nomeadamente na UAL, uma preponderância significativa, sendo um dos mais susceptíveis de substituição por outros.

O curso de R.I. tem vindo a perder alunos no período em análise, evidenciado pela passagem em 1999 de 1 783 alunos inscritos para 1 247 em 2007, entre escolas públicas e privadas, tendo, por conseguinte, perdido 360 alunos.

No mesmo período, 1998/99-2006/07, a oferta da licenciatura em Lisboa era proporcionada por sete escolas, duas públicas e cinco privadas.

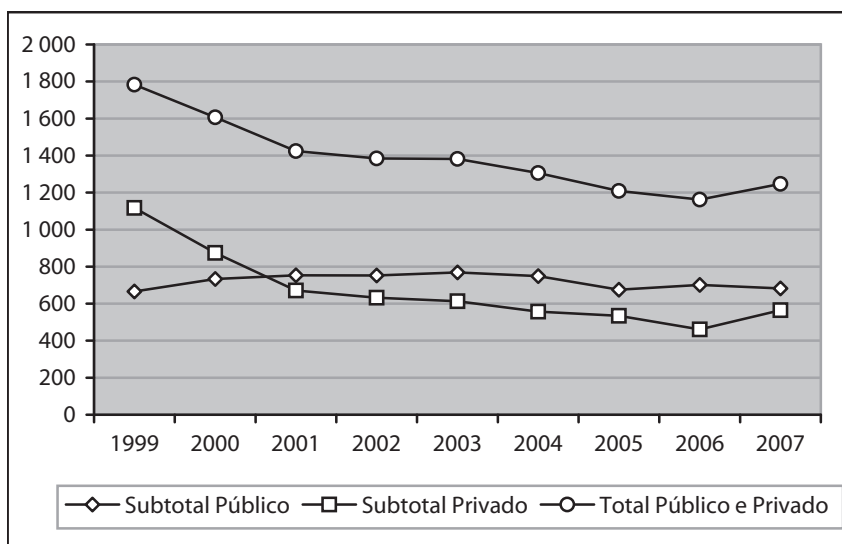
As Escolas públicas são o ISCSP da Universidade Técnica de Lisboa e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. As Escolas do subsector Privado que ministram o curso de R.I. são a UAL, a Católica, a Lusíada, a Lusófona e a Independente. De notar, que o peso de alunos inscritos nestas Escolas no curso de R.I., no subsector Privado, foi de cerca de 45% em 2007 (correspondendo a um total de 565 alunos), quando em 1999 era cerca de 63%. Este quadro espelha a evolução decrescente neste subsector, nesta área de especialização, em Lisboa.

A) EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ALUNOS INSCRITOS EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O gráfico seguinte mostra a evolução do número de alunos inscritos em R.I., em Lisboa, segmentados pelos dois subsectores de ensino:

Gráfico n.º 1.4.7.1

Evolução do número de alunos inscritos em R.I., nos ensinos público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 51)

A visualização do gráfico permite concluir que o número de alunos inscritos no subsector Público apresentou um ténue crescimento até ao ano 2003, oscilando, depois, entre crescimento e decréscimo de forma ligeira, atingindo o mínimo em 1999 com 666 alunos, alcançando o seu máximo no ano 2003 com 769 alunos inscritos, terminando com 682 alunos em 2007. Em termos gerais, a trajectória foi tendencialmente constante.

No que respeita ao subsector Privado, a evolução foi continuamente decrescente, exceptuando o ano de 2007, quando se inverteu a tendência, atingindo o seu mínimo em 2006, com 461 alunos, e incrementando o número de alunos para 565 em 2007. De notar, que esta subida ter-se-á ficado a dever à abertura deste curso na Lusófona em 2006/07 (159 alunos).

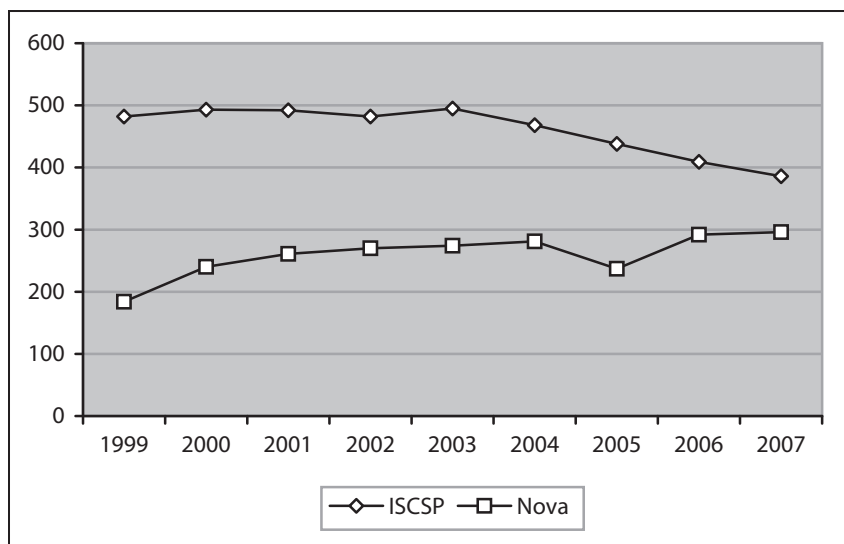
A evolução total de alunos inscritos em R.I., em Lisboa, nos subsectores Público e Privado, foi decrescente, havendo apenas uma ligeira subida em 2007, preconizando, assim, uma evolução negativa, com 1 247 alunos inscritos em 2007, face aos 1 783 alunos em 1999, traduzido numa diferença de menos 360 alunos.

B) ALUNOS INSCRITOS POR UNIVERSIDADE

i) O gráfico seguinte evidencia a evolução do número de alunos inscritos em R.I. nas duas Escolas do subsector Público – ISCSP da Universidade Técnica de Lisboa e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa:

Gráfico n.º 1.4.7.2

Evolução do número de alunos inscritos em R.I. nas duas escolas do subsector Público – ISCSP da Universidade Técnica de Lisboa e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 52)

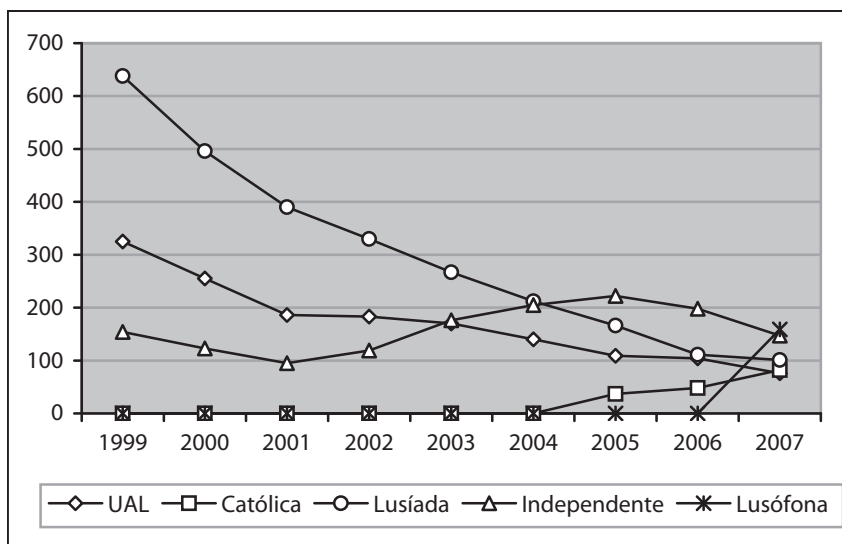
A visualização do gráfico dá-nos a perspectiva da evolução que as duas escolas do subsector Público apresentaram. Sobressai o crescimento da Nova, passando de 184 alunos inscritos em 1999 para 296 alunos em 2007.

Por seu turno, o ISCSP decresceu de 482 alunos inscritos em 1999, para 386 em 2007.

ii) O gráfico seguinte ilustra a evolução do número de alunos inscritos em R.I. nas escolas do subsector Privado – UAL, Católica, Lusíada, Lusófona e Independente:

Gráfico n.º 1.4.7.3

Evolução de alunos inscritos em R.I. nas escolas do subsector Privado – UAL, Católica, Lusíada, Lusófona e Independente. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 53)

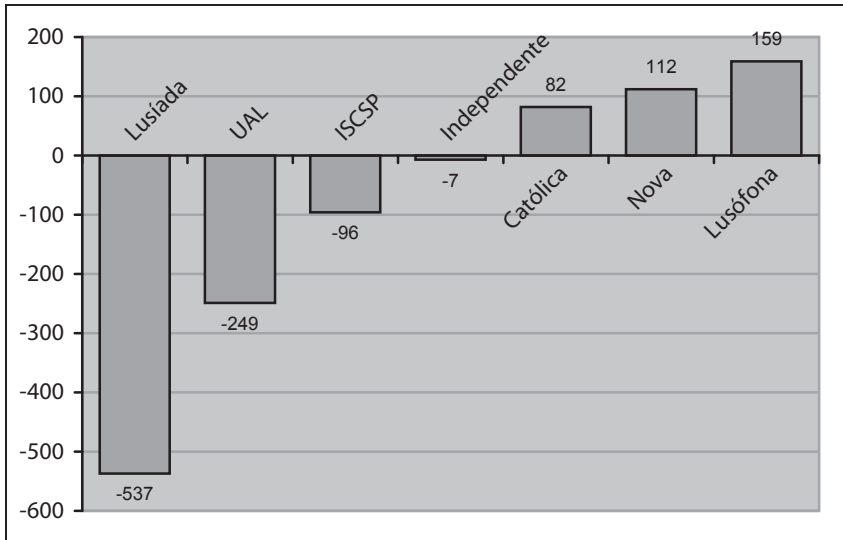
Da análise do gráfico, pode verificar-se que a UAL e a Lusíada tiveram uma evolução decrescente contínua, mais acentuada na segunda. A Independente sofreu uma evolução decrescente até 2001, crescente até 2005, voltando a decrescer até ao final do período. A Católica, que iniciou o curso em 2004, registou uma evolução positiva, com 82 alunos inscritos em 2007. A Lusófona iniciou o curso em 2006/07, com 159 alunos inscritos.

C) PERDAS E GANHOS DE ALUNOS DE R.I., POR UNIVERSIDADE

No período considerado, houve uma perda de 360 alunos inscritos em R.I. no mercado total, em Lisboa. Essa perda foi distribuída assimetricamente pelas várias escolas, conforme ilustra o gráfico seguinte:

Gráfico n.º 1.4.7.4

Perdas e ganhos de alunos inscritos em R.I., por universidade, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 54)

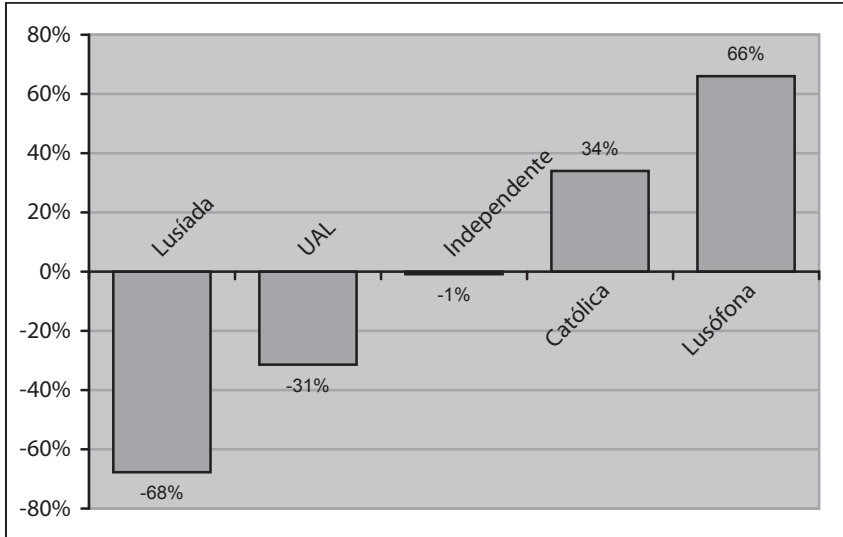
De notar, que a perda total no mercado ficou a dever-se a quatro escolas, sendo a Lusíada a que perdeu o maior número de alunos (-537), seguindo-se a UAL (-249), o ISCSP, com menos 96 alunos, e a Independente com menos sete alunos inscritos. As Escolas que tiveram ganhos de alunos no período foram a Católica (com +82 alunos), a Nova (com + 112 alunos) e a Lusófona (com +159 alunos).

Por outro lado, se se tiver em conta apenas o comportamento do subsector Privado, pode-se observar, com a ajuda do gráfico seguinte, a distribuição dos ganhos e perdas de alunos por universidade:

Gráfico n.º 1.4.7.5

% de perdas e ganhos de alunos inscritos em R.I., em relação às perdas e ganhos totais acumulados, relativo ao subsector Privado, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 55)

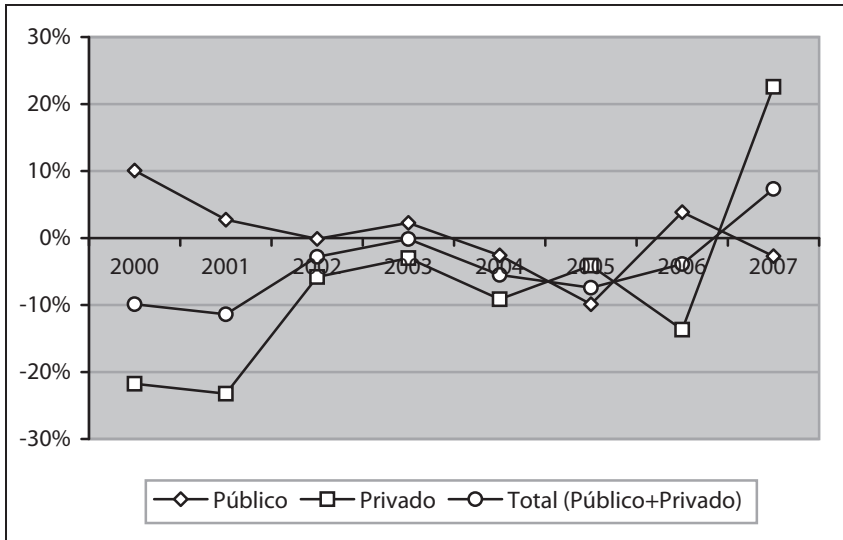
Verifica-se que, das cinco escolas, três contribuem para a variação negativa de alunos no subsector. As escolas com variações crescentes foram a Católica (34,02%) e a Lusófona (65,98%). Por outro lado, no âmbito global as escolas que contribuíram para a perda de alunos neste subsector foram a Lusíada (-67,72%), a UAL (-31,40%) e a Independente (-0,88%).

D) TAXA DE VARIAÇÃO ANUAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Tendo sido analisada a evolução do número absoluto de alunos inscritos em R.I. em Lisboa, mostra-se, de seguida, a taxa de variação anual ao longo do período considerado. O gráfico seguinte evidencia a evolução das taxas de variação dos alunos inscritos em R.I., em Lisboa, nos subsectores Público e Privado:

Gráfico n.º 1.4.7.6

Taxa de variação anual de alunos inscritos em R.I., nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 56)

Pode verificar-se que a taxa de variação no subsector estatal foi tendencialmente decrescente mas positiva até 2002, oscilando entre o positivo e o negativo nos cinco anos seguintes, apresentando um valor de cerca de +2% em 2003, de -3% em 2004, de -10% em 2005, +4% em 2006 e -3% novamente em 2007. Este resultado reflecte, em termos agregados, uma certa estabilização da procura neste subsector.

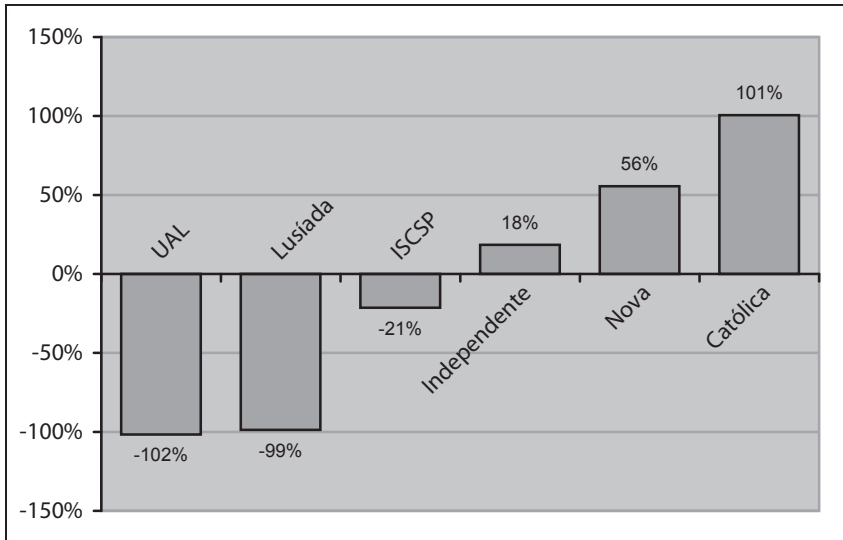
O subsector Privado apresentou taxas de crescimento negativas, excepto no último ano do período, em que cresceu positivamente 23%.

No total, o mercado de Relações Internacionais, em Lisboa, apresentou uma variação negativa quase constante, excepção feita ao ano 2007, quando cresceu positivamente 7%.

No gráfico de colunas seguinte pode observar-se a taxa de variação acumulada dos alunos inscritos em R.I., em todas as escolas da área de Lisboa (entre o início e o fim do período, 1998/99-2006/07):

Gráfico n.º 1.4.7.7

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em R.I., nas várias escolas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 57)

A leitura do gráfico evidencia que das sete escolas que ministram o curso (para a Lusófona não foi possível calcular a taxa de variação pois apenas iniciou o curso em 2006/07), três tiveram uma taxa de variação acumulada positiva de alunos inscritos em Relações Internacionais: a Independente (18%), a Nova (56%) e a Católica (101%).

As Escolas que evidenciaram uma taxa de variação acumulada negativa foram as seguintes: a UAL (-102%), a Lusíada (-99%) e o ISCSP (-21%), verificando-se, assim, que a UAL liderou em termos relativos as perdas acumuladas no período.

E) QUOTA DE MERCADO TOTAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O quadro seguinte mostra a quota de mercado nesta área de especialização, em Lisboa, em cada escola:

Quadro n.º 1.4.7.1

Quota de mercado de Relações Internacionais em Lisboa, para cada escola
no período 1998/99 a 2006/07

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
ISCSP	27%	31%	35%	35%	36%	36%	36%	35%	31%
Nova	10%	15%	18%	20%	20%	22%	20%	25%	24%
Público	37%	46%	53%	54%	56%	57%	56%	60%	55%
UAL	18%	16%	13%	13%	12%	11%	9%	9%	6%
Católica	0%	0%	0%	0%	0%	0%	3%	4%	7%
Lusíada	36%	31%	27%	24%	19%	16%	14%	10%	8%
Independente	9%	8%	7%	9%	13%	16%	18%	17%	12%
Lusófona	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	13%
Privado	63%	54%	47%	46%	44%	43%	44%	40%	45%

Fonte: MCTES. Elaboração própria.

Pode verificar-se, através da análise dos dados do quadro anterior, que as Escolas públicas incrementaram a sua quota no mercado total em R.I., em Lisboa, passando de 37% em 1999 para 55% em 2007.

No subsector Privado, as que diminuíram a sua quota de mercado foram a UAL, que passou de 18% no início do período, para 6% no final, e a Lusíada, que no início detinha 36% e passou para 8% no final do período. Todas as restantes escolas do subsector Privado melhoraram a sua quota de mercado.

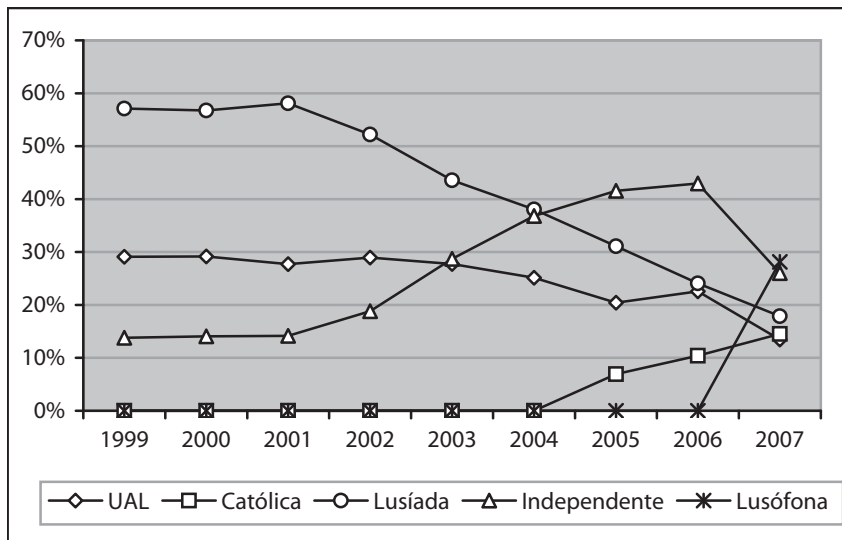
Em suma, verifica-se que o subsector Público canibalizou o subsector Privado no que concerne ao curso de R.I., em Lisboa, apresentando uma quota de mercado de cerca de 55% em 2007, face aos 37% que detinha em 1999.

F) QUOTA DE MERCADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS, NO SUBSECTOR PRIVADO

Considerando apenas o mercado do subsector Privado, mostra-se, no gráfico seguinte, a evolução da quota de mercado para as cinco escolas:

Gráfico n.º 1.4.7.8

Quota de mercado em Relações Internacionais, no subsector Privado, em Lisboa



Fonte: MCTES. Elaboração própria. (Vide Anexo 58)

As escolas do subsector Privado que diminuíram a sua quota de mercado foram a UAL, que passou de 29% em 1999 para 14% em 2007, e a Lusíada, com uma quota de mercado de 57% no início do período e 18% no final.

A quota de mercado da Independente foi crescente até 2006 (atingindo 43% de quota), tendo decrescido para os 26% no último ano. Foi então ultrapassada pela Lusófona, que obteve 28% de quota. Por conseguinte, esta formou a liderança, logo no primeiro ano de leccionação deste curso.

A Católica, com início do curso em 2005, como já referido, alcançou uma quota de mercado de cerca de 15% no último ano do período, tendo ultrapassado a UAL.

G) CONCLUSÃO

A análise do mercado da licenciatura em Relações Internacionais em Lisboa permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos em R.I. nos subsectores Público e Privado era de 1 783 no ano 1998/99, atingindo o seu máximo

absoluto neste ano, caindo para 1 247 alunos em 2007, atingindo o seu mínimo em 2006 (1 162 alunos);

- Em termos líquidos, o subsector Público estabilizou a sua procura (com ganho de 16 alunos), e o subsector Privado teve uma perda líquida de 552 alunos no período considerado;
- O subsector Público incrementou a sua quota no mercado total em R.I., em Lisboa, passando de 37% em 1999 para 55% em 2007;
- No subsector Privado, a UAL passou de 29% em 1999 para 14% em 2007. A Lusíada, com uma quota de mercado de 57% no início do período, registou uma quota de 18% no final. A quota de mercado da Independente foi crescente até 2006 (atingindo 43%), tendo decrescido para os 26% no último ano, sendo ultrapassada pela Lusófona que obteve 28% de quota. Por conseguinte, esta conquistou a liderança, no seu primeiro ano de leccionação deste curso. A Católica, que iniciara o curso em 2005, alcançou a quota de mercado cerca de 15% no último ano do período, e ultrapassou a UAL;
- Aparentemente, este mercado estará globalmente em declínio.

II MODELOS ECONOMÉTRICOS

Importa referir que existem, *a priori*, vários factores que determinam a procura pelo ensino superior. Entre eles, podem referir-se:

- a) A evolução do número de indivíduos que concluem o 12.º ano, que, por sua vez, depende, entre outros factores, da taxa de natalidade e da taxa de insucesso escolar;
- b) A evolução do número de vagas disponíveis;
- c) Factores económicos, nomeadamente, o rendimento disponível das famílias e a taxa de desemprego;
- d) As expectativas de empregabilidade em termos gerais e específicos;
- e) Outros factores de natureza legal, como sejam alterações legislativas;
- f) Provas de acesso ao ensino superior exigidas aos estudantes;
- g) Políticas de acção social escolar;
- h) Políticas de financiamento;
- i) O nível das propinas.

Nos modelos econométricos que desenvolvemos – utilizando séries temporais⁹ - a variável dependente é consubstanciada pela procura do ensino universitário privado, e como variáveis explicativas foram incluídas:

- Número total de alunos inscritos no ensino superior público global (série temporal);
- PIB *per capita* (série temporal);
- Número total de alunos inscritos no ensino politécnico global (série temporal);
- CEE (actual UE) – variável *dummy*, traduzindo a adesão de Portugal à Comunidade Europeia;
- TD – Taxa de desemprego (série temporal);
- NOTA MÍNIMA - variável *dummy*, traduzindo a nota mínima, como alteração estrutural, a partir de 2003/04;
- BOLONHA - variável *dummy*, traduzindo as alterações legais relacionadas com o Processo de Bolonha;

9 Dados fornecidos pelo Ministério da Educação.

- Uma variável auto-regressiva, consubstanciada na variável explicativa do PIB *per capita*;
- Uma variável auto-regressiva, consubstanciada na variável dependente com um desfasamento temporal, o que torna os modelos¹⁰ dinâmicos, permitindo captar influências de variáveis omitidas bem como situações de desequilíbrios.

Quadro n.º 2.1

Modelos dinâmicos de regressão. Variável explicada: Procura do ensino superior universitário privado

Modelos		Interc.	PUBLICO-TOTAL	PIBCA-PITA	POLITEC-NICOTOTAL	CEE	TD	NOTAMIN	BOLONHA	LAGPIB-CAPITA	LAGUNIV-PRIVADO
Modelo A	Coef.	19322,89	-0,32	0,26	0,4	4169,3	230,66	-1027,74	185,66	-0,22	0,9
Níveis	<i>se</i>	10522,41	0,16	1,84	0,15	2789,09	714,53	3384,77	3404,81	1,56	0,19
	<i>Beta</i>		-1,23	0,04	1,22	0,09	0,01	-0,02	0	-0,03	0,93
N=36	<i>t</i>	1,84	-2,07	0,14	2,67	1,49	0,32	-0,3	0,05	-0,14	4,74
	<i>pv</i>	0,08	0,05	0,89	0,02	0,15	0,75	0,76	0,96	0,89	0
Modelo B	Coef.	21281,51	-0,33		0,4	4406,28					0,91
Níveis	<i>se</i>	4218,08	0,07		0,1	1368,55					0,09
	<i>Beta</i>		-1,25		1,21	0,09					0,94
N=36	<i>t</i>	5,05	-4,75		3,91	3,22					10,39
	<i>pv</i>	0	0		0	0					0
MODELOS	R2	R2*	SE	F	SSR	DW					
Modelo A	0,99	0,98	2654,56	210	2476,66	1,9					
Modelo B	0,99	0,98	2654,56	458,99	2211,43	1,9					

Notas:

se = erro padrão dos parâmetros

Beta = coeficientes de regressão padronizados

t = *t* de student

pv = *p*-value

ssr = quadrado da soma dos resíduos

SE = erro padrão de estimação

Fonte dos dados das séries temporais: Ministério da Educação. Elaboração própria

Os resultados obtidos indicam que o subsector Público tem canibalizado o subsector Privado. Este quadro está em consonância com o que já foi

10 Foram efectuados os vários testes para determinar o grau de integração de cada série temporal, tendo-se concluído que são integradas de ordem 1, pelo que efectuámos os testes de cointegração das mesmas, tendo-se concluído que são cointegradas, pelo que os resultados obtidos não são espúrios.

referido quanto ao mercado de Lisboa, onde o subsector Público obteve uma taxa de crescimento acumulada de 56%, no período de 1998/99-2006/07.

Quanto à variável explicativa auto-regressiva relativa à variável explicada (procura do ensino universitário privado), é estatisticamente significativa (com o sinal do coeficiente de regressão positivo). Este resultado indicia que os alunos que frequentam ou frequentaram este ensino exercem influência positiva sobre os potenciais clientes, salientando que, não obstante os preconceitos existentes quanto ao ensino superior do subsector Privado, empiricamente é evidenciado que a qualidade do ensino neste subsector é pelo menos tão boa como no subsector Público.

Os resultados evidenciam que a adesão de Portugal à Comunidade Europeia, em 1986 (que constituiu uma alteração estrutural), teve efeitos positivos na frequência do ensino superior global e, em particular, no ensino universitário privado. Tal se explicará, entre outros factores, pela influência das variáveis de natureza económica - evidenciando a elasticidade da procura deste bem em relação ao rendimento -, como pela percepção desenvolvida na sociedade portuguesa da importância da elevação do capital humano.

Dado que as séries temporais utilizadas são não-estacionárias, os efeitos (positivos ou negativos), de qualquer choque corrente ou estrutural são de longa duração, o que deverá ser tido em conta nas decisões políticas. Com efeito, a actuação dos indivíduos não é predominantemente determinística mas sim, na maioria das vezes, estocástica, pelo que os efeitos negativos dos choques, mesmo correntes, não são temporários mas têm duração de longo prazo.

III

ANÁLISE DA EMPREGABILIDADE DE DIPLOMADOS NOS SUBSECTORES PÚBLICO E PRIVADO EM PORTUGAL CONTINENTAL

Um dos factores determinantes da procura do ensino superior - e dos seus vários cursos - é a empregabilidade, bem como a probabilidade de serem obtidas mais elevadas remunerações face a um aumento do nível de capital humano. Outros factores também influentes da procura deste nível de ensino consubstanciam-se no desejo de maior conhecimento, cultura e *status* social.

Nos últimos anos, tem-se discutido sobre a taxa de desemprego involuntário de indivíduos com cursos superiores, taxa considerada elevada, o que leva alguns indivíduos a considerar que a formação de grau superior não terá efeitos no nível de remunerações e, deste modo, possa decidir ou influenciar outros a não prosseguirem os estudos superiores.

Existe na sociedade um preconceito negativo relativamente ao ensino superior privado, quanto à sua taxa de empregabilidade em relação ao ensino superior público, ideia que muitas vezes afectará negativamente a procura pelo ensino superior privado, para além dos factores - já referidos - que têm vindo a distorcer a concorrência entre estes dois sectores de ensino.

O quadro seguinte mostra o número de desempregados por subsistema de ensino (em Dezembro de 2007), e diplomados durante o período de 1996/97 a 2005/06 com o grau de Bacharel e Licenciado:

Quadro n.º 3.1

Desempregados, com indicação do par estabelecimento/curso, por subsistema de ensino (em Dezembro de 2007) e Diplomados (1996-97 a 2005-2006), com grau de Bacharel e Licenciado

Tipo de Ensino		Desempregados		Diplomados	
		Nº	%	Nº	%
Ensino Público	Universitário	9 167	35%	169 419	31%
	Politécnico	8 004	30%	174 724	32%
	Total	17 171	65%	344 143	63%
Ensino não Público	Universitário	5 948	23%	109 865	20%
	Politécnico	3 146	12%	90 035	17%
	Total	9 094	35%	199 900	37%
TOTAL		26 265	100%	544 043	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados do quadro mostram que em relação ao total de desempregados com curso superior, a taxa de desemprego é de 65% no que se refere ao ensino superior público e de 35% quanto ao ensino superior privado. Estes valores são explicados pela diferença existente entre o maior número de alunos diplomados no subsector Público em relação ao subsector Privado.

No entanto, quando se relaciona o número total de desempregados com o número total de diplomados em cada subsector, verifica-se que a taxa de empregabilidade é de 95,5% no subsector Privado, enquanto no Público essa taxa é de 95,1%, portanto, ligeiramente inferior ao subsector Privado, quadro que derroga o mito generalizado de que aos diplomados pelo subsector Privado se oferecem mais dificuldades na inserção do mercado de trabalho do que aos diplomados pelo subsector público.

Assim, considerando funcionamento do mercado, pode deduzir-se que os diplomados pelo subsector Privado têm um nível de capital humano igual ou superior aos diplomados pelo subsector Público. Esta presunção poderá fundamentar-se em dois factores: o cruzamento comum de nos dois subsectores e, por outro lado, parte do corpo docente do subsector Privado ser já diplomado pelo próprio subsector Privado de há uns anos a esta parte.

De assinalar, que a maioria dos alunos que ingressam no ensino superior privado são substancialmente oriundos do ensino secundário público, e, em geral, com notas de acesso inferiores às dos que ingressam no ensino superior estatal.

Considerando que um diplomado pelo subsector Privado tem uma probabilidade de inserção no mercado laboral, não inferior à dos diplomados pelo subsector Público, tendo em conta os dados supra apresentados, então é dedutível que o Valor Acrescentado aos diplomados pelo subsector Privado tenderá a ser superior aos do subsector Público.

De sublinhar também, o facto de uma parte substancial destes diplomados terem frequentado o ensino pós-laboral, aspecto que evidencia o esforço e a dedicação pessoais, quer destes, quer dos docentes.

IV CONCLUSÕES

O objectivo do estudo efectuado foi analisar a evolução do ensino superior nos últimos anos, em especial do ensino superior universitário privado, destacando-se a evolução deste ensino na região de Lisboa.

1. Na introdução foram referidos os vários constrangimentos existentes no mercado global ao funcionamento eficiente do subsector do ensino superior Privado, destacando-se a distorção existente no mercado relativa às propinas, que são discriminatórias no subsector Público, mais baixas do que as do subsector Privado, sendo o custo de produção naquele subsector parcialmente financiado pelo Estado.
2. O total de diplomados pelo ensino superior, universitário e politécnico, em Portugal, no período de 1997/98 – 2005/06, evoluiu positivamente de 46 478 para 71 828.
3. A percentagem de diplomados pelo subsector Privado foi cerca de 40% no início do período e próximo de 30% no final. Quanto ao ensino universitário, a evolução foi semelhante à anterior.
4. A taxa de crescimento da procura do ensino superior total (universitário e politécnico, público e privado), foi lenta desde o início do período (1977/78) até ao ano lectivo de 1985/86 (data da adesão de Portugal à então Comunidade Europeia), ano a partir do qual o crescimento se intensificou até ao ano 1997/98, desacelerando essa procura no ano 1998/99, voltando a crescer até 2002/2003. Atingiu neste ano o máximo absoluto do período (394 090 alunos), após o qual se verificou novo decréscimo até ao final (361 024 alunos).
5. A procura do ensino superior universitário no período (1977/78-2005/06) alcançou o máximo absoluto em 2001/2002, com 221 079 alunos inscritos, data a partir da qual se verificou uma taxa de variação negativa, chegando esta a menos cerca de 6% em 2005/06 (206 283 alunos).
6. Quanto ao politécnico, a evolução foi similar. Contudo, o máximo de alunos inscritos no politécnico verificou-se no ano lectivo 2002/2003 (173 697 alunos), quando a taxa de variação começou a ser negativa. Essa taxa de decréscimo, porém, foi inferior à registada no ensino universitário, com 154 841 alunos inscritos no final do período.

7. O número de alunos inscritos no ensino universitário público tendeu a decrescer, de forma ligeira, a partir do ano 2003/2004 (inclusive, com uma taxa de variação negativa de 0,49% neste ano), apresentando uma taxa acumulada de variação de menos 3,4%, em relação ao ano em que atingiu o valor máximo absoluto de alunos inscritos, em 2002/03 (171 026 alunos) no período considerado.
8. Quanto ao ensino universitário privado, o decréscimo, em termos absolutos, iniciou-se no ano 1998/99 prolongado até ao fim do período (com exceção do ano de 1999/2000), tendo a taxa de variação negativa acumulada chegado a 32,6% em relação ao ano de 1996/97, quando atingiu o valor máximo absoluto de alunos inscritos (60 933 alunos).
9. O número de vagas no subsector estatal no início do período era 40 704 e, no final, 47 365. As vagas no subsector Público foram quase sempre preenchidas, sendo o número de inscritos 1.º ano, 1.ª vez, superior às vagas, em sete dos dez anos considerados.
10. No subsector Privado, o número de vagas (em Portugal) entre o início e o final do período diminuiu em 8 153, com uma taxa acumulada negativa de 17,23%, nunca tendo essas vagas sido totalmente preenchidas neste subsector.
11. Quanto à evolução do ensino universitário e politécnico privado no Continente, verificou-se que a procura pelo ensino politécnico ultrapassou a procura pelo ensino universitário a partir do ano 1999/2000, tendo sido a taxa de decréscimo no ensino universitário mais intensa do que a do politécnico, excepto no último ano do período (ano em que foi de -3,36% para o universitário e de -9,83% para o politécnico).
12. Na procura de ensino superior total (universitário e politécnico, público e privado), em Lisboa, houve um crescimento contínuo desde o início do período considerado (1990/91) até ao ano 1997/98, com uma taxa de crescimento acumulada de 54%. Registado um decréscimo no ano seguinte, voltou a verificar-se um crescimento nos três anos seguintes, até 2001/02, ano a partir do qual teve lugar uma variação negativa até ao fim do período considerado (2005/06), com uma taxa de decréscimo acumulada de 9,5% em relação ao ano 2001/02.
13. A evolução do ensino superior no subsector Público, em Lisboa, apresentou uma tendência crescente ao longo do período, excepto

nos dois últimos anos, com um ligeiro decréscimo acumulado de 2,9%, bem como no ano de 1998/99 (-1,1%). A taxa de crescimento acumulada global foi de 56%.

14. Relativamente ao ensino superior do subsector Privado, a evolução foi positiva desde o início do período até 1996/97, com uma taxa de crescimento acumulada de 44,1%. A partir desta data, a evolução passou a negativa, com uma taxa de decréscimo acumulada de 43,2%, que se traduziu num retrocesso para valores inferiores aos de 1991/92.

15. A análise do mercado da licenciatura em Direito, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos neste Departamento nos subsectores Público e Privado, somava 10 999 no ano de 1998/99 (quando atingiu o máximo absoluto), sofrendo uma evolução continuamente decrescente até ao ano 2006/07 e atingindo o mínimo absoluto com 6 828 alunos inscritos;
- No final do período existiam menos 4 171 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado) em relação ao início do período;
- O número de alunos inscritos em Direito no subsector Público sofreu uma ligeira diminuição, traduzida em menos 231 alunos entre o início e o fim do período em análise, equivalente a cerca de menos 6% das perdas totais do mercado.

16. A análise do mercado da licenciatura em Gestão, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos nesta área nos subsectores Público e Privado, era 10 664 no ano 1998/99 (quando atingiu o máximo absoluto). A evolução foi continuamente decrescente até ao ano de 2003/04, atingindo o mínimo absoluto com 8 031 alunos inscritos, invertendo a tendência nos anos seguintes. Após esta quebra, obteve novo máximo relativo, no ano 2006/07, com 8 983 alunos inscritos. Tal espectro poderá ser atribuído à alteração das condições legais de acesso à matrícula no ensino superior, para os indivíduos maiores de 23 anos e, eventualmente, devido a uma diminuição da taxa de retenção no 12.º ano do ensino secundário;

- No final do período existiam menos 1 681 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado), em relação ao início do período;
- O número de alunos inscritos em Gestão no subsector Público sofreu um aumento, traduzido em mais 1 507 alunos inscritos entre o início e o final do período em análise. A grande perda ficou a dever-se ao subsector Privado com um total de menos 3 188 alunos inscritos nesse período;
- No subsector Privado, no âmbito dos ganhos, destaca-se a Lusófona com um proveito de 527 alunos no período, crescimento que foi contínuo, tendo subido a sua quota de mercado, no total (público e privado), para 6% no final do período, situando-se à frente da Lusíada e da UAL; relativamente ao subsector Privado, a sua quota de mercado foi de 18,16%;
- Por seu turno, quanto ao número de alunos inscritos em Gestão, a UAL teve uma evolução continuamente decrescente; passou de 998 alunos no início do período para 310 no final do período, perdendo 688 alunos. Quanto à sua quota no mercado total (público e privado), passou de 9,36% no início do período para 3,45% no final do mesmo. Atendendo apenas ao mercado privado, a UAL usufruía no início do período uma quota de mercado de 16% e no final do mesmo uma quota de 10%. A taxa de variação do número de alunos inscritos na UAL foi sempre negativa ao longo do período, sofrendo a maior variação negativa (menos 28%) em 2000/01, correspondente a menos 264 alunos, em relação ao ano anterior. A tendência continuou a ser negativa até ao final do período, com uma taxa de variação de -21% no ano de 2006/07 em relação ao ano anterior;
- Entre as instituições que perderam alunos, conta-se a Lusíada, que tinha inscritos, no início do período, 1 355 alunos e chegou ao fim do período com 427 ou seja, perdeu 928 alunos. No que concerne à sua quota no mercado total (público e privado em Lisboa), esta variou entre 12,71% no início do período e 4,75% no final. No mercado privado de Lisboa, esta universidade transitou no início do período de uma quota de mercado de 22% para 14,26% no final do período.

17.A análise do mercado da licenciatura em Arquitectura, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos neste domínio nos subsectores Público e Privado era de 4 955 no ano 1998/99. Atingiu o seu máximo absoluto em 2003 (5 549 alunos), registando-se uma evolução continuamente crescente até ao ano 2002/03. Inverteu a tendência nos anos seguintes, com o mínimo absoluto em 2006/07, e 4 826 alunos inscritos;
- No final do período existiam menos 129 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado), em relação ao início do período, o que espelha uma ténue tendência diminutiva da procura, significando esta diminuição apenas 3% do total, em 2007;
- O número de alunos inscritos em Arquitectura no subsector Público sofreu um aumento, traduzido em mais 435 alunos entre o início e o fim do período em análise, ficando tal a dever-se ao crescimento do IST e do ISCTE. A grande perda ficou a dever-se ao subsector Privado com um total de menos 564 alunos inscritos no período considerado.

18.A análise do mercado da licenciatura em Ciências da Comunicação, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos nesta especialidade nos subsectores Público e Privado, era de 5 057 no ano 1998/99, máximo absoluto atingido nesse mesmo ano, continuando a decrescer nos anos seguintes, até chegar ao mínimo absoluto em 2006/07, com 3 682 alunos inscritos;
- No final do período existiam menos 1 375 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado), em relação ao início do período, o que espelha o declínio e a saturação da procura neste mercado;
- O número de alunos inscritos em Comunicação no subsector Público sofreu uma diminuição, apesar de não ser tão acentuada como no Privado, traduzida em menos 224 alunos entre o início e o fim do período em análise;
- A grande perda ficou a dever-se ao subsector Privado com um total de menos 1 151 alunos inscritos, destacando-se nestas perdas a UAL, com menos 826 alunos.

19.A análise do mercado da licenciatura em Informática, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos nesta disciplina nos subsectores Público e Privado, era 8 283 alunos no ano 1998/99, atingindo o máximo absoluto em 2003/04, com 10 795 alunos inscritos, tendo estabilizado nos 10 734 alunos em 2007;
- No final do período existiam mais 2 451 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado), em relação ao início do período, o que reflecte o incremento da procura por esta área de especialização;
- O número de alunos inscritos em Informática no subsector Público sofreu um aumento ainda maior, com um incremento de 3 652 alunos, em contraste com o subsector Privado que perdeu neste mercado, em Lisboa, 1 201 alunos entre o início e o fim do período em análise.

20.A análise do mercado da licenciatura em Psicologia, em Lisboa, permite retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos neste curso, nos subsectores Público e Privado, era de 5 393 alunos no ano de 1998/99, atingindo o máximo absoluto em 2002/03, com 7 048 alunos inscritos, tendo decrescido até ao seu mínimo absoluto de alunos em 2006/07 (com 5 351 alunos);
- No final do período existiam menos 42 alunos inscritos no mercado total de Lisboa (público e privado), em relação ao início do período, a revelar a estabilização da procura por esta área de especialização;
- O subsector Público apresentou um acréscimo de um ponto percentual na sua quota de mercado, quando comparados o início e o fim do período considerado;
- Este mercado parece estar estabilizado, mas com potencial de crescimento, com base na decisão político-administrativa de um incremento no número de vagas, principalmente para o subsector Privado.

21.Quanto à análise do mercado da licenciatura em Relações Internacionais, em Lisboa, podemos retirar as seguintes conclusões:

- O número total de alunos inscritos nesta disciplina nos subsectores Público e Privado, era de 1 783 no ano 1998/99,

atingindo o máximo absoluto neste ano, caindo para 1 247 alunos em 2007, com o mínimo em 2006 (1 162 alunos);

- O subsector Público estabilizou a sua procura, enquanto o subsector Privado teve uma perda de 552 alunos no período considerado;
- O subsector Público incrementou a sua quota no mercado total, em Lisboa, passando de 37% em 1999 para 55% em 2007;
- No subsector Privado, a UAL desceu de 29% em 1999 para 14% em 2007; a Lusíada, que tinha uma quota de mercado de 57% no início do período, registou uma quota de 18% no final. A quota de mercado da Independente foi crescente até 2006 (atingindo 43%), tendo decrescido para os 26% de quota no último ano. Foi ultrapassada pela Lusófona que obteve 28% de quota, ocupando, por conseguinte, a liderança, logo no seu primeiro ano de leccionação deste curso. Tendo iniciado o curso em 2005, a Católica alcançou uma quota de mercado de cerca de 15% no último ano do período, ultrapassando assim a UAL. Aparentemente, este mercado parece estar globalmente em declínio.

22. EMPREGABILIDADE NOS SUBSECTORES PÚBLICO E PRIVADO

- A taxa de desemprego dos diplomados, no período de 1996/97 a 2005/06, foi de 65% no que se refere ao ensino superior público e de 35% ao ensino superior privado. Estes valores são explicados pela diferença existente entre o maior número de alunos diplomados no subsector Público em relação ao subsector Privado;
- No entanto, quando se relaciona o número total de desempregados com o número total de diplomados em cada subsector, verifica-se que a taxa de empregabilidade corresponde a 95,5% no subsector Privado, enquanto no Público é de 95,1%, portanto, ligeiramente inferior ao subsector Privado;
- Assim, pelo funcionamento do mercado, pode deduzir-se que os diplomados pelo subsector Privado têm um nível de capital humano igual ou superior aos diplomados pelo subsector Público, pelo que esta presunção poder-se-á fundamentar em dois factores:

- O cruzamento normal de docentes entre os dois subsectores;
- Parte do corpo docente do subsector Privado ser já diplomado pelo mesmo subsector, de há uns anos a esta parte.

Como conclusão geral, poder-se-á inferir que a actuação do Estado tem levado à distorção negativa do mercado global por virtude da diferenciação das propinas existentes nos dois subsectores e pelo aumento de vagas nos vários cursos; tal política leva a que os potenciais alunos prefiram o subsector Público ao Privado como primeira escolha.

Deste modo, o Estado está implicitamente a condicionar a escolha dos alunos e a distorcer a concorrência, sem que estes tenham em linha de conta questões tão prementes e importantes como o conteúdo programático dos cursos e a capacidade científico-pedagógica dos docentes (entre outras), visto o factor preço (propinas) ter um elevado peso no orçamento familiar da média das famílias portuguesas, podendo presumir-se a existência de uma procura com elevada elasticidade relativamente ao preço e ao rendimento!

Por outro lado, a inexistência de factores diferenciadores qualitativos, percebidos pelo mercado, que funcionem como atractores no âmbito do ensino do subsector Privado, leva a que o efeito preço acima referido não seja compensado. Isto é, o acréscimo marginal de uma unidade monetária de propinas provoca uma diminuição largamente superior na procura deste bem ou serviço. Ou seja, o comportamento dos alunos é altamente elástico face às variações do preço. Por conseguinte, o efeito da qualidade nos respectivos cursos, por via do nível de rendimento médio das famílias ser relativamente reduzido, não tem o peso desejado na decisão de frequentar determinado curso em determinada Instituição.

Convém salientar que o ensino, em termos gerais, e o ensino superior em particular, é um bem de mérito, capaz de desencadear externalidades positivas na sociedade, com repercussões efectivas no crescimento e desenvolvimento económico, social e cultural, pelo que o ensino do subsector Privado não deveria ser penalizado.

A distorção existente no mercado do ensino superior afecta drasticamente a EFICIÊNCIA, logo não minimiza os custos sociais; por outro lado, tem efeitos negativos na EQUIDADE – outro valor determinante da sociedade em que vivemos – pois obriga a que os alunos que frequentam o ensino do subsector Privado suportem o custo integral da elevação do seu capital

humano e, simultaneamente, suportem parte dos custos do ensino superior do subsector Público através dos impostos que pagam.

ANEXOS

ANEXO 1

Evolução do nº de alunos inscritos no ensino superior (Continente):
total, público e privado, universitário e politécnico. Período: 1977/78-2005/06

Ano	Total	Universitário	Politécnico
1978	81151	65862	15289
1979	78961	65227	13734
1980	80456	67380	13076
1981	83207	69363	13844
1982	86215	71538	14677
1983	88717	73823	14894
1984	94259	78011	16248
1985	101147	83448	17699
1986	105093	86915	18178
1987	115846	92268	23578
1988	122268	95287	26981
1989	134596	101387	33209
1990	158681	115935	42746
1991	184764	126694	58070
1992	216436	141668	74768
1993	243728	155723	88005
1994	272305	169268	103037
1995	295847	181116	114731
1996	314490	191908	122582
1997	344620	211056	133564
1998	354199	215697	138502
1999	350680	213255	137425
2000	367339	217172	150167
2001	381078	219662	161416
2002	389957	221079	168878
2003	394090	220393	173697
2004	388624	217132	171492
2005	374377	209595	164782
2006	361024	206183	154841

Fonte: Séries cronológicas do Min. Educação

ANEXO 2

Evolução do nº de alunos que concluíram o 12.º ano e inscritos no ensino superior no 1.º ano, 1.ª vez, total, público e privado, universitário e politécnico.

Período: 1997/98-2006/2007 (Continente).

Ano	1997/98	1998/99	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Vagas	85 639	89 248	91 555	84 130	85 270	85 430	80 430	81 268	83 931	84 147
Nº de inscritos 1.º ano 1.ª vez	66 012	71 134	69 873	72 647	69 703	72 154	67 348	64 243	60 712	74 105
Taxa de ocupação	77%	80%	76%	86%	82%	84%	84%	79%	72%	88%
Inscritos 12.º ano	128 128	115 688	112 840	96 114	87 759	80 498	79 537	82 709	78 676	80 189
12.º Ano Terminado	83 283	75 197	73 346	62 474	57 043	52 324	51 699	53 761	51 139	52 123
Nº de inscritos 1.º ano 1.ª vez - Privado	21 568	22 715	21 638	21 935	21 376	21 822	19 766	17 647	15 239	22 524

Fonte: MCTES – Gpeari

ANEXO 3

Evolução do nº de alunos inscritos no ensino universitário total, público e privado. Período: 1977/78-2005/06 (Continente).

Ano	Univ. Público H+M	Univ. Privado H+M
1978	64275	1587
1979	61342	3885
1980	63106	4274
1981	64143	5220
1982	66044	5494
1983	67705	6118
1984	70635	7376
1985	73910	9538
1986	76315	10600
1987	77511	14757
1988	80224	15063
1989	84420	16967
1990	94485	21450
1991	100682	26012
1992	107380	34288
1993	116820	38903
1994	127994	41274
1995	135154	45962
1996	138084	53824
1997	150123	60933
1998	156786	58911
1999	152693	60562
2000	158166	59006
2001	165012	54650
2002	169453	51626
2003	171026	49367
2004	170191	46941
2005	167108	42487
2006	165125	41058

Fonte: Séries cronológicas do Min. Educação

ANEXO 4

Evolução do nº de vagas e de alunos inscritos pela 1.ª vez no ensino universitário e politécnico, público e privado. Período: 1997/98-2006/07 (Portugal).

	Público		Não Público	
	Nº de vagas Público	Nº de inscritos 1.º ano 1.ª vez	Nº de vagas	Nº de inscritos 1.º ano 1.ª vez
1997/98	40 704	44 444	44 935	21 568
1998/99	43 293	48 419	45 955	22 715
1999/00	46 243	48 235	45 312	21 638
2000/01	48 042	50 712	36 088	21 935
2001/02	49 355	48 327	35 915	21 376
2002/03	49 740	50 332	35 690	21 822
2003/04	46 408	47 582	34 022	19 766
2004/05	47 138	46 596	34 130	17 647
2005/06	47 433	45 473	36 498	15 239
2006/07	47 365	51 581	36 782	22 524

ANEXO 5

Evolução do nº de alunos inscritos no ensino privado universitário e politécnico (Continente). Período: 1977/78-2005/06.

Ano	Total	Universitário	Politécnico
1978	4081	1587	2494
1979	6606	3885	2721
1980	7050	4274	2776
1981	8096	5220	2876
1982	8450	5494	2956
1983	8928	6118	2810
1984	10771	7376	3395
1985	13729	9538	4191
1986	15681	10600	5081
1987	22799	14757	8042
1988	24055	15063	8992
1989	28858	16967	11891
1990	37785	21450	16335
1991	49649	26012	23637
1992	68372	34288	34084
1993	81200	38903	42297
1994	93789	41274	52515
1995	104640	45962	58678
1996	115108	53824	61284
1997	124033	60933	63100
1998	123024	58911	64113
1999	117415	60562	56853
2000	118266	59006	59260
2001	113671	54650	59021
2002	111370	51626	59744
2003	109850	49367	60483
2004	106298	46941	59357
2005	98181	42487	55694
2006	91275	41058	50217

Fonte: Séries cronológicas do Min. Educação

ANEXO 6

Evolução do nº de alunos inscritos no ensino superior total,
público e privado, universitário e politécnico. Período: 1990/91-2005/06
Lisboa e Vale do Tejo

	Portugal	Conti- nente	Norte	Centro	Lisboa e Vale do Tejo	Alentejo	Algarve	R.A. Açores	R.A. Madeira
1991	187193	184764	49271	33819	93778	6082	1814	1690	739
1992	219424	216436	60540	37278	108024	7688	2906	1855	1133
1993	247523	243728	72054	42678	115907	8822	4267	2149	1646
1994	276534	272305	82455	47115	127403	9477	5855	2219	2010
1995	300573	295847	89513	50855	138078	10373	7028	2493	2233
1996	319525	314490	96723	55222	143445	11394	7706	2727	2308
1997	350850	344620	107699	62413	153423	12534	8551	2983	3247
1998	359949	354199	108602	65434	157489	13742	8932	3104	2646
1999	356790	350680	108411	67010	151878	13676	9705	3403	2707
2000	373745	367339	114271	70996	156360	15060	10652	3630	2776
2001	387703	381078	117465	75361	160475	16449	11328	3725	2900
2002	396601	389957	120038	78193	163618	16625	11483	3614	3030
2003	400831	394090	122427	81352	162287	16693	11331	3663	3078
2004	395063	388624	121261	79522	160500	15977	11364	3427	3012
2005	380937	374377	116950	76008	155137	15667	10615	3358	3202
2006	367312	361024	113677	73647	148536	14593	10571	3041	3247

Fonte: Séries cronológicas do Min. Educação

ANEXO 7

Evolução do nº de alunos inscritos no ensino superior total, universitário e politécnico, público e privado, em Lisboa e Vale do Tejo. Período: 1990/91-2005/06 ().

	Público	Privado
1991	60573	33205
1992	62327	45697
1993	67028	48879
1994	73486	53917
1995	77411	60667
1996	77514	65931
1997	83795	69628
1998	87966	69523
1999	87000	64878
2000	92226	64134
2001	99840	60635
2002	105153	58465
2003	106174	56113
2004	107035	53465
2005	106690	48447
2006	103974	44562

ANEXO 8

Evolução do número total de alunos inscritos em Direito, em Lisboa, no ensino público e privado. Período: 1998/99-2006/07

	Subtotal Público	Subtotal Privado	Total Público e Privado
1999	4129	6870	10999
2000	4096	6438	10534
2001	4076	5359	9435
2002	4051	4725	8776
2003	4049	4105	8154
2004	4098	3654	7752
2005	3985	3207	7192
2006	3920	2984	6904
2007	3898	2930	6828

ANEXO 9

Evolução do n.º de alunos inscritos em Direito, por universidade, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07

	FDL	Nova	Católica	UAL	Moderna	Lusiada	Lusófona	Internacional	Independente
1999	3 910	219	966	1 559	1 163	1 983	173	827	199
2000	3 772	324	936	1 675	1 045	1 651	249	626	256
2001	3 659	417	886	1 322	800	1 363	292	458	238
2002	3 523	528	797	1 358	571	1 102	318	323	256
2003	3 517	532	781	1 089	414	929	380	218	294
2004	3 549	549	770	920	302	778	417	151	316
2005	3 447	538	719	745	235	638	450	113	307
2006	3 370	550	705	660	180	592	464	113	270
2007	3 351	547	710	516	204	556	543	153	248

ANEXO 10

Taxa de variação anual de alunos inscritos em Direito, nos subsectores
Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Público	Privado	Total
2000	-0,80%	-6,29%	-4,23%
2001	-0,49%	-16,76%	-10,43%
2002	-0,61%	-11,83%	-6,98%
2003	-0,05%	-13,12%	-7,09%
2004	1,21%	-10,99%	-4,93%
2005	-2,76%	-12,23%	-7,22%
2006	-1,63%	-6,95%	-4,00%
2007	-0,56%	-1,81%	-1,10%

ANEXO 11

Taxa percentual de variação acumulada líquida, por universidade, considerando os alunos de Direito inscritos no fim e no início do período.

Período: 1998/99-2006/07

	% Ganhos e Perdas
Moderna	-149%
Internacional	-134%
Lusíada	-117%
UAL	-98%
Católica	-30%
FDL	-15%
Independenta	28%
Nova	107%
Lusófona	127%

ANEXO 12

Quota de mercado em Direito, da Católica, UAL, Lusíada e Lusófona, face ao subsector Privado, em Lisboa,

	Católica	UAL	Lusíada	Lusofona	Moderna	Internacional	Independente
1999	14%	23%	29%	3%	17%	12%	3%
2000	15%	26%	26%	4%	16%	10%	4%
2001	17%	25%	25%	5%	15%	9%	4%
2002	17%	29%	23%	7%	12%	7%	5%
2003	19%	27%	23%	9%	10%	5%	7%
2004	21%	25%	21%	11%	8%	4%	9%
2005	22%	23%	20%	14%	7%	4%	10%
2006	24%	22%	20%	16%	6%	4%	9%
2007	24%	18%	19%	19%	7%	5%	8%

ANEXO 12-A

Quota de mercado em Direito, da UAL, Lusiada e Lusófona face ao subsector Privado sem a Católica, em Lisboa

	UAL	Lusiada	Lusófona	Moderna	Internacional	Independente
1999	26%	34%	3%	20%	14%	3%
2000	30%	30%	5%	19%	11%	5%
2001	30%	30%	7%	18%	10%	5%
2002	35%	28%	8%	15%	8%	7%
2003	33%	28%	11%	12%	7%	9%
2004	32%	27%	14%	10%	5%	11%
2005	30%	26%	18%	9%	5%	12%
2006	29%	26%	20%	8%	5%	12%
2007	18%	20%	19%	7%	5%	10%

ANEXO 13

Evolução do n.º de alunos inscritos em Gestão, no ensino público e privado,
em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
ISCSP	657	662	630	636	663	611	566	569	527
ISEG	1 483	1 437	1 398	1 395	1 395	1 379	1 386	1 394	1 426
Nova	363	496	611	634	708	752	802	858	902
Aberta	232	273	791	864	827	1 071	1 480	1 591	1 780
ISCAL	0	0	0	0	0	0	0	0	313
ISCTE	1 746	1 588	1 466	1 382	1 311	1 250	1 215	1 182	1 040
Subtotal Público	4481	4456	4896	4911	4904	5063	5449	5594	5988
Católica	900	800	713	648	625	645	643	639	667
ISEIT	0	0	0	0	0	0	6	11	23
UAL	998	952	688	676	611	564	461	392	310
Internacional	576	421	262	132	69	36	0	0	34
Lusíada	1 355	1 056	934	798	623	519	433	404	427
Independente	111	129	176	214	254	252	230	202	181
Atlântica	44	43	40	39	54	48	55	51	78
Lusófona	17	86	173	256	292	338	368	392	544
Moderna	726	586	454	320	246	169	92	65	122
INP	130	85	39	13	0	0	0	0	0
ISG	790	673	496	353	291	231	258	263	329
ISGB	0	0	0	0	0	0	0	79	65
ISLA	536	407	267	189	171	166	164	176	215
Subtotal Privado	6 183	5 238	4 242	3 638	3 236	2 968	2 710	2 674	2 995
Subtotal Privado Sem Católica	5 283	4 438	3 529	2 990	2 611	2 323	2 067	2 035	2 328
Total Público e Privado	10 664	9 694	9 138	8 549	8 140	8 031	8 159	8 268	8 983

ANEXO 14

Perdas e ganhos de alunos inscritos em Gestão, por universidade, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Perdas e Ganhos
Lusíada	-928
ISCTE	-706
UAL	-688
Moderna	-604
Internacional	-542
ISG	-461
ISLA	-321
Católica	-233
ISCSP	-130
ISEG	-57
Independente	70
ISCAL	313
Lusófona	527
Nova	539
Aberta	1548
Subtotal Público	1507
Subtotal Privado	-3188
Subtotal Privado Sem Católica	-2955
Total Público E Privado	-1681

ANEXO 15

Perdas e ganhos de alunos de Gestão, em relação à perda total bruta acumulada e ao ganho total bruto acumulado no período, face ao subsector Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Perdas e Ganhos
Lusíada	-928
UAL	-688
Moderna	-604
ISG	-461
ISLA	-321
Católica	-233
Atlântica	34
Independente	70
Lusófona	527

ANEXO 16

Taxa anual de variação de alunos inscritos em Gestão, nos subsectores
Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Internacional	-27%	-38%	-50%	-48%	-48%	-100%	0%	0%
INP	-35%	-54%	-67%	-100%	0%	0%	0%	0%
Moderna	-19%	-23%	-30%	-23%	-31%	-46%	-29%	88%
UAL	-5%	-28%	-2%	-10%	-8%	-18%	-15%	-21%
Lusíada	-22%	-12%	-15%	-22%	-17%	-17%	-7%	6%
ISLA	-24%	-34%	-29%	-10%	-3%	-1%	7%	22%
ISG	-15%	-26%	-29%	-18%	-21%	12%	2%	25%
ISCTE	-9%	-8%	-6%	-5%	-5%	-3%	-3%	-12%
Católica	-11%	-11%	-9%	-4%	3%	0%	-1%	4%
ISCSP	1%	-5%	1%	4%	-8%	-7%	1%	-7%
ISGB	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	-18%
ISEG	-3%	-3%	0%	0%	-1%	1%	1%	2%
Independente	16%	36%	22%	19%	-1%	-9%	-12%	-10%
Atlântica	-2%	-7%	-3%	38%	-11%	15%	-7%	53%
ISCAL	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%
Nova	37%	23%	4%	12%	6%	7%	7%	5%
ISEIT	0%	0%	0%	0%	0%	0%	83%	109%
Aberta	18%	190%	9%	-4%	30%	38%	8%	12%
Lusófona	406%	101%	48%	14%	16%	9%	7%	39%
Privado	-15%	-19%	-14%	-11%	-8%	-9%	-1%	12%
Privado s/ Católica	-16%	-20%	-15%	-13%	-11%	-11%	-2%	14%
Total Público e Privado	-9%	-6%	-6%	-5%	-1%	2%	1%	9%

ANEXO 17

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em Gestão,
nas várias escolas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	% Perdas e Ganhos
Internacional	-310%
Moderna	-113%
UAL	-106%
Lusíada	-104%
ISLA	-72%
ISG	-69%
ISCTE	-50%
Católica	-28%
ISCSP	-21%
ISEG	-4%
Independente	61%
Nova	100%
Aberta	299%
Lusófona	639%
Público	30%
Privado	-66%
Privado s/ Católica	-74%
Total Público e Privado	-16%

ANEXO 18

Quota de mercado em Gestão, da Católica, UAL, Lusíada e Lusófona, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07

	Católica	UAL	Lusíada	Lusófona
1999	15%	16%	22%	0%
2000	15%	18%	20%	2%
2001	17%	16%	22%	4%
2002	18%	19%	22%	7%
2003	19%	19%	19%	9%
2004	22%	19%	17%	11%
2005	24%	17%	16%	14%
2006	24%	15%	15%	15%
2007	22%	10%	14%	18%

ANEXO 19

Evolução do n.º de alunos inscritos em Arquitectura, no ensino público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Público	Privado	Total Público e Privado
1999	1650	3305	4955
2000	1766	3481	5247
2001	1789	3480	5269
2002	1875	3471	5346
2003	2076	3473	5549
2004	2088	3411	5499
2005	2062	3136	5198
2006	2061	2850	4911
2007	2085	2741	4826

ANEXO 20

Evolução do n.º de alunos inscritos em Arquitectura nas quatro escolas do subsector Público – FA, ISA, IST (UTL) e ISCTE. Período: 1998/99-2006/07

	UTL - FA	UTL - ISA	UTL - IST	ISCTE
1999	1 385	208	57	0
2000	1 402	214	112	38
2001	1 332	223	157	77
2002	1 336	222	199	118
2003	1 321	242	360	153
2004	1 267	247	386	188
2005	1 242	243	371	206
2006	1 232	231	384	214
2007	1 218	232	406	229

ANEXO 21

Evolução do n.º de alunos inscritos em Arquitectura nas seis Escolas do subsector Privado – UAL, Lusíada, Lusófona, Independente, Moderna e Internacional.

Período: 1998/99-2006/07

	UAL	Internacional	Lusíada	Independente	Lusófona	Moderna
1999	18	0	2 136	20	644	487
2000	59	8	2 276	21	604	513
2001	102	0	2 333	22	560	463
2002	142	0	2 296	36	632	365
2003	179	0	2 283	41	689	281
2004	201	0	2 259	41	722	188
2005	181	0	2 095	41	663	156
2006	192	0	1 875	40	603	140
2007	207	0	1 795	12	584	143

ANEXO 22

Perdas e ganhos de alunos inscritos em Arquitectura, em Lisboa, por universidade. Período: 1998/99-2006/07

	Perdas e Ganhos
Moderna	-344
Lusíada	-341
FA	-167
Lusófona	-60
Independente	-8
ISA	24
UAL	189
ISCTE	229
IST	349

ANEXO 23

% de perdas e ganhos de alunos inscritos em Arquitectura,
em relação às perdas e ganhos totais acumulados no período,
em Lisboa, face ao subsector Privado.

Período: 1998/99-2006/07

	Perdas e Ganhos
Moderna	-36%
Lusíada	-36%
FA	-18%
Lusófona	-6%
ISA	3%
UAL	24%
ISCTE	29%
IST	44%

ANEXO 24

Taxa de variação anual de alunos inscritos em Arquitectura, nos subsectores
Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Público	Privado	Total Público e Privado
2000	7,03%	5,33%	5,89%
2001	1,30%	-0,03%	0,42%
2002	4,81%	-0,26%	1,46%
2003	10,72%	0,06%	3,80%
2004	0,58%	-1,79%	-0,90%
2005	-1,25%	-8,06%	-5,47%
2006	-0,05%	-9,12%	-5,52%
2007	1,16%	-3,82%	-1,73%

ANEXO 25

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em Arquitectura,
nas várias escolas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	% Perdas e Ganhos
Moderna	-107%
Internacional	-100%
Lusíada	-16%
FA	-13%
Lusófona	-7%
ISA	12%
Independente	15%
ISCTE	229%
IST	257%
UAL	382%

ANEXO 26

Quota de mercado em Arquitectura, na UAL, Lusíada, Lusófona e Moderna,
em Lisboa. Período: 1998/99 – 2006/07

	UAL	Lusíada	Lusófona	Moderna
1999	1%	65%	19%	15%
2000	2%	65%	17%	15%
2001	3%	67%	16%	13%
2002	4%	66%	18%	11%
2003	5%	66%	20%	8%
2004	6%	66%	21%	6%
2005	6%	67%	21%	5%
2006	7%	66%	21%	5%
2007	8%	65%	21%	5%

ANEXO 27

Evolução de alunos inscritos em Comunicação, no ensino público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Subtotal Público	Subtotal Privado	Subtotal Privado sem Católica	Total Público e Privado
1999	1542	3515	2878	5057
2000	1643	3359	2705	5002
2001	1630	3253	2554	4883
2002	1588	3360	2631	4948
2003	1545	3396	2656	4941
2004	1433	3209	2494	4642
2005	1436	2998	2211	4434
2006	1395	2538	1795	3933
2007	1318	2364	1659	3682

ANEXO 28

Evolução do n.º de alunos inscritos em Comunicação nas quatro escolas do subsector Público – FL, ISCSP, FCSH e o ESCSL. Período: 1998/99-2006/07

	FL	ISCSP	FCSH	ESCSL
1999	0	522	415	605
2000	0	536	422	685
2001	0	501	423	706
2002	0	498	411	679
2003	30	466	394	655
2004	67	411	363	592
2005	110	350	391	585
2006	148	332	384	531
2007	103	313	398	504

ANEXO 29

Evolução de alunos inscritos em Comunicação nas oito escolas do subsector Privado – Autónoma, Católica, Lusófona, ISEIT, Independente, IPES, ISCEM, e o ISLA, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	UAL	Católica	Independente	Lusófona	IPES	ISCEM	ISEIT	ISLA
1999	1 076	637	696	463	171	451	21	0
2000	1 014	654	579	526	123	442	21	0
2001	841	699	551	619	86	436	21	0
2002	721	729	576	795	66	437	36	0
2003	621	740	608	869	54	458	46	0
2004	484	715	592	913	37	415	53	0
2005	425	787	519	837	10	372	48	0
2006	297	743	421	729	0	315	33	0
2007	250	705	317	719	0	296	23	54

ANEXO 30

Perdas e ganhos de alunos de Comunicação, por universidade, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Ganhos e Perdas
UAL	-826
Independente	-379
ISCSP	-209
IPES	-171
ISCEM	-155
ESCSL	-101
Nova	-17
ISEIT	2
ISLA	54
Católica	68
FL	103
Lusófona	256

ANEXO 31

% de perdas e ganhos de alunos de Comunicação, em relação às perdas e ganhos totais acumulados no período, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	% Ganhos e Perdas
UAL	-44%
Independente	-20%
ISCSP	-11%
IPES	-9%
ISCEM	-8%
ESCSL	-5%
Nova	-1%
ISEIT	0%
ISLA	11%
Católica	14%
FL	21%
Lusófona	53%

ANEXO 32

Taxa de variação anual de alunos inscritos em Comunicação, nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Público	Privado	Privado s/ Católica	Total Público e Privado
2000	7%	-4%	-6%	-1%
2001	-1%	-3%	-6%	-2%
2002	-3%	3%	3%	1%
2003	-3%	1%	1%	0%
2004	-7%	-6%	-6%	-6%
2005	0%	-7%	-11%	-4%
2006	-3%	-15%	-19%	-11%
2007	-6%	-7%	-8%	-6%

ANEXO 33

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em Comunicação,
nas várias escolas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	% Ganhos e Perdas
IPES	-304%
UAL	-131%
Independente	-70%
ISCSP	-48%
ISCEM	-39%
ESCSL	-16%
Nova	-3%
Católica	11%
Lusófona	51%
FL	192%

ANEXO 34

Quota de mercado em Comunicação, no subsector Privado, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07

	UAL	Católica	Independente	Lusófona	ISCEM	ISLA
1999	30%	18%	20%	13%	13%	0%
2000	30%	19%	17%	16%	13%	0%
2001	26%	21%	17%	19%	13%	0%
2002	21%	22%	17%	24%	13%	0%
2003	18%	22%	18%	26%	13%	0%
2004	15%	22%	18%	28%	13%	0%
2005	14%	26%	17%	28%	12%	0%
2006	12%	29%	17%	29%	12%	0%
2007	11%	30%	13%	30%	13%	2%

ANEXO 35

Evolução de alunos inscritos em Informática no ensino público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Subtotal Público	Subtotal Privado	Total Público e Privado
1999	5251	3032	8283
2000	5472	2949	8421
2001	5878	2756	8634
2002	7302	2757	10059
2003	7758	2715	10473
2004	8193	2602	10795
2005	8296	2191	10487
2006	8240	1961	10201
2007	8903	1831	10734

ANEXO 36

Evolução de alunos inscritos em Informática nas sete escolas do subsector Público – FC (UL), IST (UTL), FCT (Nova), ISEGI (Nova), U. Aberta, ISEL (IPL), e o ISCTE, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	UL - FC	UTL - IST	Nova - FCT	Nova - ISEGI	Aberta	IPL - ISEL	ISCTE
1999	683	2 959	770	0	0	427	412
2000	716	2 948	751	0	46	525	486
2001	768	3 026	832	0	138	561	553
2002	888	3 297	1 438	0	329	717	633
2003	945	3 479	1 599	0	217	813	705
2004	879	3 473	1 714	199	344	873	711
2005	845	3 517	1 713	197	414	888	722
2006	836	3 514	1 662	199	456	867	706
2007	830	3 516	1 714	197	463	1 473	710

ANEXO 37

Evolução de alunos inscritos em Informática nas escolas mais relevantes do sub-sector Privado – UAL, Independente, Lusófona, Moderna, ISLA, ISTAL, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07

	UAL	Independente	Lusófona	Moderna	ISLA	ISTAL
1999	830	279	451	308	372	207
2000	831	301	424	246	331	246
2001	869	354	344	197	242	247
2002	960	330	415	155	203	227
2003	975	356	405	136	169	213
2004	919	395	401	90	148	224
2005	642	385	401	76	140	208
2006	636	324	362	76	111	160
2007	492	215	435	122	131	176

ANEXO 38

Perdas e ganhos de alunos de Informática, por universidade, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07

	Ganhos e Perdas
UAL	-338
ISLA	-241
ISIG	-229
Moderna	-186
ISG	-112
ISAEP	-76
Independente	-64
ISTAL	-31
Lusófona	-16
UL - FC	147
Nova - ISEGI	197
ISCTE	298
Aberta	463
UTL - IST	557
Nova - FCT	944
IPL - ISEL	1046

ANEXO 39

% de perdas e ganhos de alunos de Informática, em relação às perdas totais acumuladas no período, face ao subsector Privado, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07

	% Ganhos e Perdas
UAL	-26%
ISLA	-19%
ISIG	-18%
Moderna	-14%
ISG	-9%
ISAEP	-6%
Independente	-5%
ISTAL	-2%
Lusófona	-1%

ANEXO 40

Taxa de variação de alunos inscritos em Informática, nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Público	Privado	Total Público Privado
2000	4%	-3%	2%
2001	7%	-7%	3%
2002	24%	0%	17%
2003	6%	-2%	4%
2004	6%	-4%	3%
2005	1%	-16%	-3%
2006	-1%	-10%	-3%
2007	8%	-7%	5%

ANEXO 41

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em Informática,
nas várias escolas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	% Ganhos e Perdas
ISIG	-206%
ISG	-164%
ISLA	-91%
ISAEP	-70%
Moderna	-62%
UAL	-43%
Independente	-14%
ISTAL	-10%
Nova - ISEGI	-1%
Lusófona	3%
UTL	18%
UL	22%
ISCTE	58%
Nova - FCT	100%
IPL - ISEL	148%
Aberta	395%

ANEXO 42

Quota de mercado em Informática, no subsector Privado, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07

	UAL	Independente	Lusófona	Moderna	ISLA	ISTAL
1999	29%	10%	16%	11%	13%	7%
2000	31%	11%	16%	9%	12%	9%
2001	35%	14%	14%	8%	10%	10%
2002	39%	13%	17%	6%	8%	9%
2003	41%	15%	17%	6%	7%	9%
2004	40%	17%	18%	4%	6%	10%
2005	33%	20%	21%	4%	7%	11%
2006	37%	19%	21%	4%	6%	9%
2007	30%	13%	27%	8%	8%	11%

ANEXO 43

Evolução de alunos inscritos em Psicologia, no ensino público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Subtotal Público	Subtotal Privado	Total Público e Privado
1999	1003	4390	5393
2000	1020	4824	5844
2001	1002	5389	6391
2002	1083	5965	7048
2003	1055	5961	7016
2004	1060	5594	6654
2005	1040	5316	6356
2006	1053	4796	5849
2007	1044	4307	5351

ANEXO 44

Evolução de alunos inscritos em Psicologia, nas duas escolas do subsector Público – FPCE(UL) e ISCTE, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	FPCE	ISCTE
1999	778	225
2000	761	259
2001	718	284
2002	783	300
2003	755	300
2004	752	308
2005	740	300
2006	753	300
2007	743	301

ANEXO 45

Evolução de alunos inscritos em Psicologia, nas escolas do subsector Privado – UAL, Lusíada, Independente, Lusófona, Egas Moniz, ISEIT e ISPA, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07

	UAL	Lusíada	Independente	Lusófona	Egas Moniz	ISEIT	ISPA
1999	0	0	172	1 961	189	39	2 029
2000	0	0	219	2 253	181	107	2 064
2001	0	0	355	2 317	167	186	2 364
2002	51	85	457	2 317	137	235	2 683
2003	99	180	344	2 168	90	259	2 821
2004	148	270	372	1 922	56	251	2 575
2005	207	316	335	1 640	75	239	2 504
2006	221	290	303	1 356	79	220	2 327
2007	198	269	186	1 264	88	127	2 175

ANEXO 46

Perdas e ganhos de alunos inscritos em Psicologia por universidade, em Lisboa.

Período: 1998/99 – 2006/07.

	Ganhos e Perdas
Lusófona	-697
Egas Moniz	-101
UL	-35
Independente	14
ISCTE	76
ISEIT	88
ISPA	146
UAL	198
Lusíada	269

ANEXO 47

% de perdas e ganhos de alunos inscritos em Psicologia, em relação às perdas e ganhos totais acumulados no período, no subsector Privado, em Lisboa.

Período: 1998/99 – 2006/07.

	% Ganhos e Perdas
Lusófona	-87%
Egas Moniz	-13%
Independente	2%
ISEIT	12%
ISPA	20%
UAL	28%
Lusíada	38%

ANEXO 48

Taxa de variação anual de alunos inscritos em Psicologia, nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Público	Privado	Total Público e Privado
2000	1,69%	9,89%	8,36%
2001	-1,76%	11,71%	9,36%
2002	8,08%	10,69%	10,28%
2003	-2,59%	-0,07%	-0,45%
2004	0,47%	-6,16%	-5,16%
2005	-1,89%	-4,97%	-4,48%
2006	1,25%	-9,78%	-7,98%
2007	-0,85%	-10,20%	-8,51%

ANEXO 49

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em Psicologia, por escola, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	% Ganhos e Perdas
Egas Moniz	-51,36%
Lusófona	-38,82%
UL	-3,92%
ISPA	9,82%
ISCTE	30,80%
Independente	43,46%
Lusíada	163,33%
UAL	179,83%
ISEIT	226,66%

ANEXO 50

Quota de mercado em Psicologia, no subsector Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	UAL	Lusíada	Independente	Lusófona	Egas Moniz	ISEIT	ISPA
1999	0%	0%	4%	45%	4%	1%	46%
2000	0%	0%	5%	47%	4%	2%	43%
2001	0%	0%	7%	43%	3%	3%	44%
2002	1%	1%	8%	39%	2%	4%	45%
2003	2%	3%	6%	36%	2%	4%	47%
2004	3%	5%	7%	34%	1%	4%	46%
2005	4%	6%	6%	31%	1%	4%	47%
2006	5%	6%	6%	28%	2%	5%	49%
2007	5%	6%	4%	29%	2%	3%	50%

ANEXO 51

Evolução do número de alunos inscritos em R.I.,
nos ensinos público e privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Subtotal Público	Subtotal Privado	Total Público e Privado
1999	666	1117	1783
2000	733	874	1607
2001	753	671	1424
2002	752	632	1384
2003	769	613	1382
2004	749	557	1306
2005	675	534	1209
2006	701	461	1162
2007	682	565	1247

ANEXO 52

Evolução do número de alunos inscritos em R.I. nas duas escolas do subsector
Público – ISCSP da Universidade Técnica de Lisboa e Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07

	ISCSP	NOVA
1999	482	184
2000	493	240
2001	492	261
2002	482	270
2003	495	274
2004	468	281
2005	438	237
2006	409	292
2007	386	296

ANEXO 53

Evolução de alunos inscritos em R.I. nas escolas do subsector Privado – UAL, Católica, Lusíada, Lusófona e Independente, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	UAL	Católica	Lusíada	Independente	Lusófona
1999	325	0	638	154	0
2000	255	0	496	123	0
2001	186	0	390	95	0
2002	183	0	330	119	0
2003	170	0	267	176	0
2004	140	0	212	205	0
2005	109	37	166	222	0
2006	104	48	111	198	0
2007	76	82	101	147	159

ANEXO 54

Perdas e ganhos de alunos inscritos em R.I., por universidade, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07

	Ganhos e Perdas
Lusíada	-537
UAL	-249
ISCSP	-96
Independente	-7
Católica	82
Nova	112
Lusófona	159

ANEXO 55

% de perdas e ganhos de alunos inscritos em R.I., em relação às perdas e ganhos totais acumulados, relativo ao subsector Privado, em Lisboa.

Período: 1998/99-2006/07

	% Perdas e Ganhos
Lusíada	-68%
UAL	-31%
Independente	-1%
Católica	34%
Lusófona	66%

ANEXO 56

Taxa de variação anual de alunos inscritos em R.I., nos subsectores Público e Privado, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	Público	Privado	Total Público e Privado
2000	10%	-22%	-10%
2001	3%	-23%	-11%
2002	0%	-6%	-3%
2003	2%	-3%	0%
2004	-3%	-9%	-5%
2005	-10%	-4%	-7%
2006	4%	-14%	-4%
2007	-3%	23%	7%

ANEXO 57

Taxa de variação acumulada de alunos inscritos em R.I., nas várias escolas, em Lisboa. Período: 1998/99-2006/07

	% Perdas e Ganhos
UAL	-102%
Lusíada	-99%
ISCSP	-21%
Independente	18%
Nova	56%
Católica	101%

ANEXO 58

Quota de mercado em Relações Internacionais, no subsector Privado, em Lisboa.
Período: 1998/99-2006/07

	UAL	Católica	Lusíada	Independente	Lusófona
1999	29%	0%	57%	14%	0%
2000	29%	0%	57%	14%	0%
2001	28%	0%	58%	14%	0%
2002	29%	0%	52%	19%	0%
2003	28%	0%	44%	29%	0%
2004	25%	0%	38%	37%	0%
2005	20%	7%	31%	42%	0%
2006	23%	10%	24%	43%	0%
2007	13%	15%	18%	26%	28%